



DIAGNÓSTICO DA AGROINDÚSTRIA FAMILIAR NO ESPÍRITO SANTO:

Resultados da pesquisa 2018

Mariana Barboza Vinha
Rachel Quandt Dias



**DIAGNÓSTICO DA AGROINDÚSTRIA
FAMILIAR NO ESPÍRITO SANTO:
Resultados da pesquisa 2018**

*Mariana Barboza Vinha
Rachel Quandt Dias*

**Vitória, ES
2019**

© 2019 – **Incaper**

Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural
Rua Afonso Sarlo, 160 - Bento Ferreira - CEP 29052-010 - Vitória-ES - Brasil
Caixa Postal: 391 - Telefones: (27)3636-9888 / 3636-9846
www.incaper.es.gov.br / coordenacaoeditorial@incaper.es.gov.br

ISBN 978-85-89274-33-3

Editor: Incaper

Formato digital

Outubro 2019

Conselho Editorial

Presidente – Nilson Araujo Barbosa

Gerência de Transferência de Tecnologia e Conhecimento - Sheila Cristina Prucoli Posse

Gerência de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação - Luiz Carlos Prezotti

Gerência de Assistência Técnica e Extensão Rural - Celia Jaqueline Sanz Rodriguez

Coordenação Editorial - Aparecida de Lourdes do Nascimento

Membros:

Anderson Martins Pilon

André Guarçoni Martins

Cintia Aparecida Bremenkamp

Fabiana Gomes Ruas

Maurício Lima Dan

José Aires Ventura

Marianna Abdalla Prata Guimarães

Renan Batista Queiroz

Capa: Cristiane Gianezi da Silveira

Revisão Textual: Raquel Vaccari de Lima Loureiro

Ficha Catalográfica: Merielem Frasson da Silva

Incaper
Biblioteca Rui Tendinha
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V784 Vinha, Mariana Barboza
Diagnóstico da agroindústria familiar no Espírito Santo :
resultados da pesquisa 2018 / Mariana Barboza Vinha e
Rachel Quandt Dias. -- Vitória, ES : Incaper, 2019.
61 p. : il. color.

ISBN 978-85-89274-33-3

1. Espírito Santo (Estado). 2. Industria Agrícola. 3.
Cadeia Produtiva. 4. Processamento. 5. Agricultura
Familiar. I. Vinha, Mariana Barboza. II. Dias, Rachel
Quandt. III. Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência
Técnica e Extensão Rural. IV. Título.

CDD 338.4098152

AUTORAS

Mariana Barboza Vinha

Engenheira de Alimentos, M.Sc. em Tecnologia de Alimentos, Agente de Extensão em Desenvolvimento Rural do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper).

Rachel Quandt Dias

Médica Veterinária, Especialista em Processamento e Controle de Qualidade de Carnes, Leite, Ovos e Pescado e em Educação e Gestão Ambiental, Agente de Extensão em Desenvolvimento Rural do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper).

COLABORADORES (Entrevistadores): ordem alfabética

| | | |
|--|--|---|
| <i>Abel Lopes Costa</i> | <i>Ederaldo Panceri Flegler</i> | <i>José Marcos Spala Oliveira</i> |
| <i>Adriano Correa de Jesus</i> | <i>Ediézio Vimercate De Carvalho</i> | <i>Jose Mauro Bunicenha</i> |
| <i>Adriano de Jesus Machado</i> | <i>Edna Silva de Abreu</i> | <i>Jozyellen Nunes da Costa</i> |
| <i>Adriano Marques Spínola</i> | <i>Elmo Pereira Ramos</i> | <i>Leandro de Almeida Resende</i> |
| <i>Alessandro Sherrer</i> | <i>Enésio Francisco De Oliveira</i> | <i>Leandro Guarnier de Aguiar</i> |
| <i>Alex Fabian Rabelo Teixeira</i> | <i>Erivelton Gonçalves da Cunha</i> | <i>Leandro Mendel da Cruz</i> |
| <i>Aline Ariani Barbosa Boscaglia</i> | <i>Evaldo de Paula</i> | <i>Lucas Florencio De Medeiros</i> |
| <i>Aline Chaves Pereira</i> | <i>Fabiano Henriques</i> | <i>Luiz Henrique Lima Caiado</i> |
| <i>Almir Gonçalves Vianna</i> | <i>Fábio Lopes Dalbom</i> | <i>Maísa Mação Puppim</i> |
| <i>Ana Paula de Oliveira Siqueira</i> | <i>Fabio Selva Stelzer</i> | <i>Marcelino Silva de Melo</i> |
| <i>Ana Paula Pereira de Castro</i> | <i>Felipe Silveira Vilasboas</i> | <i>Maria Cristina Rodrigues Firmino</i> |
| <i>Anderson G. Pagotto de Moura</i> | <i>Fernanda Casagrande Macedo</i> | <i>Odair Braido</i> |
| <i>Angelica Carvalhais De Oliveira</i> | <i>Gabriel Graciliano Guzzo Rosa</i> | <i>Patricia Estevam</i> |
| <i>Antonio Locateli</i> | <i>Galderes Magalhaes De Oliveira</i> | <i>Paulo Sergio Marion Guio</i> |
| <i>Antônio Mário Krohling</i> | <i>Gerlane Almeida Silva Rodrigues</i> | <i>Paulo Shalders</i> |
| <i>Antonio Neto Magevski</i> | <i>Glauca Angelica P. de Souza</i> | <i>Priscila de Oliveira Nascimento</i> |
| <i>Arestides O. de Oliveira Júnior</i> | <i>Gustavo Ferreira Moulin</i> | <i>Rafael Vieira de Azevedo</i> |
| <i>Arieli Altoé</i> | <i>Hanny Heni Slany Pereira</i> | <i>Ranusa Coffler</i> |
| <i>Aristodemos de Paiva Hassem</i> | <i>Haroldo Mascarenhas Da Silva</i> | <i>Raoni Ludovino de Sá</i> |
| <i>Bruno Pella</i> | <i>Hebert Vasconcellos Ferreira</i> | <i>Roberto Ramos Sobreira</i> |
| <i>Carlos Marcos Alves Dos Santos</i> | <i>Heverton Joaquim D. de Amorim</i> | <i>Robson Alves de Almeida</i> |
| <i>Carlos Roberto Gomes Cândido</i> | <i>Iosmar Luiz Mansk</i> | <i>Rogério Durães de Oliveira</i> |
| <i>Carolina Santibañez Fernandes</i> | <i>Ivan Marcelo Lins Nogueira</i> | <i>Rolidei Ferreira Gomes Soares</i> |
| <i>Cassia Roberta De O. Morais</i> | <i>Ivanildo Schmith Küster</i> | <i>Sérgio Lorecine Pereira</i> |
| <i>Cassio de Faria Venturini</i> | <i>Ivo Miranda Pereira Tebaldi</i> | <i>Sérgio Luiz Gaíba Batista</i> |
| <i>Ceania Prates Ferreira Costa</i> | <i>Jacinta Cristiana Barbosa</i> | <i>Simone Berbeti Pacheco Lage</i> |
| <i>Célio Roberto Cuquetto</i> | <i>Jarbas Teixeira Borges Júnior</i> | <i>Suely Ferreira da Cruz</i> |
| <i>Cesar Abel Krohling</i> | <i>Jean Gomes de Moraes</i> | <i>Tálita Vieira Fideles</i> |
| <i>Cintia Aparecida Bremenkamp</i> | <i>João Batista Bragatto Trazzi</i> | <i>Tassio da Silva de Souza</i> |
| <i>Claudio Rodex Junior</i> | <i>João Marcos Martins Cardoso</i> | <i>Tiago dos Santos</i> |
| <i>Cristiano de Oliveira Catheringer</i> | <i>João Miranda dos Santos</i> | <i>Túlio Luís Borges de Lima</i> |
| <i>Dalton Ribeiro</i> | <i>João Paulo Ramos</i> | <i>Vera Lucia Martins Santos</i> |
| <i>Daniel do Nascimento Duarte</i> | <i>Joelson Sutil Jesus Ferreira</i> | <i>Victor dos Santos Rossi</i> |
| <i>Domingos de Jesus</i> | <i>Jorge Antonio S. de Magalhães</i> | <i>Waldemar da Silva Belem Júnior</i> |
| <i>Dorotoéia Altoé Falqueto</i> | <i>José Antônio P. do Nascimento</i> | <i>Wathaanderson de Souza Rocha</i> |
| <i>Douglas Gonzaga de Sousa</i> | <i>José Henrique Teixeira Chieppe</i> | <i>Wesley Zambom Da Silva</i> |

AGRADECIMENTOS

Registramos o reconhecimento e agradecimento aos extensionistas rurais e demais servidores dos Escritórios Locais de Desenvolvimento Rural do Incaper, bem como aos técnicos das Secretarias Municipais de Agricultura, pela condução das entrevistas de campo e demais atividades de apoio que possibilitaram a realização deste trabalho. E, não menos, aos empreendedores familiares pela disponibilidade das informações e pela confiança imputada a todos que juntamente com eles se esmeraram em cumprir valiosa tarefa. Sem o comprometimento e envolvimento de todos, este estudo não teria sido possível.

As autoras.

APRESENTAÇÃO

As agroindústrias familiares no Espírito Santo iniciaram suas atividades na década de 1990. No entanto, encontram-se ainda hoje em franca expansão e desenvolvimento e estão presentes em todos os municípios do interior do estado. Os primeiros estudos sobre as agroindústrias no estado foram realizados em 2003, por ocasião da elaboração do Plano Estratégico da Agricultura Capixaba (PEDEAG). A partir de então, dados obtidos em levantamentos e pesquisas de campo passaram a ser analisados e sistematizados pelo Incaper, e um relatório circunstanciado sobre a atividade foi elaborado em 2015, a partir dos dados obtidos na pesquisa realizada nos anos de 2013 e 2014. Tal documento tornou-se referência para diversos segmentos e atores interessados na temática, tais como instituições e gestores públicos estaduais e municipais, instituições de ensino e estudantes de cursos técnicos, de graduação e de pós-graduação, agricultores familiares e suas representações, empreendedores rurais, dentre outros, justificando-se assim a necessidade de publicação das informações atualizadas sobre as agroindústrias familiares, atividade de suma relevância para o desenvolvimento social e econômico do rural capixaba.

Cleber Bueno Guerra
Diretor Administrativo-Financeiro
do Incaper

Nilson Araujo Barbosa
Diretor-Técnico do Incaper

Antonio Carlos Machado
Diretor-Presidente do Incaper

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 9 |
| 2.1 | TIPO DE PESQUISA | 9 |
| 2.2 | SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS | 9 |
| 2.3 | COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS | 10 |
| 2.4 | LIMITAÇÕES DO MÉTODO | 10 |
| 3 | CONSIDERAÇÕES SOBRE OS EMPREENDIMENTOS PESQUISADOS | 10 |
| 3.1 | TEMPO DE EXISTÊNCIA DOS EMPREENDIMENTOS | 10 |
| 3.2 | ORGANIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO JURÍDICA DAS AGROINDÚSTRIAS | 11 |
| 3.2.1 | Participação dos empreendimentos individuais em organizações sociais | 11 |
| 3.2.2 | Organização social dos empreendimentos coletivos | 12 |
| 3.3 | INSERÇÃO DO EMPREENDIMENTO EM ROTAS OU CIRCUITOS TURÍSTICOS | 12 |
| 4 | PERFIL DOS ENTREVISTADOS | 12 |
| 4.1 | INFORMAÇÕES PESSOAIS (SEXO, IDADE, ESTADO CIVIL, ESCOLARIDADE E ORIGEM) | 12 |
| 4.2 | FUNÇÃO EXERCIDA NA AGROINDÚSTRIA | 14 |
| 4.3 | REPRESENTAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR | 14 |
| 4.4 | MEIOS DE COMUNICAÇÃO UTILIZADOS E ACESSO A INFORMAÇÕES TÉCNICAS | 15 |
| 4.4.1 | Veículos de comunicação utilizados | 15 |
| 4.4.2 | Meios de acesso a informações técnicas | 15 |
| 4.4.3 | Utilização de redes sociais | 16 |
| 5 | IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DAS AGROINDÚSTRIAS | 17 |
| 5.1 | DENOMINAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA | 17 |
| 5.2 | LOCALIZAÇÃO DO ESTABELECIMENTO (RURAL OU URBANA) | 17 |
| 5.2.1 | Informações sobre as propriedades rurais | 17 |
| 6 | CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA ATIVIDADE | 18 |
| 6.1 | ETAPA DE IMPLANTAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA | 18 |
| 6.1.1 | Recursos investidos na implantação da atividade | 19 |
| 6.2 | CONTRIBUIÇÃO DA ATIVIDADE PARA A RENDA FAMILIAR | 20 |
| 6.3 | FATURAMENTO DAS AGROINDÚSTRIAS | 20 |
| 6.3.1 | Receita bruta das agroindústrias individuais | 22 |
| 6.3.2 | Receita bruta das agroindústrias coletivas | 23 |
| 6.3.3 | Faturamento das agroindústrias por tipo de produto | 23 |
| 6.4 | MÃO DE OBRA UTILIZADA E SUAS ATRIBUIÇÕES NO EMPREENDIMENTO | 24 |
| 6.4.1 | Pessoas ocupadas na atividade | 24 |
| 6.4.2 | Atribuições desempenhadas no empreendimento | 24 |
| 6.4.3 | Mão de obra empregada na etapa de agroindustrialização | 25 |
| 6.4.4 | Características da mão de obra nas agroindústrias individuais | 26 |
| 6.4.4.1 | Diferenciação da mão de obra por sexo | 26 |
| 6.4.4.2 | Composição familiar e participação dos familiares na atividade | 27 |
| 6.4.4.3 | Participação dos filhos no empreendimento familiar | 27 |
| 6.4.4.4 | Mão de obra das agroindústrias individuais por categoria de produto | 27 |
| 6.4.5 | Características da mão de obra nas agroindústrias coletivas | 28 |
| 6.4.5.1 | Diferenciação da mão de obra por sexo | 28 |
| 6.4.5.2 | Mão de obra em agroindústrias coletivas por categoria de produto | 28 |
| 6.5 | BENEFÍCIOS SOCIOECONÔMICOS GERADOS PELA ATIVIDADE | 29 |
| 6.6 | OUTRAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS EMPREENDEDORES | 29 |
| 7 | ESTRUTURA FÍSICA DAS AGROINDÚSTRIAS | 30 |
| 7.1 | LOCAL DE FABRICAÇÃO DOS PRODUTOS | 30 |
| 7.2 | ÁREA FÍSICA OCUPADA PELA AGROINDÚSTRIA | 31 |

| | | |
|--------------|--|----|
| 7.3 | VIAS DE ACESSO AOS ESTABELECIMENTOS | 31 |
| 7.4 | UTILIZAÇÃO DA ÁGUA NA AGROINDÚSTRIA | 31 |
| 7.4.1 | Origem da água | 31 |
| 7.4.2 | Tipos de reservatórios utilizados | 32 |
| 7.4.3 | Tratamento da água utilizada na agroindústria | 32 |
| 7.4.4 | Monitoramento da qualidade microbiológica da água | 33 |
| 7.5 | DESTINAÇÃO DOS RESÍDUOS DA PRODUÇÃO | 33 |
| 7.5.1 | Resíduos sólidos | 33 |
| 7.5.2 | Efluentes líquidos | 34 |
| 8 | ASPECTOS DO PROCESSO PRODUTIVO | 35 |
| 8.1 | PERIODICIDADE DE FUNCIONAMENTO DA AGROINDÚSTRIA | 35 |
| 8.2 | MATÉRIAS PRIMAS PROCESSADAS | 35 |
| 8.2.1 | Principais matérias-primas processadas pelas agroindústrias | 35 |
| 8.2.2 | Origem das matérias-primas | 35 |
| 8.3 | INSUMOS E EMBALAGENS | 36 |
| 8.4 | BOAS PRÁTICAS DE FABRICAÇÃO (BPF) | 37 |
| 8.5 | ASSISTÊNCIA TÉCNICA | 37 |
| 8.6 | GESTÃO DA PRODUÇÃO | 38 |
| 9 | PRODUTOS FABRICADOS PELOS EMPREENDIMENTOS | 38 |
| 9.1 | VARIEDADE E QUALIDADE DOS PRODUTOS OFERTADOS | 38 |
| 9.1.1 | Principais grupos de produtos fabricados | 39 |
| 9.2 | CATEGORIAS DE PRODUTOS PROCESSADOS NAS AGROINDÚSTRIAS | 40 |
| 9.2.1 | Produtos de origem vegetal (POV) | 40 |
| 9.2.2 | Produtos de origem animal (POA) | 43 |
| 9.2.3 | Bebidas (BEB) | 45 |
| 9.3 | ROTULAGEM DOS PRODUTOS FABRICADOS | 46 |
| 10 | FORMALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO | 48 |
| 10.1 | FORMALIZAÇÃO JURÍDICA | 48 |
| 10.2 | REGISTRO SANITÁRIO DO ESTABELECIMENTO E DOS PRODUTOS | 49 |
| 10.3 | LICENCIAMENTO AMBIENTAL | 50 |
| 10.4 | ALVARÁ DE FUNCIONAMENTO DA PREFEITURA | 52 |
| 10.5 | RELACIONAMENTO COM OS ÓRGÃOS DE FISCALIZAÇÃO | 52 |
| 11 | COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS | 52 |
| 11.1 | CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO | 52 |
| 11.2 | COMERCIALIZAÇÃO EM OUTROS MUNICÍPIOS | 53 |
| 11.3 | FORMALIZAÇÃO DAS VENDAS | 54 |
| 11.4 | PREÇO DE VENDA DOS PRODUTOS | 55 |
| 11.5 | DIVULGAÇÃO DOS PRODUTOS | 55 |
| 11.6 | DIFICULDADES NA COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS | 57 |
| 11.7 | FREQUÊNCIA DE OFERTA DOS PRODUTOS NO MERCADO | 57 |
| 12 | DESAFIOS APRESENTADOS NO EXERCÍCIO DA ATIVIDADE | 58 |
| 13 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 59 |
| | REFERÊNCIAS | 60 |

1 INTRODUÇÃO

As agroindústrias familiares representam um importante papel social e econômico no desenvolvimento do meio rural capixaba, principalmente quando associadas às atividades do agroturismo, colocando o estado do Espírito Santo em uma posição de destaque neste segmento.

Para efeito deste trabalho, considera-se agroindustrialização o beneficiamento e/ou processamento dos produtos alimentícios provenientes de produção agropecuária e de explorações aquícolas, pesqueiras e florestais, abrangendo desde processos simples, como classificação e embalagem de produtos *in natura*, até os processos mais complexos, como produção de embutidos, bebidas fermentadas e queijos, realizados em pequenas e médias agroindústrias.

O termo “agroindústria familiar” foi utilizado de forma geral para designar empreendimentos envolvidos com a atividade de agroindustrialização. Ainda que em fase inicial, fabricados em estruturas incipientes ou mesmo nas residências, os produtos resultantes dessa atividade são culturalmente reconhecidos como “produtos da agroindústria”, principalmente quando associados ao meio rural. Não só a presente pesquisa, mas outras anteriores realizadas no Espírito Santo e em outros estados apontam tal atividade essencialmente sob a gestão de uma ou de algumas famílias, configurando a gestão familiar dos empreendimentos. Daí o termo “agroindústria familiar” para caracterizar a atividade objeto deste estudo.

No Espírito Santo, as produções de doces, bebidas, conservas, queijos, embutidos e carnes defumadas eram práticas comuns no meio rural e tinham como principal objetivo aproveitar os excedentes da produção agropecuária e evitar a perda dos produtos agrícolas pela rápida deterioração. Inicialmente eram fabricados para o consumo familiar e com o passar dos anos passaram a ser comercializados como forma de obter renda e agregar valor à produção agrícola da propriedade. Ao adquirir relevância econômica, o desenvolvimento da atividade passa a enfrentar desafios, principalmente no que diz respeito aos aspectos legais para sua regularização, seja do ponto de vista sanitário, seja de constituição jurídica. A atenção a esses requisitos faz-se necessária para viabilizar a inserção dos produtos nos canais de comercialização preservando sua identidade sociocultural, mas também garantindo a oferta de alimentos com qualidade assegurada, em busca de um equilíbrio entre a viabilidade da atividade, a saúde pública e o respeito aos direitos do consumidor.

O objetivo desta pesquisa foi o de atualizar as informações sobre as agroindústrias familiares em todo estado do Espírito Santo quanto à sua caracterização social e econômica, abrangendo aspectos de localização, estrutura física, tipo e volume de produtos processados, qualificação e quantificação da mão de obra empregada, constituição jurídica, registro sanitário, licenciamento ambiental, canais de comercialização, entre outras informações.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi conduzida pela Coordenação de Segurança Alimentar e Estruturação da Comercialização do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), realizada entre janeiro e dezembro de 2018. Foram selecionadas para estudo agroindústrias familiares localizadas em todas as regiões do Espírito Santo, contemplando empreendimentos em 75 dos 77 municípios, excluindo-se do universo da pesquisa apenas a capital do estado, Vitória.

2.1 TIPO DE PESQUISA

Foi realizada pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas e aplicação de um questionário a representantes dos empreendimentos. Os itens do questionário foram agrupados em dez blocos: dados do entrevistado; identificação e localização da agroindústria; caracterização socioeconômica da agroindústria; agroindústria individual; agroindústria coletiva; estrutura física da agroindústria; matéria-prima, insumos e embalagens; formalização do empreendimento; produção e comercialização. Os entrevistadores foram os agentes de extensão rural do Incaper (97,4%) e servidores municipais vinculados principalmente às Secretarias Municipais de Agricultura. O questionário aplicado foi elaborado com base no utilizado na pesquisa realizada em 2013/2014, com atualizações promovidas pela Coordenação de Segurança Alimentar e Estruturação da Comercialização do Incaper e por extensionistas rurais dos Escritórios Locais de Desenvolvimento Rural do Instituto.

2.2 SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS

O número estimado de agroindústrias existentes no estado foi obtido com base em pesquisas anteriores, buscas na internet, inscrições em feiras e eventos estaduais e informações obtidas com escritórios locais do Incaper. Com base no quantitativo obtido de 1.651 empreendimentos, calculou-se o número mínimo de entrevistas a serem realizadas, meta estadual, para obter um resultado com 95% de confiança e margem de erro de 4%.

Com base na meta estadual, foi estipulado o quantitativo mínimo de entrevistas a serem realizadas pelos municípios, de forma proporcional ao percentual de estabelecimentos estimado em cada um deles. A meta regional foi estabelecida pelo somatório das metas dos municípios pertencentes a cada macrorregião do estado (GEOBASES, 2017). A meta total estabelecida no estado foi de 448 entrevistas. Foram entrevistados 465 produtores, equivalendo a 104% da meta (Tabela 1).

Tabela 1 – Metas estabelecidas e entrevistas realizadas em 2018

| Região* | Número de agroindústrias | Meta regional | Entrevistas realizadas | Percentual de entrevistas por região em relação ao total de entrevistas |
|-------------------|--------------------------|---------------|------------------------|---|
| (1) Metropolitana | 488 | 133 | 130 | 28,0% |
| (2) Norte | 226 | 60 | 78 | 16,8% |
| (3) Central | 306 | 83 | 74 | 15,9% |
| (4) Sul | 631 | 172 | 183 | 39,3% |
| Estado | 1.651 | 448 | 465 | 100,0% |

Fonte: *GEOBASES, 2017.

Os empreendimentos foram selecionados aleatoriamente pelos entrevistadores com base nas metas estabelecidas pela equipe coordenadora.

2.3 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

O levantamento de dados ocorreu por meio de entrevistas com os representantes das agroindústrias familiares. Os entrevistadores foram orientados por meio do manual de orientações para o preenchimento do questionário intitulado “Caracterização da agroindústria familiar no estado do Espírito Santo – 2018”. Foram incluídos empreendimentos em diferentes fases de desenvolvimento, bem como os não regularizados ou que não possuem local de fabricação próprio, desde que realizassem o processamento com o intuito de comercializar os produtos. Os dados obtidos por meio dos questionários preenchidos em campo foram lançados pelos entrevistadores em formulários eletrônicos, a partir dos quais foi extraída uma planilha mestra que serviu de base para análise e tratamento dos dados coletadas. Os resultados foram apresentados considerando-se o universo total das respostas (informações em âmbito estadual), e, quando necessário e oportuno, acrescidos de recortes regionais. Os dados provenientes do levantamento de campo foram tabulados, agrupados, analisados e disponibilizados neste documento para apreciação, discussão e crítica pelos segmentos de interesse ou a quem mais possa interessar.

2.4 LIMITAÇÕES DO MÉTODO

Ainda que se tenha buscado obter maior representatividade possível na amostragem dos entrevistados, deve-se considerar as seguintes situações ao se analisar os dados resultantes da pesquisa: 1. A referência quantitativa de agroindústrias é do ano de 2017, tendo muito provavelmente havido aumento desse número em 2018; 2. Embora a meta estadual tenha sido cumprida, houve regiões que extrapolaram a meta estabelecida, enquanto outras não a atingiram; 3. A seleção dos empreendimentos foi feita de forma aleatória pelos entrevistadores, desconsiderando-se a proporcionalidade do quantitativo amostrado por tipologia de produtos fabricados e organização social dos empreendimentos (individuais ou coletivos).

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS EMPREENDIMENTOS PESQUISADOS

3.1 TEMPO DE EXISTÊNCIA DOS EMPREENDIMENTOS

O tempo de existência das agroindústrias variou entre menos de um ano a 86 anos, com média de 13,2 anos em funcionamento. Considerando o período de existência em intervalos de cinco anos, constatou-se

que mais da metade dos empreendimentos (54,0%) possuía até dez anos de existência e que 82,8% funcionava por até 20 anos (Figura 1).

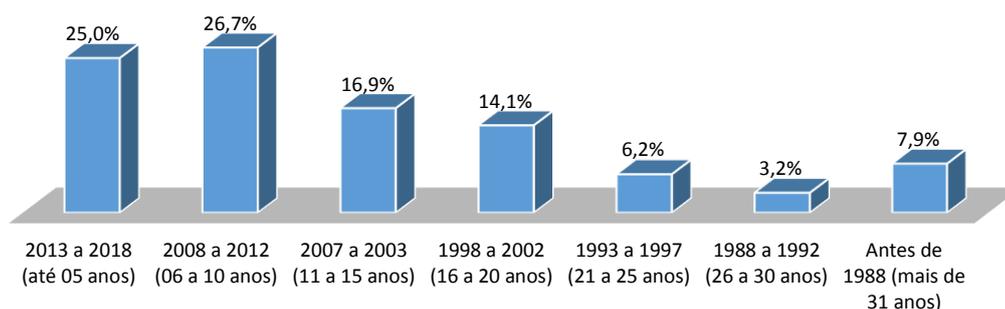


Figura 1 - Percentual de estabelecimentos conforme ano de início de suas atividades.

O tempo de existência das agroindústrias nas quatro regiões segue a tendência do Estado, com predomínio de estabelecimentos mais novos e um crescimento mais expressivo da atividade a partir do final da década de 1990.

3.2 ORGANIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO JURÍDICA DAS AGROINDÚSTRIAS

A organização das agroindústrias foi classificada como individual, grupo informal, associação, cooperativa e sociedade empresarial. A agroindústria individual é aquela gerenciada por apenas uma família de agricultores. Empreendimentos geridos por mais de uma família podem ser associações, cooperativas ou sociedades empresariais, que diferem entre si quanto à formalização jurídica. O grupo informal é uma organização constituída por mais de uma família de produtores e que não possui formalização jurídica.

Constatou-se o predomínio de agroindústrias individuais entre os empreendimentos entrevistados nas quatro regiões (Tabela 2). Apenas 11,2% dos empreendimentos são coletivos (52), sendo 31 associações, 11 grupos informais, 2 cooperativas e 8 sociedades empresariais. A região Norte destacou-se pelo maior percentual de associações (15,4%) e de grupos informais (3,8%).

Tabela 2 - Organização e constituição jurídica dos empreendimentos por região

| Tipo de agroindústria | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|-----------------------|-------|---------|---------------|-------|--------|
| Individual | 76,9% | 89,2% | 91,3% | 92,0% | 88,8% |
| Associação | 15,4% | 6,8% | 5,1% | 4,0% | 6,7% |
| Grupo informal | 3,8% | 2,7% | 1,4% | 2,3% | 2,4% |
| Cooperativa | 1,3% | 0,0% | 0,7% | 0,0% | 0,4% |
| Sociedade empresarial | 2,6% | 1,4% | 1,4% | 1,7% | 1,7% |

3.2.1 Participação dos empreendimentos individuais em organizações sociais

Embora predominem estabelecimentos individuais, constatou-se que em 84,5% deles há ao menos um familiar pertencente a associações, sindicatos, cooperativas ou em outros grupos sociais. A maior parte está vinculada a associações (54,8%) e a sindicatos (43,7%).

3.2.2 Organização social dos empreendimentos coletivos

As associações destacam-se como o principal tipo de agroindústria coletiva, representadas por 61,2% dos empreendimentos coletivos visitados. Em seguida, tem-se os grupos informais (18,4%) e as sociedades empresariais (16,3%). As cooperativas equivalem a 4,1% dos empreendimentos coletivos entrevistados. As agroindústrias coletivas possuem em média 9,4 famílias envolvidas da atividade, sendo um mínimo de duas e o máximo de 56. As sociedades empresariais possuem menor número médio de famílias envolvidas (entre duas e três).

3.3 INSERÇÃO DO EMPREENDIMENTO EM ROTAS OU CIRCUITOS TURÍSTICOS

A maioria dos estabelecimentos (76,6%), individuais ou coletivos, não está inserida em rotas ou circuitos turísticos. A região Metropolitana possui maior percentual de agroindústrias (29,0%) localizadas em rotas ou circuitos turísticos, e a região Norte possui o menor percentual (11,5%).

4 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

4.1 INFORMAÇÕES PESSOAIS (SEXO, IDADE, ESTADO CIVIL, ESCOLARIDADE E ORIGEM)

Os entrevistados foram os próprios produtores responsáveis pelas agroindústrias ou participantes da atividade aptos a responderem às questões, como membros da família gestora, sócios ou associados, com diferentes atribuições no empreendimento e participação em uma ou mais etapas, desde a produção da matéria-prima até à comercialização dos produtos. A maior parte dos entrevistados foram do sexo masculino (Figura 2), sendo que a região Norte apresentou maior percentual de homens entrevistados (65,4%).

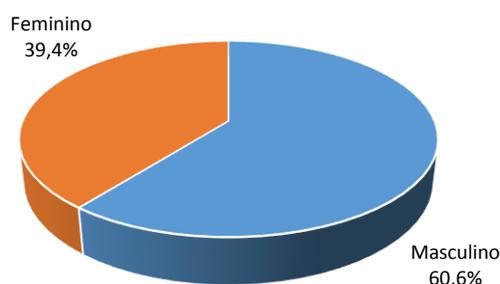


Figura 2 – Percentual de entrevistados pertencentes aos sexos masculino e feminino.

Adultos de 30 a 59 anos de idade representaram 74,6% dos produtores entrevistados, tendo a grande maioria destes mais 40 anos (Figura 3). A participação na pesquisa de pessoas com mais de 60 anos (17,8%) foi, em média, maior que o dobro da participação de jovens até 29 anos (7,5%). Declararam-se casados ou em união estável 86,2% dos entrevistados. Os demais declararam-se solteiros (8,4%), divorciados (3,0%) ou viúvos (2,4%). Entre os jovens de 18 a 29 anos, 60,0% declararam-se solteiros.

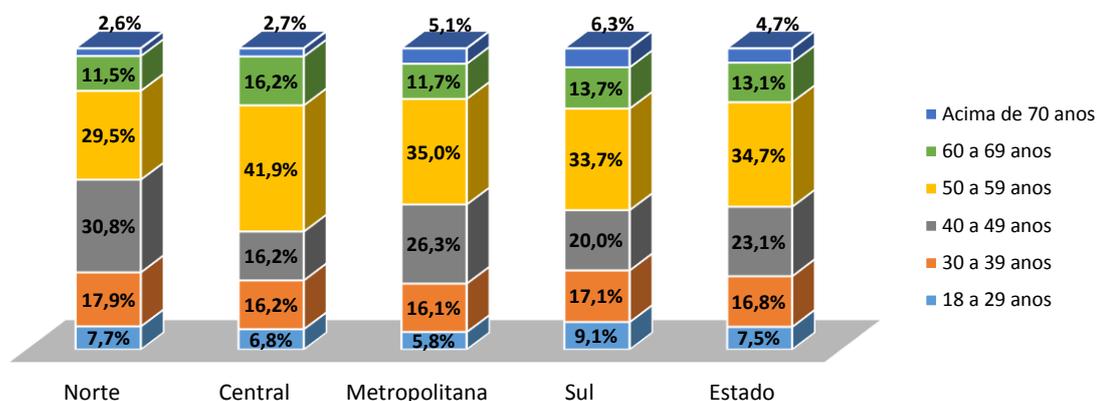


Figura 3 – Faixa etária dos entrevistados por região.

Quanto ao grau de escolaridade, a maioria dos produtores (53,4%) não concluiu o ensino médio, sendo que apenas 0,6% deles não sabem ler e/ou escrever. A região Norte possui maior percentual de entrevistados com ensino médio completo (38,5%) e o menor percentual de iniciantes no ensino superior (1,3%). A região Central destacou-se pelo maior índice de graduados (16,4%) e de pós-graduados (1,4%), equivalentes a quase o dobro e a mais do triplo da média no estado, respectivamente. Em contrapartida, esta região apresentou o maior índice de entrevistados que não sabiam ler e/ou escrever, seguida da região Norte.

Considerando-se apenas as agroindústrias individuais, identificou-se que a maior parte dos entrevistados descende de famílias de imigrantes italianos (71,5%), seguidos de descendentes de alemães (14,4%) e portugueses (12,0%). A origem italiana é a principal em todas as regiões do estado. O maior percentual de afrodescendentes encontra-se na região Norte (14,6%). A presença dos pomeranos foi registrada apenas na região Metropolitana, nos municípios de Santa Maria de Jetibá e Domingos Martins. Cabe ressaltar que a maioria das famílias possui mais de uma origem, portanto o somatório dos percentuais excede 100% (Figura 4).

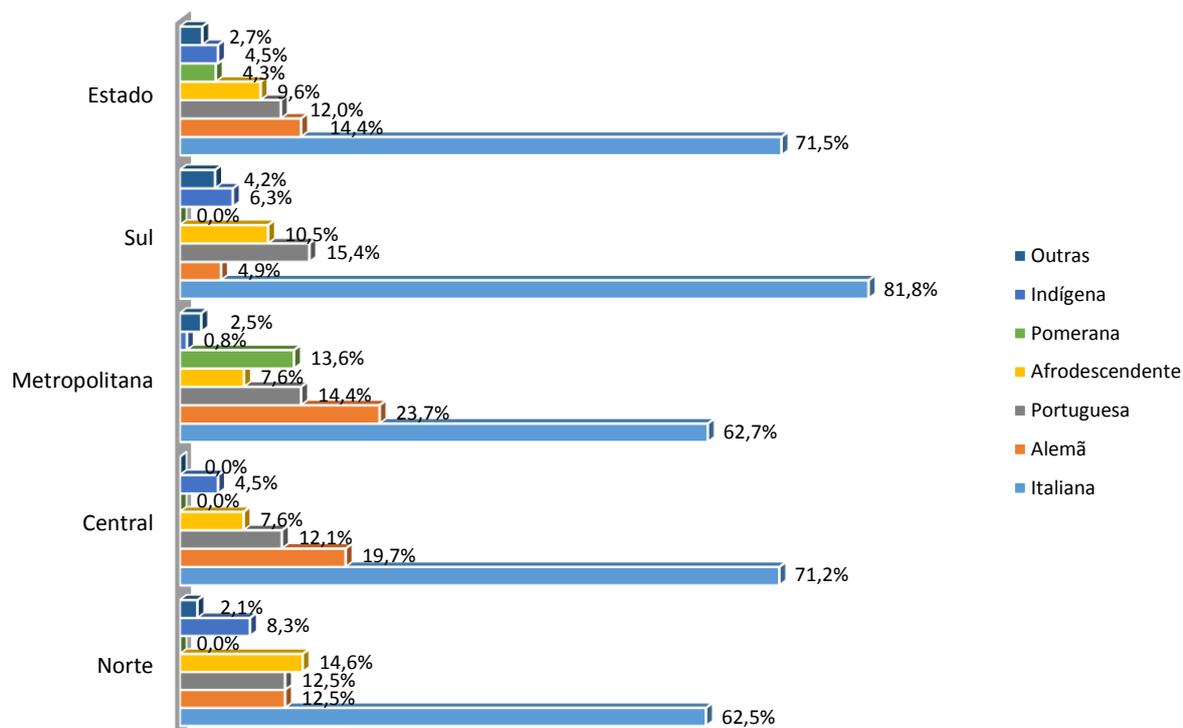


Figura 4 - Origem das famílias responsáveis pelas agroindústrias individuais.

4.2 FUNÇÃO EXERCIDA NA AGROINDÚSTRIA

A maioria dos produtores entrevistados (44,7%) desempenha todas as funções desenvolvidas na agroindústria: produção da matéria-prima, processamento, comercialização e gestão, e 15,3% exercem apenas uma dessas atribuições. A gestão da agroindústria é a principal função desempenhada pelos entrevistados (83,0%), seguida por comercialização (81,5%), processamento (80,4%) e produção de matéria-prima (53,1%).

4.3 REPRESENTAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Declararam-se agricultores familiares 88,2% dos entrevistados, e, entre estes, 75,9% possuíam Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) – DAP na data da entrevista (Figura 5). A região Norte apresentou o maior percentual de entrevistados que declararam ser agricultores familiares (93,6%). No entanto, possuem o maior índice de agricultores familiares sem DAP (16,7%). As regiões Central e Metropolitana possuem os maiores índices de agroindústrias geridas por agricultores não familiares (15,3% e 15,2%, respectivamente).

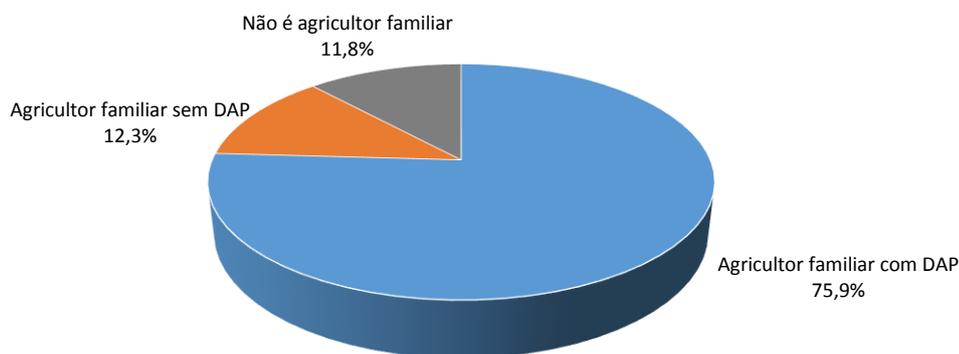


Figura 5 – Percentual de entrevistados segundo tipo de público.

4.4 MEIOS DE COMUNICAÇÃO UTILIZADOS E ACESSO A INFORMAÇÕES TÉCNICAS

4.4.1 Veículos de comunicação utilizados

Entre os veículos (ou meios) de comunicação disponíveis aos produtores para atividades particulares ou inerentes ao empreendimento, tais como contato com fornecedores, clientes e consumidores e acesso a informações técnicas, predomina o telefone celular (98,1%), seguido pela televisão (81,1%) e pela internet (73,3%). Observa-se que o rádio ocupa significativa importância entre os meios de comunicação utilizados, ao contrário da telefonia fixa, superada até mesmo pelos Correios (Figura 6).

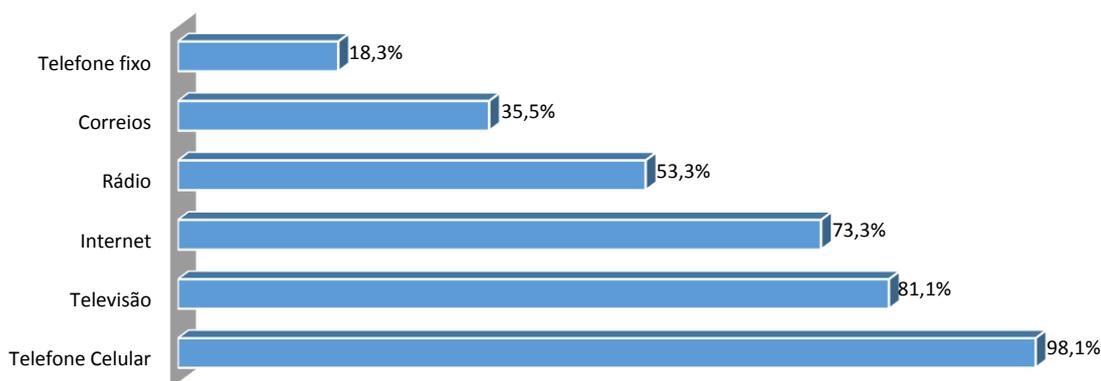


Figura 6 – Veículos de comunicação utilizados.

4.4.2 Meios de acesso a informações técnicas

A internet, acessada por celular e/ou computador, é a principal forma de obtenção de informações técnicas (72,7%) por parte dos produtores. Reuniões, seminários e cursos (64,3%) e programas de TV (34%) seguem como relevantes meios de acesso às informações técnicas e/ou de interesse à sua atividade (Figura 7). O e-mail, como meio de comunicação, é utilizado por 45,4% dos entrevistados.

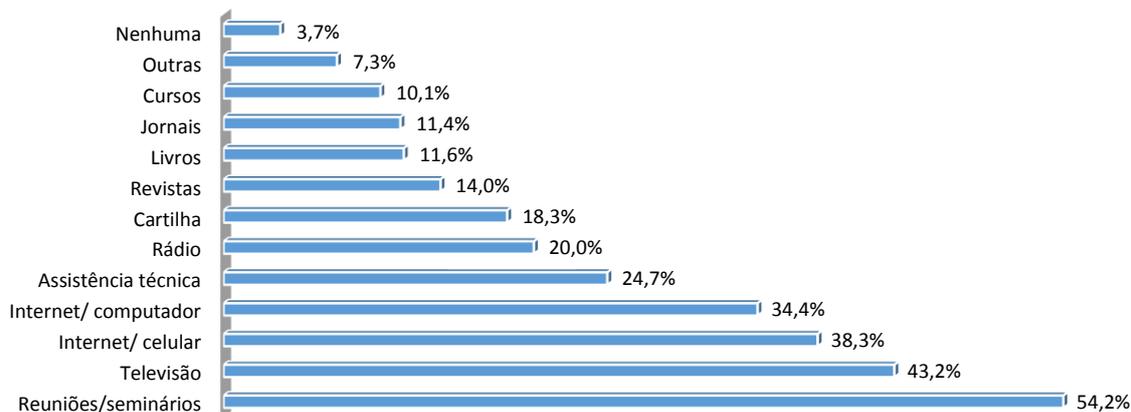


Figura 7 – Formas de acesso às informações técnicas.

Entre os entrevistados, 7,3% declararam buscar informações por conta própria ou com amigos e familiares e por meio de intercâmbios com outros produtores, enquanto 3,7% informaram não buscar ou receber nenhuma informação técnica a respeito de suas atividades.

Foram citadas por 24,7% dos entrevistados algumas das entidades prestadoras de serviços de assistência técnica e consultoria atuantes no segmento, incluindo as prefeituras municipais. O serviço oficial de assistência técnica e extensão rural prevaleceu entre as citações de assistência técnica (71,0%).

4.4.3 Utilização de redes sociais

As redes sociais são acessadas pela maior parte dos entrevistados (Figura 8). Quanto à frequência de acesso, dos 80,9% que utilizam as redes sociais, a maior parte (70,5%) realiza acesso diário. A maior frequência de acesso diário foi observada na região Metropolitana (81,9%), seguida das regiões Central e Sul. A menor frequência de acesso diário foi observada na região Norte (60,3%). Apenas 4,9% dos produtores acessa redes sociais de duas a três vezes por semana, e 5,2% uma vez por semana. A principal rede social acessada é o WhatsApp (77,2%), seguida do Facebook (52,7%). A maior parte dos entrevistados acessa até duas redes sociais.

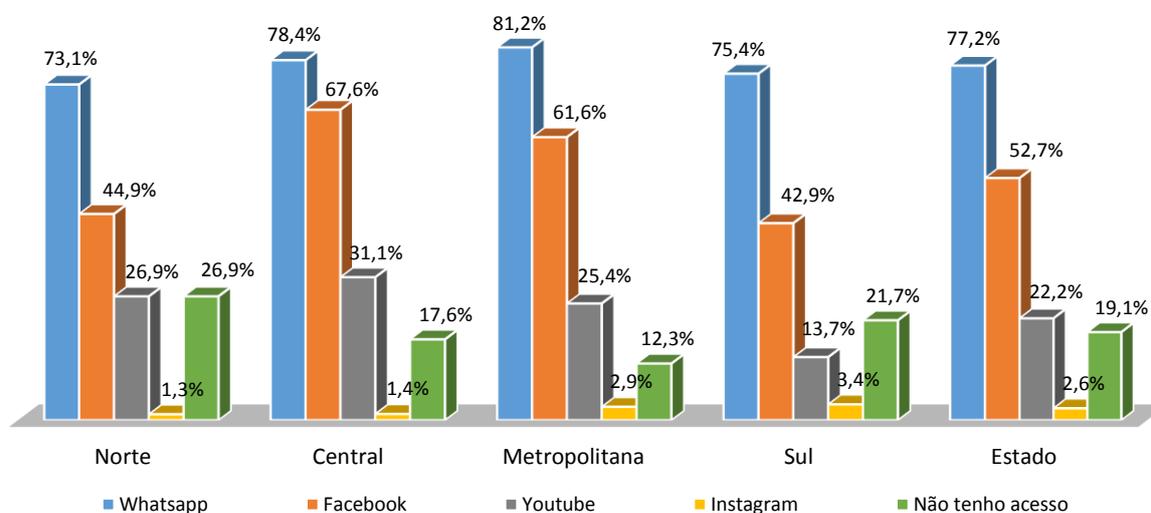


Figura 8 – Redes sociais utilizadas.

5 IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DAS AGROINDÚSTRIAS

5.1 DENOMINAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA

A maior parte dos empreendimentos (89,7%) possui nome fantasia ou razão social. Observou-se que o maior percentual de estabelecimentos sem denominação específica está nas regiões Norte (28,2%) e Central (21,6%), diferente das regiões Sul (4,0%) e Metropolitana (2,2%), que apresentaram menores percentuais de estabelecimentos sem nome fantasia ou razão social.

5.2 LOCALIZAÇÃO DO ESTABELECIMENTO (RURAL OU URBANA)

Observou-se predomínio de agroindústrias rurais, com 91,6% dos empreendimentos localizados em áreas rurais e apenas 8,4% em áreas urbanas, ou seja, nos centros ou em distritos urbanos dos municípios. A região Central destacou-se pelo maior percentual de agroindústrias localizadas no meio rural (98,6%), enquanto a região Norte apresentou o maior percentual de agroindústrias localizadas em áreas urbanas dos municípios (15,4%). A maior parte das agroindústrias individuais (88,2%) está instalada em propriedades rurais, e 84,1% das famílias responsáveis por esses empreendimentos residem na mesma propriedade em que foram instaladas suas agroindústrias (Figura 9).

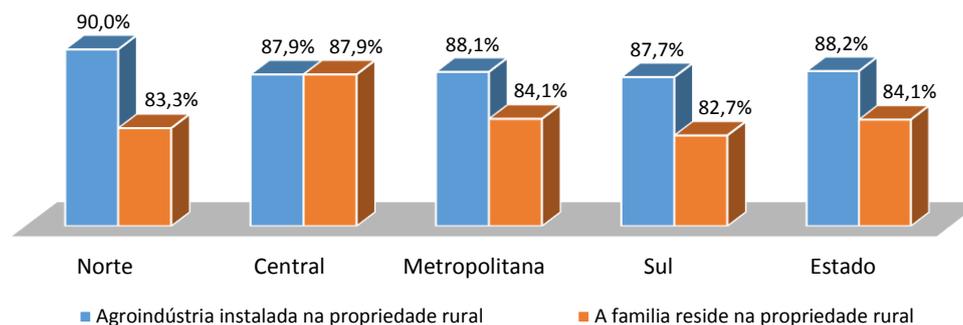


Figura 9 - Localização da agroindústria e residência familiar na propriedade rural.

5.2.1 Informações sobre as propriedades rurais

Considerando apenas as propriedades onde estão instaladas agroindústrias individuais, a metade possui até 10 hectares (Tabela 3). A região Sul destaca-se pela maior quantidade de propriedades com até 5 hectares e as regiões Central e Norte, pela maior quantidade de propriedades com mais de 100 hectares.

Tabela 3 - Tamanho das propriedades onde a atividade é desenvolvida

| Tamanho da propriedade | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|------------------------|-------|---------|---------------|-------|--------|
| Até 5 hectares | 19,6% | 13,3% | 26,4% | 31,7% | 25,3% |
| De 6 a 10 hectares | 28,6% | 25,0% | 23,6% | 24,6% | 25,0% |
| De 11 a 20 hectares | 19,6% | 20,0% | 26,4% | 23,9% | 23,4% |
| De 21 a 50 hectares | 21,4% | 21,7% | 19,1% | 15,5% | 18,5% |
| De 51 a 100 hectares | 7,1% | 16,7% | 4,5% | 3,5% | 6,5% |
| Acima de 100 hectares | 3,6% | 3,3% | 0,0% | 0,7% | 1,4% |

A maioria dos entrevistados (58,2%) tem a posse da propriedade há menos de 30 anos. Observou-se que a atividade é desenvolvida tanto em propriedades de posse mais recente, de até 10 anos (16,1%), quanto em propriedades de posse mais antiga, acima de 50 anos (19,1%). A região Norte apresenta o maior índice de propriedades adquiridas há menos de 30 anos (66,1%), sendo que 90,6% está sob a posse dos produtores por no máximo 40 anos. O desenvolvimento da atividade em propriedades rurais adquiridas há mais de 40 anos é mais comum na região Metropolitana (41,7%).

A maior parte dos agricultores obteve a terra por herança ou doação (67,0%), ou comprou de outros agricultores ou herdeiros (37,0%) (Tabela 4). Cabe ressaltar que 10,0% dos agricultores obtiveram a propriedade por mais de uma maneira, portanto o somatório dos percentuais ultrapassa 100%. A região Norte destaca-se por possuir maior percentual de assentados de reforma agrária entre os entrevistados (12,3%). Agroindústrias localizadas em comunidades quilombolas foram constatadas apenas nas regiões Norte (1,8%) e Central (1,6%).

Tabela 4 – Maneira que obteve a propriedade

| Obtenção da propriedade rural | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|-------------------------------|-------|---------|---------------|-------|--------|
| Herança ou doação | 50,9% | 73,8% | 73,0% | 66,0% | 67,0% |
| Compra de particular | 40,4% | 34,4% | 29,7% | 42,2% | 37,0% |
| Reforma agrária | 12,3% | 0,0% | 1,8% | 0,7% | 2,7% |
| Contrato de comodato | 3,5% | 0,0% | 3,6% | 0,7% | 1,9% |
| Compra via crédito fundiário | 1,8% | 0,0% | 0,0% | 1,4% | 0,8% |
| Arrendamento | 0,0% | 1,6% | 0,0% | 0,7% | 0,5% |
| Comunidade quilombola | 1,8% | 1,6% | 0,0% | 0,0% | 0,5% |

6 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA ATIVIDADE

6.1 ETAPA DE IMPLANTAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA

A iniciativa para implantação da agroindústria partiu principalmente dos próprios produtores e de suas relações familiares ou sociais (Tabela 5).

Tabela 5 - Iniciativa para implantação da agroindústria por região

| Quem teve a iniciativa | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|-------------------------|-------|---------|---------------|-----|--------|
| O(a) entrevistado(a) | 36% | 46% | 58% | 62% | 54% |
| Família | 13% | 22% | 10% | 3% | 10% |
| Cônjuge/ companheiro(a) | 11% | 10% | 5% | 9% | 8% |
| Pais | 8% | 4% | 8% | 9% | 8% |
| Casal | 4% | 6% | 8% | 7% | 7% |
| Associados | 9% | 4% | 2% | 1% | 3% |
| Avós | 4% | 3% | 1% | 3% | 3% |
| Gestores públicos | 5% | 1% | 2% | 1% | 2% |
| Outros | 9% | 4% | 5% | 7% | 6% |

Quando indagados sobre quem teve a ideia de processar alimentos para fins de comercialização, as respostas indicaram 49,0% dos homens como os idealizadores da atividade empreendedora (Figura 10). A região Metropolitana apresentou maior percentual de agroindústrias idealizadas somente por mulheres (38,2%).

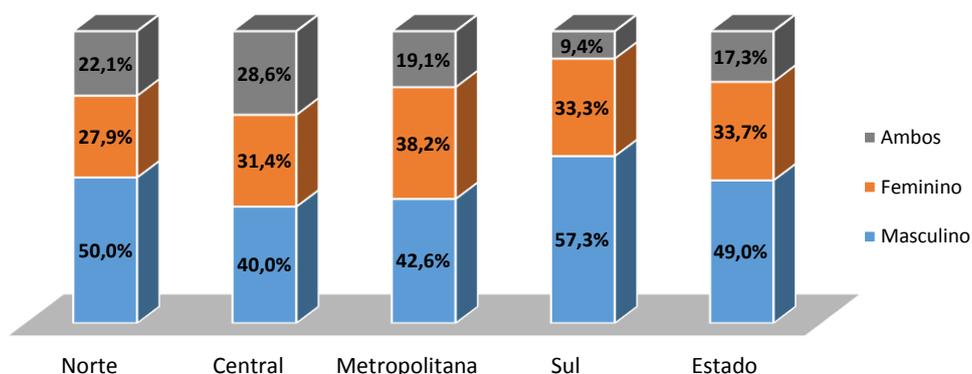


Figura 10 - Iniciativa para implantação da agroindústria de acordo com o sexo.

O principal motivo que levou as famílias a investirem na atividade foi a busca por nova fonte de renda ou o aumento da renda familiar. Em seguida, a vontade de ter o próprio negócio e a tradição familiar foram razões importantes para criação das agroindústrias (Figura 11).



Figura 11 - Motivo para implantação da agroindústria.

6.1.1 Recursos investidos na implantação da atividade

A maioria dos empreendedores entrevistados (65,8%) fez uso de recursos próprios para investir nas agroindústrias, ainda que alguns tenham também acessado alguma linha de crédito para investimentos ou custeio da atividade. A principal fonte financiadora utilizada pelas agroindústrias foi o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), acessado por 22,9% dos empreendedores entrevistados. Outras fontes de financiamento foram acessadas por 10,3% dos empreendedores e apenas 1,1% dos empreendimentos relataram ter recebido recursos a fundo perdido.

Em todas as regiões, observa-se o predomínio do Pronaf como principal fonte de fomento da atividade. As principais modalidades do Pronaf acessadas pelos produtores foram: Mais Alimentos (9,9%), Agroindústria (6,2%), Investimento (4,7%), Infraestrutura (3,4%), Mulher (1,7%), Agricultura Familiar (1,1%), outras modalidades (0,8%). Os demais agricultores (1,1%) não informaram a modalidade acessada.

Segundo a maioria dos produtores entrevistados (68,5%), foram realizadas melhorias na estrutura física das agroindústrias no período de até três anos anteriores à data da entrevista (ou seja, entre 2015 e 2018), e apenas 0,9% dos produtores informaram que a estrutura da agroindústria piorou neste período.

6.2 CONTRIBUIÇÃO DA ATIVIDADE PARA A RENDA FAMILIAR

A atividade agroindustrial é a principal fonte geradora de renda para 48,3% das famílias entrevistadas, contribuindo com mais da metade da renda familiar (Figura 12). Em 30,7% dos empreendimentos, a atividade tem caráter complementar, com contribuição de até 25% na renda das famílias.

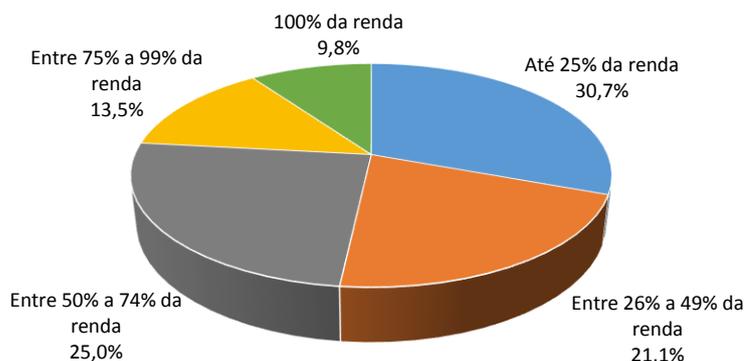


Figura 12 - Contribuição da agroindústria na composição da renda total das famílias.

A região Sul apresentou maior percentual de estabelecimentos que tem a agroindústria como única fonte de renda para a família (12,1%), seguida da região Metropolitana (8,9%). Já nas regiões Central e Norte observa-se o caráter complementar da atividade na renda familiar, visto que apresentam maiores percentuais de agroindústrias que contribuem com até um quarto da renda total das famílias (Figura 13).

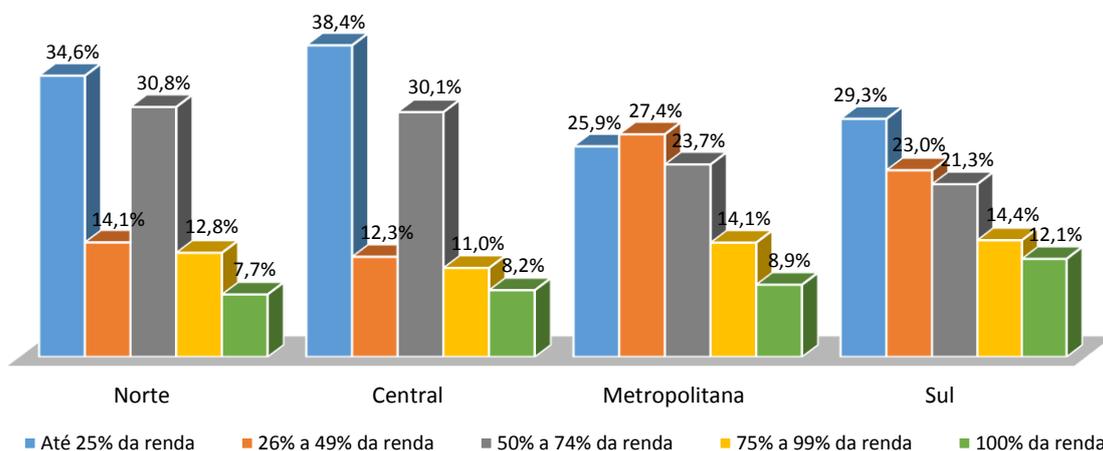


Figura 13 - Contribuição da agroindústria na composição da renda total da família, por região.

6.3 FATURAMENTO DAS AGROINDÚSTRIAS

A receita bruta, ou faturamento, gerada pela atividade varia conforme o tipo de estabelecimento e de produtos processados. Agroindústrias individuais tendem a apresentar menor receita bruta média mensal

quando comparada aos estabelecimentos coletivos (Figura 14). A média do faturamento das agroindústrias, individuais e coletivas, foi de R\$ 18.795,74, variando de R\$ 15.194,50 na região Sul e R\$ 34.224,14 na região Central. As maiores receitas brutas encontram-se na região Central, entre os valores mensais de R\$ 50,00 e R\$ 919.000,00.

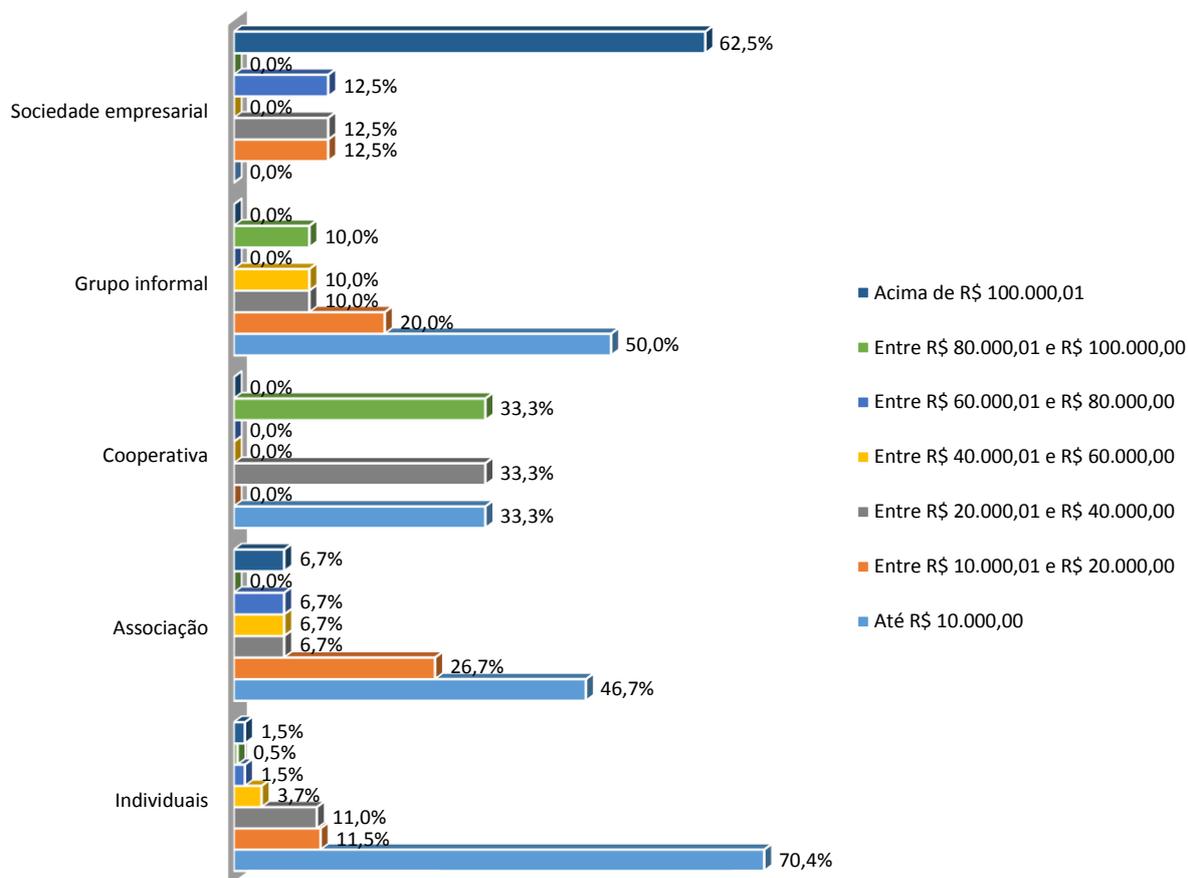


Figura 14 – Faturamento mensal proveniente da agroindústria em função do tipo de estabelecimento.

A receita bruta média mensal dos empreendimentos individuais no estado é de R\$ 12.209,46, sendo o menor faturamento mensal constatado na região Central (R\$ 50,00) e o maior, na região Metropolitana, com R\$ 115.285,00 (Tabela 6). A menor receita constatada foi em um estabelecimento produtor de doces de fruta que trabalha com encomendas apenas por dois meses ao ano.

Tabela 6 – Receita bruta mínima, máxima e média das agroindústrias por região

| Tipo de agroindústria | Receita | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|-----------------------|---------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Individual | Mínima | R\$ 195,00 | R\$ 50,00 | R\$ 264,58 | R\$ 336,00 | R\$ 50,00 |
| | Máxima | R\$ 58.892,00 | R\$ 103.000,00 | R\$ 115.285,00 | R\$ 102.000,00 | R\$ 115.285,00 |
| | Média | R\$ 9.990,18 | R\$ 13.067,01 | R\$ 12.675,98 | R\$ 12.262,28 | R\$ 12.209,46 |
| Coletiva | Mínima | R\$ 1.920,00 | R\$ 1.880,00 | R\$ 4.600,00 | R\$ 1.240,00 | R\$ 1.880,00 |
| | Máxima | R\$ 539.000,00 | R\$ 919.000,00 | R\$ 180.000,00 | R\$ 156.884,00 | R\$ 919.000,00 |
| | Média | R\$ 49.391,43 | R\$ 197.809,36 | R\$ 48.235,68 | R\$ 49.704,54 | R\$ 72.833,21 |

6.3.1 Receita bruta das agroindústrias individuais

Na média estadual, mais da metade das agroindústrias individuais entrevistadas (55,3%) apresentou faturamento mensal acima de R\$ 4.685,00, quantia esta equivalente a cinco vezes o salário mínimo de referência nacional vigente em 2018, ano da pesquisa. Do total das agroindústrias individuais entrevistadas, 33,5% apresentou faturamento mensal superior a R\$ 8.433,01 (09 salários mínimos) e apenas 11,2% dos estabelecimentos obtiveram uma renda inferior a um salário mínimo referente ao ano de 2018, ou seja, R\$ 937,00 (Figura 15).

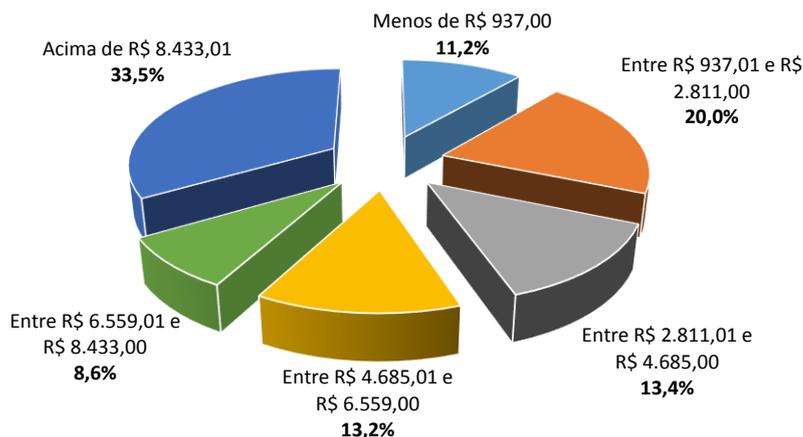


Figura 15 - Faturamento médio mensal proveniente das agroindústrias individuais.

A região Metropolitana apresentou maior percentual de agroindústrias individuais com faturamento mensal superior a R\$ 4.685,00, ou cinco salários mínimos (61,0%) (Figura 16). No entanto, a região Sul indicou que mais agroindústrias obtiveram receita bruta acima de R\$ 8.433,00, ou nove salários mínimos mensais (38,1%). A região Norte destacou-se por apresentar maior percentual de estabelecimentos (23,3%) com faturamento de até R\$ 937,00 (um salário mínimo, referência 2018), como também foi a região com menor índice de empreendimentos que faturaram, em 2018, mais que cinco salários mínimos mensais (43,4%).

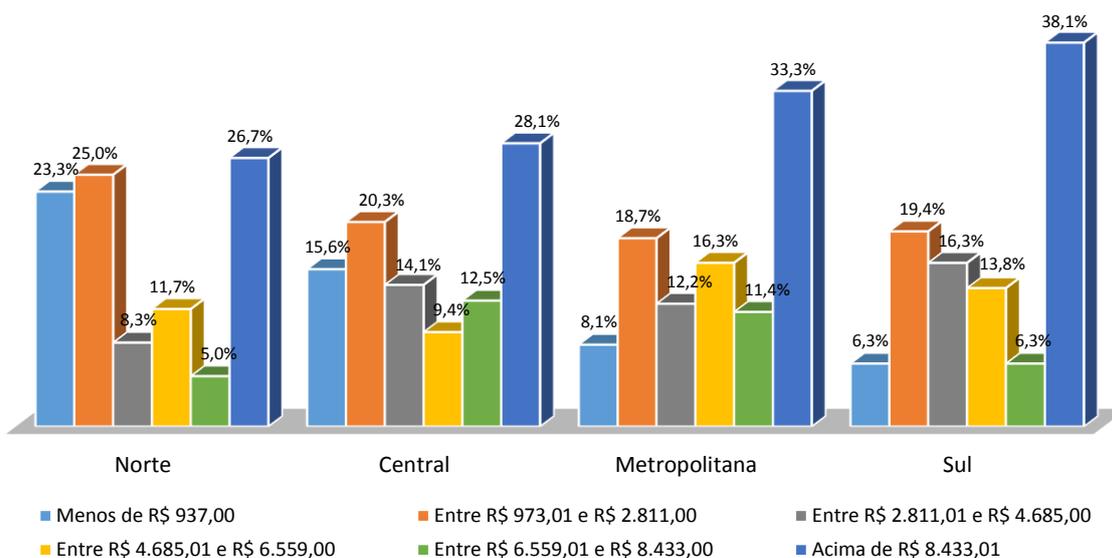


Figura 16 - Faturamento mensal proveniente das agroindústrias individuais por região.

6.3.2 Receita bruta das agroindústrias coletivas

A maioria das agroindústrias coletivas pesquisadas (60,8%) apresentou faturamento médio mensal de até R\$ 20.000,00 (Figura 17), e 13,7% dos estabelecimentos geraram uma receita bruta média superior a R\$ 100.000,01 mensais.

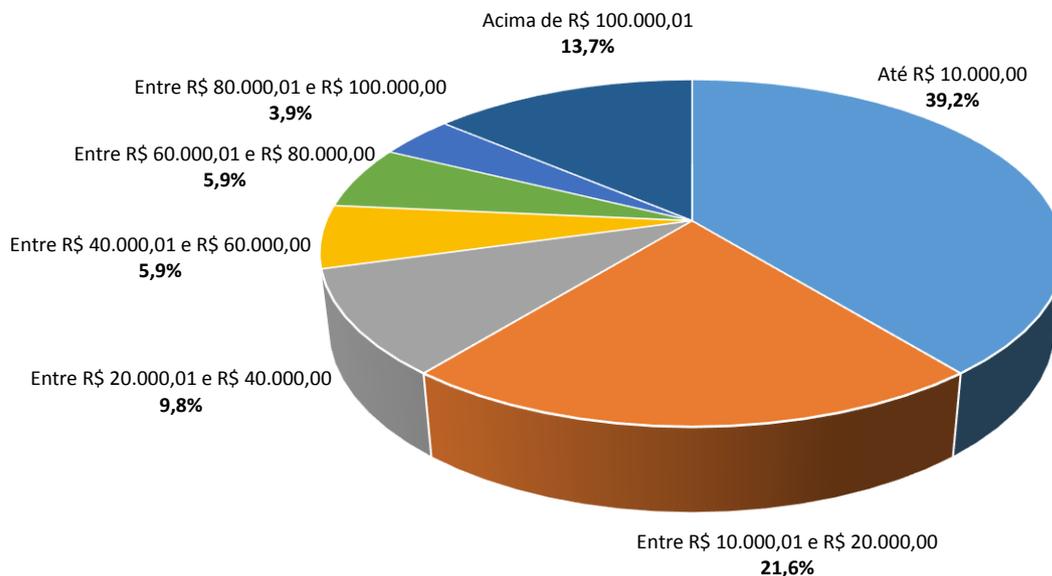


Figura 17 - Faturamento médio mensal proveniente das agroindústrias coletivas.

6.3.3 Faturamento das agroindústrias por tipo de produto

Entre as categorias de produtos, podemos afirmar que as bebidas (BEB) proporcionam maior faturamento médio para as agroindústrias, com R\$ 41.105,83 por mês (Figura 18). Estabelecimentos que processam exclusivamente matéria-prima de origem animal (POA) representam um faturamento médio de R\$ 17.452,21, e os que elaboram exclusivamente produtos de origem vegetal (POV), exceto bebidas, faturam em média R\$ 16.077,71.

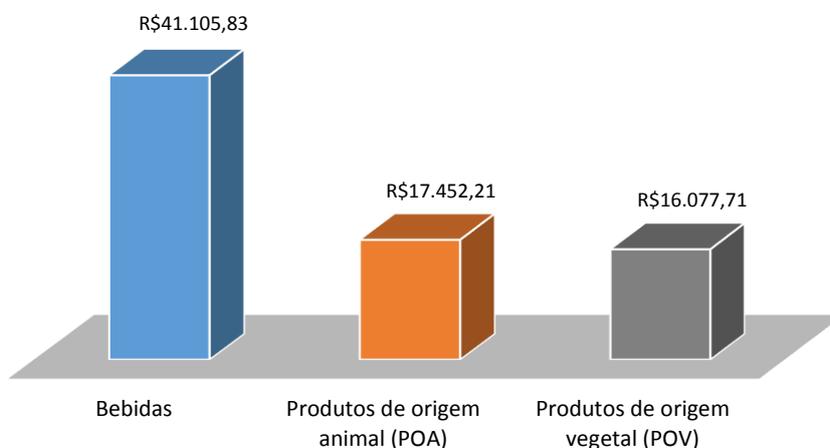


Figura 18 - Faturamento bruto médio anual das agroindústrias por tipo de produto fabricado.

6.4 MÃO DE OBRA UTILIZADA E SUAS ATRIBUIÇÕES NO EMPREENDIMENTO

6.4.1 Pessoas ocupadas na atividade

A mão de obra ocupada de forma contínua na atividade equivale a 1.886 pessoas, segundo dados obtidos na pesquisa. Considerando todos os estabelecimentos, individuais e coletivos, a prevalência da mão de obra é feminina (54,2%), com 1.022 mulheres ocupadas na atividade e 864 homens (Figura 19). Apenas a região Central apresentou a média de homens superior, em média 2,2 homens e 1,9 mulheres por empreendimento.

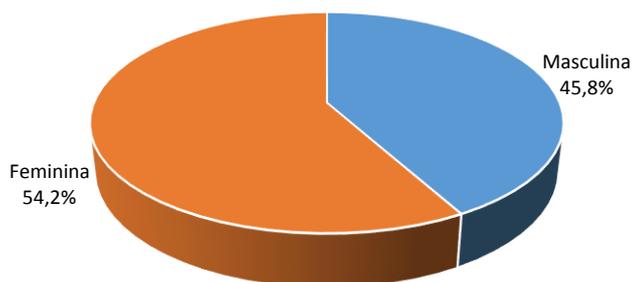


Figura 19 - Mão de obra ocupada na atividade conforme o sexo.

Os empreendimentos coletivos empregam em média 9,0 pessoas, e os individuais uma média de 3,5 pessoas por agroindústria (Figura 20). Considerando as agroindústrias individuais, observou-se uma pequena variação no número médio de trabalhadores por estabelecimento, sendo menor média na região Metropolitana (3,3) e a maior na região Norte (3,9). Já as agroindústrias coletivas apresentaram maior variação do número médio de trabalhadores por região, com maior média na região Metropolitana (10,6) e menor na região Sul (6,9).

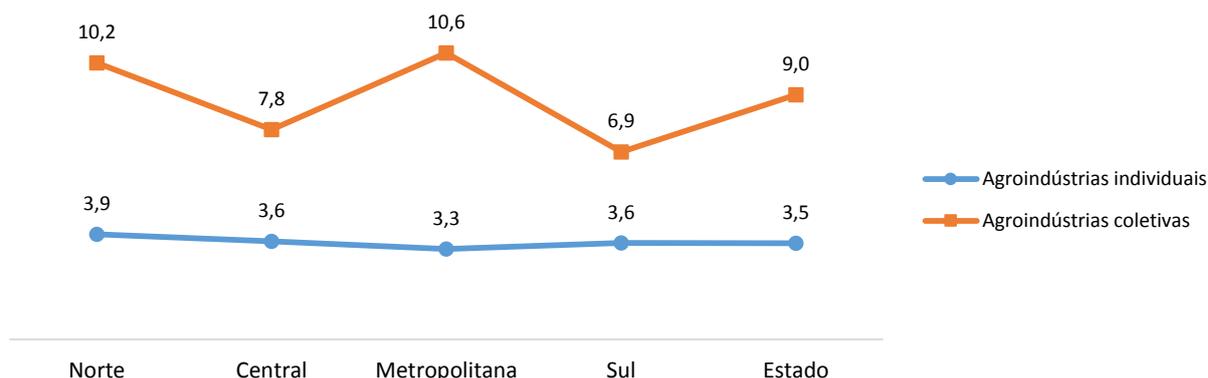


Figura 20 – Número médio de pessoas ocupadas por estabelecimento.

6.4.2 Atribuições desempenhadas no empreendimento

Na entrevista, buscou-se identificar as atribuições das mulheres, dos homens e dos filhos de ambos os sexos nas etapas de produção e/ou aquisição da matéria-prima, de processamento dos produtos, de

comercialização e nos aspectos relacionados à gestão, em especial a responsabilidade pela documentação da agroindústria.

Constatou-se que as mulheres são as principais responsáveis pela etapa de processamento (fabricação) dos produtos, mostrando-se como protagonistas em 52,0% do total das agroindústrias entrevistadas (Figura 21). No entanto, na comercialização, na obtenção da matéria-prima e na responsabilidade pela documentação da agroindústria prevaleceu a atuação dos homens. Em 6,2% dos estabelecimentos não há responsável por trabalhar a documentação das agroindústrias.

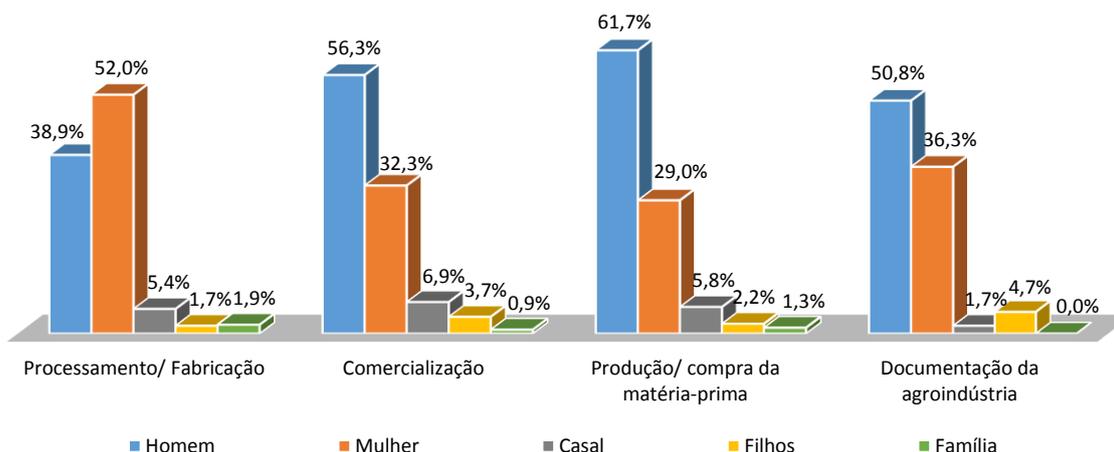


Figura 21 - Responsáveis pelos empreendimentos conforme atividade realizada.

6.4.3 Mão de obra empregada na etapa de agroindustrialização

A média de pessoas ocupadas com a agroindustrialização dos produtos por empreendimento, considerando os individuais e coletivos, é de 4,16 pessoas por agroindústria. Na etapa de processamento/fabricação, a demanda por mão de obra varia, o que torna comum a utilização de mão de obra temporária, que pode ser de pessoas da família ou externas aos núcleos familiares (contratada). Constatou-se que das 1.936 pessoas empregadas diretamente na fabricação dos produtos, 79,6% pertencem às famílias responsáveis pelos estabelecimentos e 20,4% são contratadas (Figura 22). A região Metropolitana apresenta maior percentual de emprego da mão de obra familiar (87,8%) e a região Sul, o maior percentual de pessoas contratadas (27,1%).

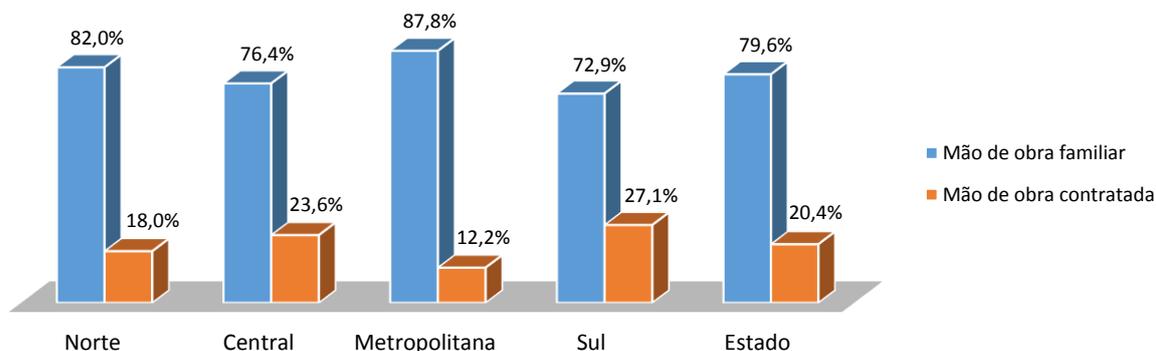


Figura 22 – Mão de obra na etapa de agroindustrialização.

Considerando o total de estabelecimentos, há utilização exclusiva de mão de obra familiar na etapa de produção em 348 agroindústrias, ou seja, 74,8% informaram não empregar pessoas externas à família, em empreendimentos individuais, ou ao grupo de famílias, em empreendimentos coletivos.

Constatou-se, na pesquisa, que 11,7% da mão de obra empregada nas agroindústrias, familiar ou contratada, atua de forma temporária, ou seja, apenas em certos períodos. Os estabelecimentos empregam, em média, 3,68 trabalhadores permanentes e 0,49 trabalhadores temporários (Figura 23). O número médio de pessoas contratadas não variou muito entre as regiões do estado. A menor média (0,42) foi observada no Sul e a maior, no Norte (0,59).

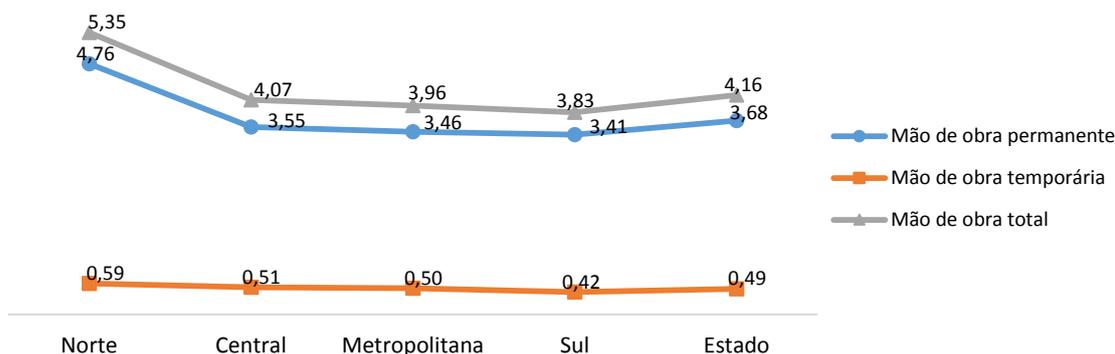


Figura 23 - Número médio de pessoas ocupadas por agroindústria.

A mão de obra é formalizada em 35,9% das agroindústrias que contratam mão de obra. A região Central destaca-se pelo maior percentual (56,5%) de pessoas contratadas com registro em carteira (Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS), e região Norte apresenta o menor percentual (19,0%).

6.4.4 Características da mão de obra nas agroindústrias individuais

6.4.4.1 Diferenciação da mão de obra por sexo

Os 413 empreendimentos individuais visitados ocupam 1.376 pessoas. Constatou-se que o percentual de mulheres ocupadas com a agroindústria (50,4%) não difere muito do percentual de homens, demonstrando um equilíbrio dos gêneros por número de pessoas ocupadas. No entanto, na região Central constatou-se predomínio da mão de obra masculina (Figura 24).

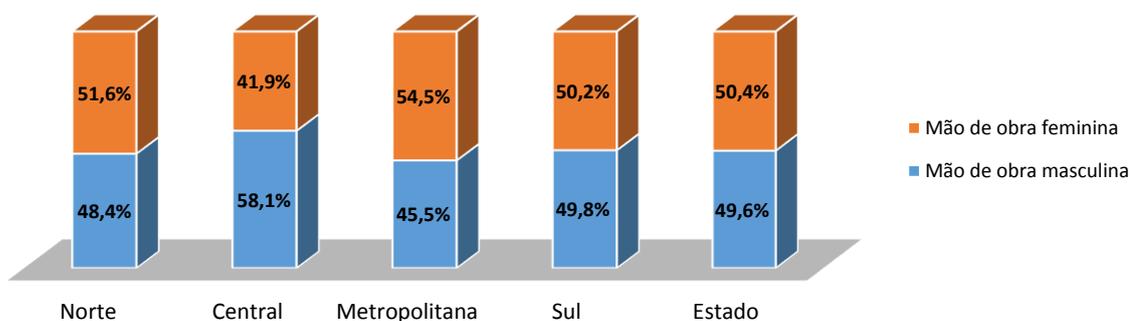


Figura 24 - Mão de obra nas agroindústrias individuais conforme o sexo.

6.4.4.2 Composição familiar e participação dos familiares na atividade

Nos estabelecimentos individuais, a maior parte das famílias que exercem a atividade é composta em média por três a seis pessoas (77,8%). Poucas são as unidades familiares constituídas por uma única pessoa (1,0%) ou por mais de sete pessoas (3,6%). Apesar disso, a maior parte dos estabelecimentos (63,6%) ocupam uma ou duas pessoas da família, sendo que 91,9% ocupam, em média, até três familiares na atividade.

Constatou-se que 92,0% dos entrevistados possuem filhos, sendo que a maior parte deles (65,3%) possui um ou dois filhos. A maioria dos filhos tem mais de 18 anos de idade (51,7%) ou encontram-se com idade entre 12 e 18 anos (21,5%). O predomínio de filhos com idade acima de 12 anos foi observado em todas as regiões. O percentual de famílias com filhos menores de cinco anos é baixo (9,4%), com exceção da região Norte, com 18,3%. Crianças entre 6 e 11 anos estão presentes em 11,0% das famílias.

6.4.4.3 Participação dos filhos no empreendimento familiar

A participação dos filhos na atividade ocorre a partir dos 12 anos de idade, sendo mais efetiva (47,7%) quanto apresentam idade superior a 18 anos (Figura 25). A participação eventual predomina entre adolescentes de 12 a 18 anos. A participação de crianças (idade inferior a 11 anos) foi eventual e constatada em 3,6% dos estabelecimentos. No entanto, em 37,5% das famílias há jovens em idade economicamente ativa que não estão envolvidos na atividade.

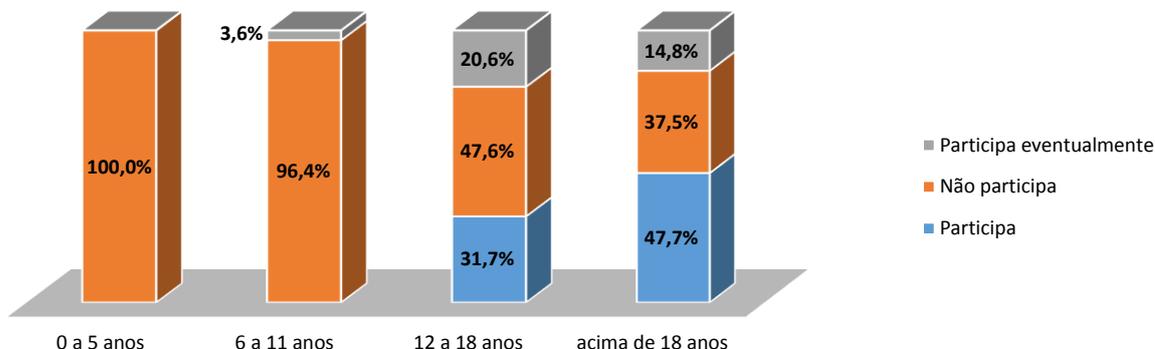


Figura 25 - Participação dos filhos na atividade conforme a faixa etária.

6.4.4.4 Mão de obra das agroindústrias individuais por categoria de produto

Constatou-se predomínio da mão de obra masculina em agroindústrias individuais produtoras de bebidas, tais como polpa de frutas, vinhos e cachaça, e nas que fabricam produtos de origem animal, como embutidos e mel. Já a mão de obra feminina é predominante em agroindústrias de produtos de origem vegetal, que fabricam principalmente panificados (pães, bolos e biscoitos), doces e geleias de frutas (Figura 26).

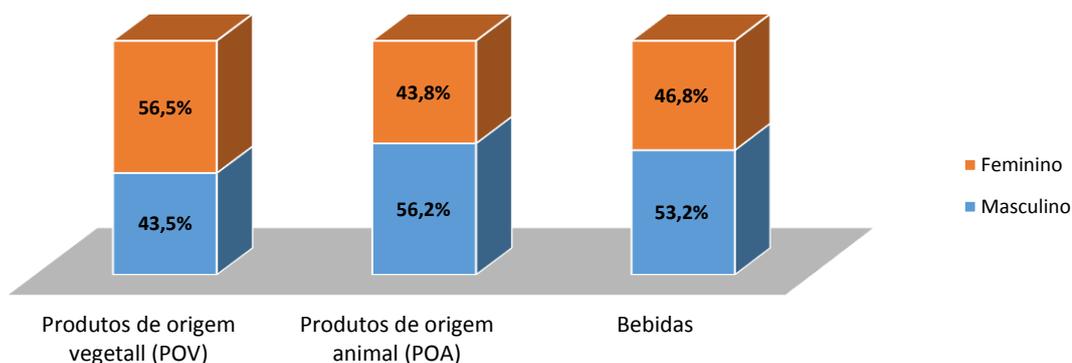


Figura 26 - Mão de obra das agroindústrias individuais por categoria de produto e sexo.

6.4.5 Características da mão de obra nas agroindústrias coletivas

As agroindústrias coletivas ocupam em média 9,4 famílias por empreendimento, sendo um mínimo de duas e o máximo de 56. A sociedade empresarial é o tipo de constituição jurídica que possui menor número médio de famílias (entre duas e três).

6.4.5.1 Diferenciação da mão de obra por sexo

Nos empreendimentos coletivos, diferentemente dos individuais, constatou-se que o número de mulheres ocupadas na atividade é mais expressivo que o dos homens, equivalendo a 64,5% do total de pessoas ocupadas (Figura 27). Na região Sul, observou-se o maior percentual de mulheres ocupadas nas agroindústrias coletivas (80,7%).

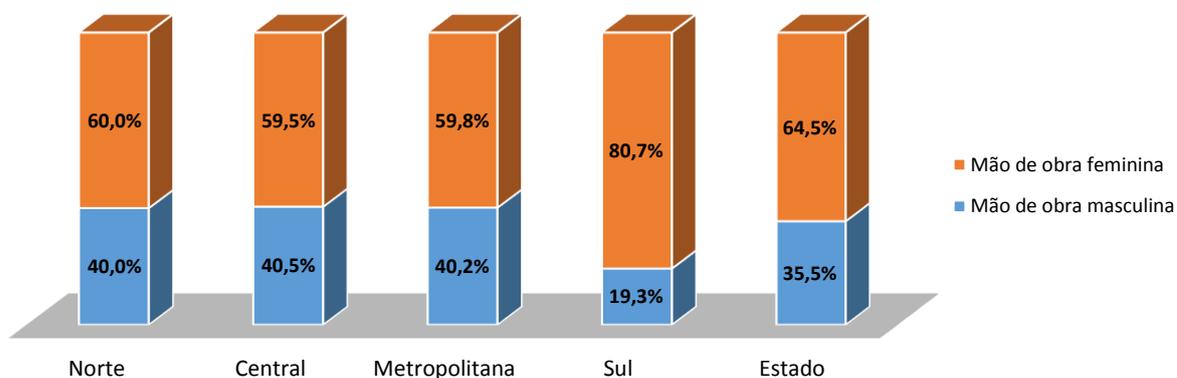


Figura 27 - Mão de obra nas agroindústrias coletivas conforme o sexo.

6.4.5.2 Mão de obra em agroindústrias coletivas por categoria de produto

A participação das mulheres nas agroindústrias de produtos de origem vegetal foi relevante (84,4%) (Figura 28). Em contrapartida, observou-se maior participação dos homens nas agroindústrias de produtos de origem animal (66,7%) e de bebidas (54,3%). A relação entre sexo e categoria de produtos em agroindústrias coletivas é semelhante à constatada nas agroindústrias individuais; no entanto, a diferença entre os percentuais em cada categoria foi mais expressiva entre as coletivas.

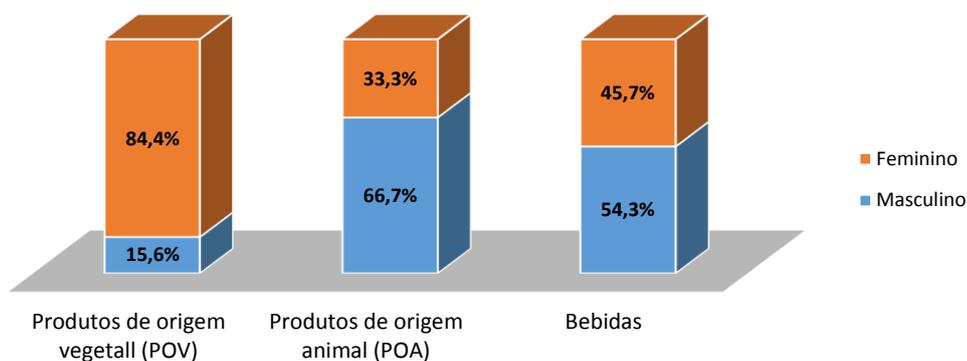


Figura 28 - Mão de obra das agroindústrias coletivas por tipo de produto e sexo.

6.5 BENEFÍCIOS SOCIOECONÔMICOS GERADOS PELA ATIVIDADE

Segundo os entrevistados, o principal benefício gerado pela atividade foi a geração ou o aumento da renda familiar (Figura 29). A ocupação da mão de obra familiar e a permanência dos produtores e filhos no campo foram benefícios relatados por 62,6% dos entrevistados. Apenas 0,2% das vezes foi citada a manutenção da tradição familiar como um dos benefícios gerados pela atividade.

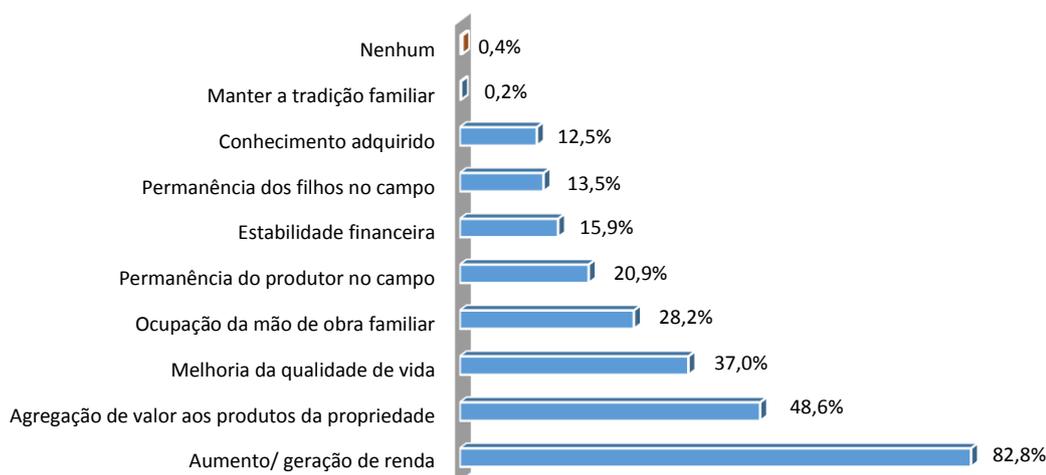


Figura 29 - Benefícios proporcionados pela atividade.

6.6 OUTRAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS EMPREENDEDORES

A maior parte dos empreendedores (86,5%) desenvolve outras atividades agropecuárias além da agroindústria. No estado, 8,2% dos entrevistados que possuem propriedade rural não desenvolvem nela outras atividades além da agroindústria. Ocorrem também os que não têm a propriedade, mas exercem atividades agrícolas em propriedades de terceiros (2,7%). A região Central destaca-se pelo maior percentual de produtores que desenvolvem outras atividades além da agroindústria (93,9%).

Entre as atividades agropecuárias mais desenvolvidas (Tabela 7), destaca-se a cafeicultura, adotada em 56,6% das propriedades, seguida da fruticultura (34,3%) e da bovinocultura de leite (26,1%). Cabe ressaltar que o somatório dos percentuais excede 100%, porque muitos realizam diversas atividades na propriedade. A cafeicultura e fruticultura estão difundidas em todas as regiões do estado, principalmente

na região Metropolitana, que se destaca também no agroturismo, ainda pouco expressivo na região Norte (3,6%), que, por sua vez, é a principal região de pipericultura.

Tabela 7 - Principais atividades agropecuárias desenvolvidas por propriedade, além da agroindústria

| Atividades desenvolvidas | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|---------------------------|-------|---------|---------------|-------|--------|
| Cafeicultura | 56,4% | 77,8% | 94,0% | 76,9% | 56,6% |
| Fruticultura | 27,3% | 31,7% | 76,1% | 47,1% | 34,3% |
| Bovinocultura de leite | 36,4% | 30,2% | 37,3% | 37,5% | 26,1% |
| Agroturismo | 3,6% | 12,7% | 46,3% | 15,4% | 14,5% |
| Bovinocultura de corte | 20,0% | 12,7% | 6,0% | 25,0% | 12,4% |
| Olericultura | 16,4% | 3,2% | 22,4% | 17,3% | 11,2% |
| Pipericultura | 36,4% | 3,2% | 1,5% | 0,0% | 5,8% |
| Culturas alimentares | 9,1% | 0,0% | 9,0% | 7,7% | 4,8% |
| Piscicultura/ aquicultura | 7,3% | 6,3% | 9,0% | 1,0% | 3,8% |
| Apicultura | 7,3% | 4,8% | 7,5% | 1,9% | 3,6% |
| Avicultura | 5,5% | 1,6% | 6,0% | 1,9% | 2,5% |
| Suinocultura | 9,1% | 4,8% | 1,5% | 1,0% | 2,5% |
| Silvicultura | 0,0% | 3,2% | 6,0% | 1,0% | 1,8% |
| Floricultura | 0,0% | 1,6% | 4,5% | 1,9% | 1,5% |

7 ESTRUTURA FÍSICA DAS AGROINDÚSTRIAS

7.1 LOCAL DE FABRICAÇÃO DOS PRODUTOS

A maior parte dos produtores entrevistados (86,0%) processam os alimentos em instalações utilizadas exclusivamente para a produção da agroindústria, de forma independente das instalações residenciais. Entres esses, 54,0% exercem a atividade em instalações independentes da residência e localizadas dentro da propriedade rural (Figura 30). A produção em áreas comuns à residência, como cozinhas, áreas de serviço e varandas, ocorre com mais frequência nas regiões Central (21,6%) e Norte (20,5%). O uso de estruturas comunitárias, como cozinhas de igrejas, de associações ou centros comunitários, é mais comuns na região Norte.

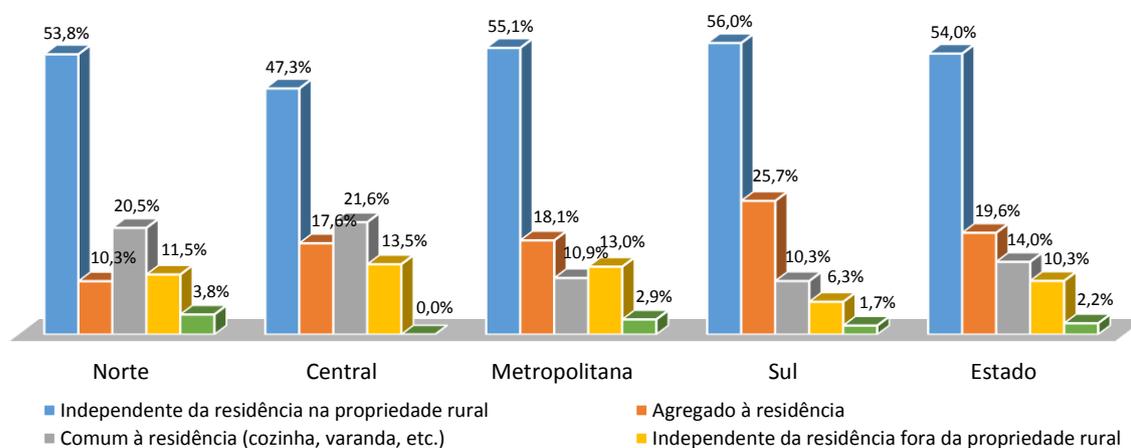


Figura 30 - Local de fabricação dos produtos.

7.2 ÁREA FÍSICA OCUPADA PELA AGROINDÚSTRIA

Ao avaliar apenas as unidades de produção não comuns à residência (Tabela 8), constatou-se que a maioria das agroindústrias (52,7%) possui até 50 m² de área física construída, e que 78,4% possui área inferior até 100m². Nas regiões Norte e Metropolitana predominam unidades de produções com área entre 51 e 100m². Nas regiões Sul e Central, predominam estabelecimentos com área até 30m². No entanto, a região Sul destaca-se pelo maior percentual de unidades com área superior a 250m².

Tabela 8 - Área construída das agroindústrias

| Tamanho da agroindústria | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|-----------------------------|-------|---------|---------------|-------|--------|
| Até 30 m ² | 27,0% | 34,4% | 29,3% | 32,5% | 30,9% |
| De 31 a 50 m ² | 20,6% | 23,0% | 18,7% | 24,2% | 21,8% |
| De 51 a 100 m ² | 34,9% | 24,6% | 30,1% | 19,1% | 25,7% |
| De 101 a 150 m ² | 1,6% | 9,8% | 9,8% | 4,5% | 6,4% |
| De 151 a 200 m ² | 7,9% | 1,6% | 4,9% | 5,1% | 5,0% |
| De 201 a 250 m ² | 1,6% | 4,9% | 3,3% | 3,2% | 3,2% |
| Acima de 250 m ² | 6,3% | 1,6% | 4,1% | 11,5% | 6,9% |

7.3 VIAS DE ACESSO AOS ESTABELECIMENTOS

Constatou-se que a maior parte das vias de acesso aos estabelecimentos (49,2%) não é pavimentada e que 21,5% das estradas, pavimentadas ou não, estão sem manutenção adequada (Figura 31).

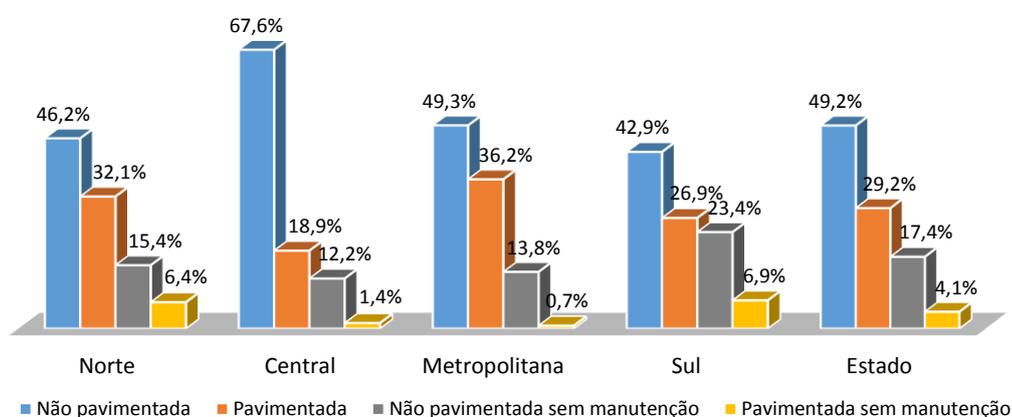


Figura 31 - Caracterização das vias de acesso às agroindústrias.

7.4 UTILIZAÇÃO DA ÁGUA NA AGROINDÚSTRIA

7.4.1 Origem da água

As nascentes são as principais fontes de captação da água utilizada nas agroindústrias (51,2%), seguidas pelos poços artesianos (37,2%) e pelo sistema público de abastecimento de água (15,4%) (Figura 32). Há prevalência de poços artesianos nas regiões Norte e Central, e de nascentes nas regiões Metropolitanas e Sul. A variação do percentual de estabelecimentos que utiliza água do abastecimento público não foi

relevante entre as regiões. O uso de cisternas ou cacimbas foi destaque na região Norte (29,6%) e não foi observado na região Sul.

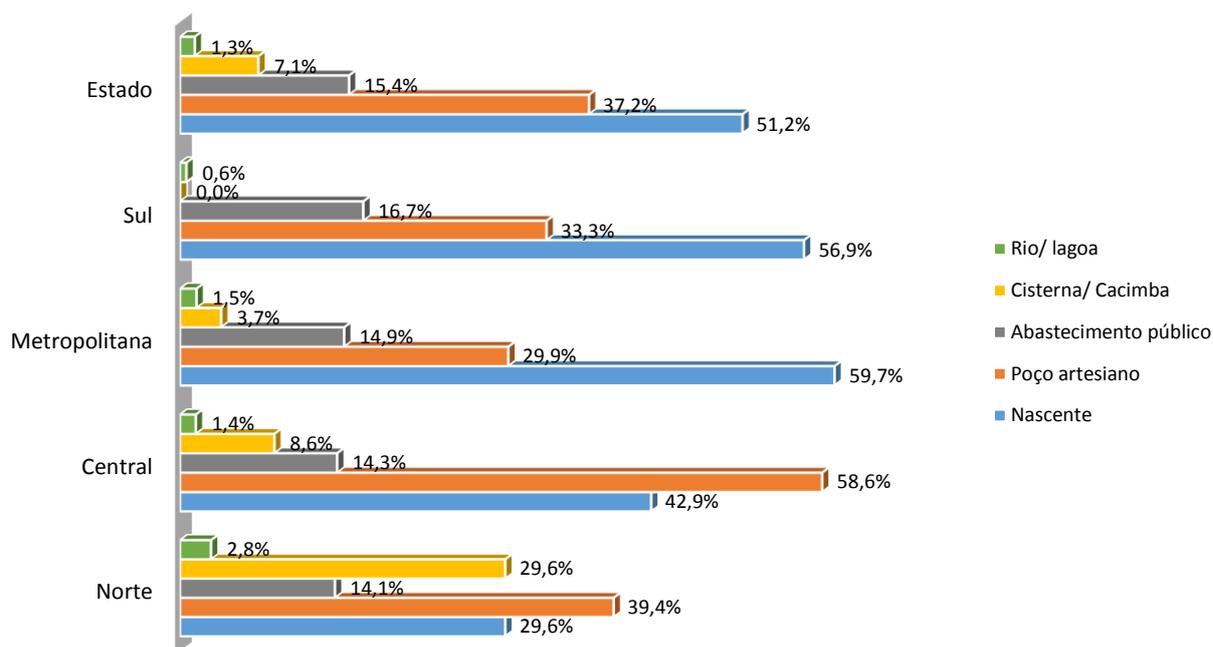


Figura 32 - Origem da água utilizada nas agroindústrias.

7.4.2 Tipos de reservatórios utilizados

A adoção de reservatórios de água é uma prática comum em todo o estado, dado que apenas 3,4% das agroindústrias não possuem caixa d'água. A presença de reservatório exclusivo para a agroindústria ocorre em 52,0% dos estabelecimentos e 45,9% deles utilizam a mesma caixa d'água da residência para abastecer a agroindústria. A região Norte apresenta o maior percentual de agroindústrias sem reserva de água (6,4%) e a região Central, o maior percentual de reservatórios compartilhados com as residências (51,4%).

Grande parte dos reservatórios são constituídos de fibra (45,0%), seguido pelas caixas plásticas (37,2%). Em menores quantidades, observou-se a presença de reservatórios construídos em alvenaria (1,8%), amianto (1,6%) e aço inoxidável (0,5%).

7.4.3 Tratamento da água utilizada na agroindústria

Toda água utilizada no processamento de alimentos deve ser tratada com a finalidade de garantir sua potabilidade. No entanto, a maioria dos estabelecimentos (46,0%) não adota essa prática (Figura 33). A água clorada, incluindo a água proveniente dos sistemas de abastecimento público, é utilizada em 41,4% das agroindústrias. Cabe ressaltar que, dependendo do tipo de produto processado, a água fornecida pelos sistemas públicos de abastecimento pode necessitar de cloração adicional. A cloração, associada ou não a outros métodos de tratamento, é realizada em 26,8% dos estabelecimentos. A região Metropolitana possui maior percentual de estabelecimentos que realizam a cloração (36,2%) e a região Norte, o menor (20,5%),

estando também nesta última o maior percentual de estabelecimentos que não realiza quaisquer tipos de tratamento na água utilizada na agroindústria (52,6%).

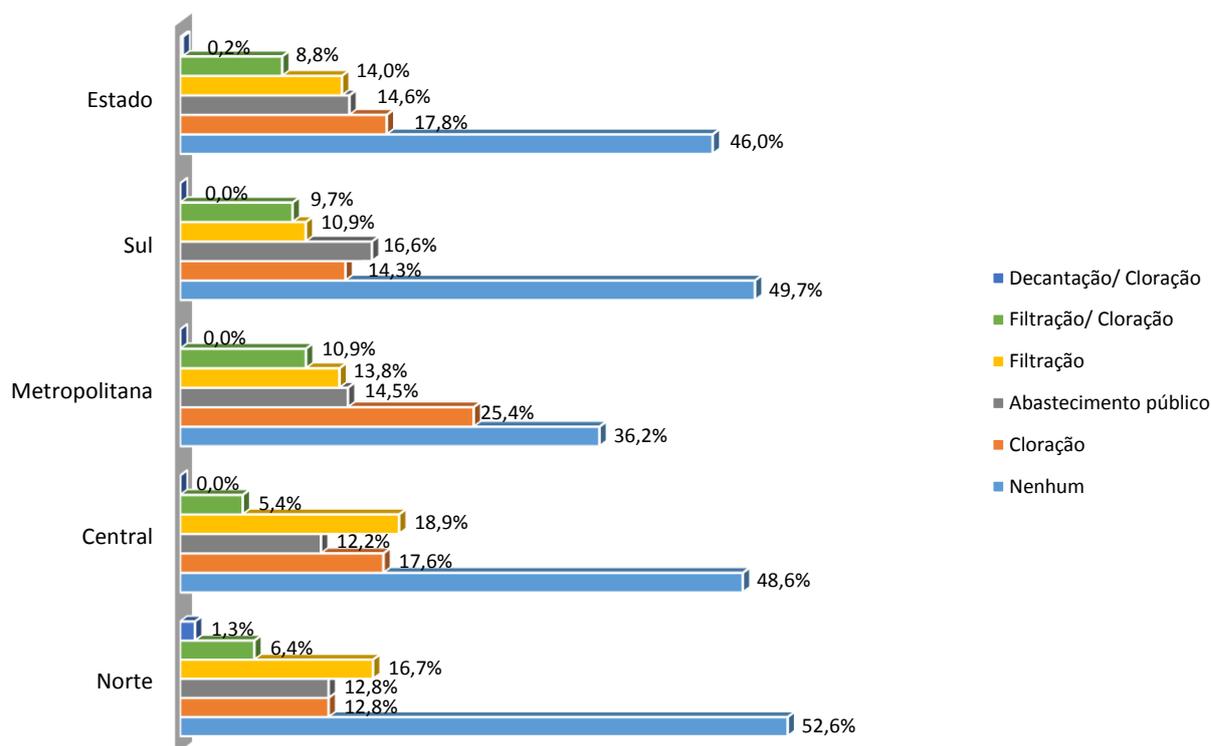


Figura 33 - Tratamento dado à água utilizada nas agroindústrias.

7.4.4 Monitoramento da qualidade microbiológica da água

Observou-se que a maioria dos produtores (37,2%) nunca realizou análise microbiológica da água utilizada na agroindústria. Entre 62,8% que realizaram análises, 25,3% deles fez apenas uma vez, 26,6% realizaram análises anuais e 10,8%, semestrais. A região Sul (46,3%) apresentou maior percentual (46,3%) de estabelecimentos que realizam de forma periódica a análise da água e a região Norte, o menor (21,8%).

7.5 DESTINAÇÃO DOS RESÍDUOS DA PRODUÇÃO

7.5.1 Resíduos sólidos

A maior parte dos resíduos sólidos gerados na atividade são destinados à coleta pública (66,9%) (Figura 34), cujo serviço é disponibilizado para 68,0% dos estabelecimentos entrevistados. Observou-se, porém, grandes divergências entre as regiões, em que a região Metropolitana conta com 89,1% dos estabelecimentos abastecidos pela coleta pública, enquanto a região Norte com apenas 41,0%.

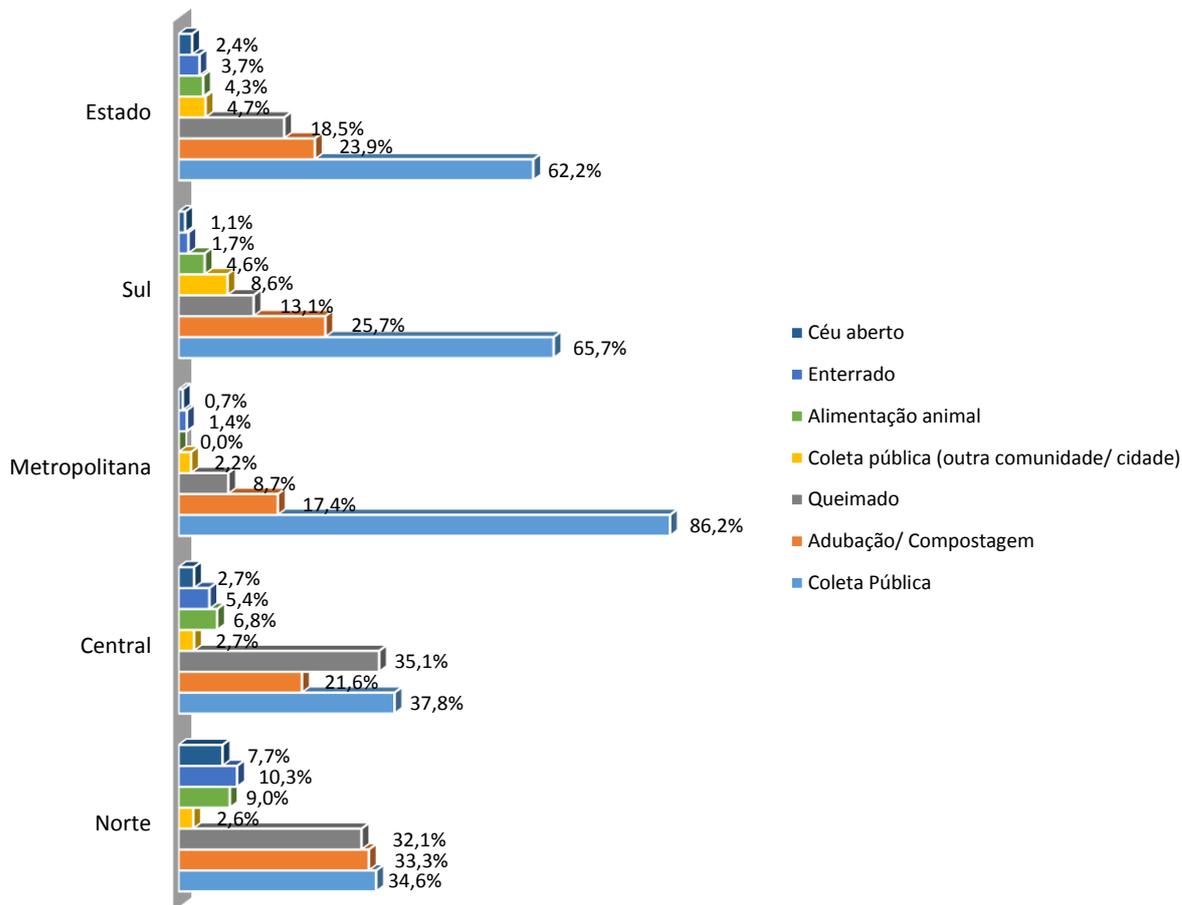


Figura 34 - Destinação dos resíduos sólidos da produção.

Constatou-se que a maioria dos estabelecimentos (52,5%) não separa os resíduos para reciclagem. A região Metropolitana destaca-se pelo maior percentual de empreendimentos que separa frequentemente os resíduos (52,2%) e é a única região em que essa prática é comum na maioria dos estabelecimentos. Ao contrário, a região Norte possui o menor percentual de estabelecimentos que separam os resíduos sólidos para destinar à reciclagem (20,5%).

7.5.2 Efluentes líquidos

As redes de esgoto sanitário e industrial são independentes em 58,3% dos estabelecimentos. Efluentes industriais contendo soro de leite, resíduos da fabricação de polvilho, entre outros, exigem tratamentos diferenciados e não devem ser descartados diretamente junto com o esgoto comum das agroindústrias ou das residências. Na região Metropolitana, observou-se maior percentual de estabelecimentos com instalações independentes para esses dois tipos de resíduo (67,4%) e na região Norte, o menor (52,6%).

O principal destino dos efluentes líquidos é a fossa séptica, ou fossa séptica-sumidouro, adotada em 78,4% dos empreendimentos (Tabela 9), seguida pela destinação em rede pública (9,9%). O uso de biodigestores e a destinação dos resíduos para fertirrigação são pouco utilizados pelos produtores, de forma menos frequente que o descarte inadequado a céu aberto ou em corpos hídricos, que ocorre em 9,0% dos estabelecimentos.

Tabela 9 - Destino dos efluentes líquidos gerados nas agroindústrias por região

| Destino dos efluentes | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|--------------------------------|-------|---------|---------------|-------|--------|
| Fossa séptica/ fossa-sumidouro | 69,9% | 84,3% | 75,7% | 81,6% | 78,4% |
| Rede pública | 9,6% | 2,9% | 16,2% | 8,0% | 9,9% |
| Céu aberto | 16,4% | 7,1% | 1,5% | 3,4% | 5,5% |
| Córrego/ rio | 2,7% | 5,7% | 2,2% | 4,0% | 3,5% |
| Biodigestor | 0,0% | 0,0% | 3,7% | 0,6% | 1,3% |
| Fertirrigação | 1,4% | 0,0% | 0,7% | 2,3% | 1,3% |

8 ASPECTOS DO PROCESSO PRODUTIVO

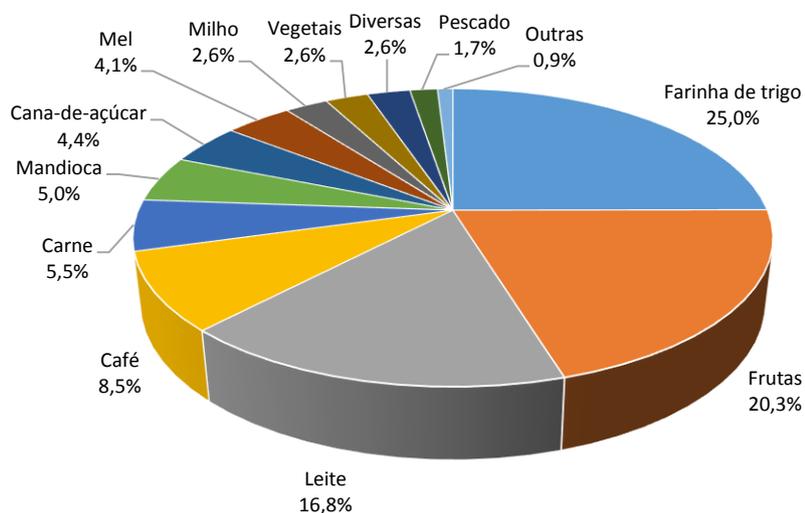
8.1 PERIODICIDADE DE FUNCIONAMENTO DA AGROINDÚSTRIA

Constatou-se que a maioria das agroindústrias (81,1%) funciona o ano todo. Uma pequena parte (3,7%) funciona até dois meses por ano; 7,6% funciona entre três e seis meses e o mesmo percentual de sete a onze meses.

8.2 MATÉRIAS PRIMAS PROCESSADAS

8.2.1 Principais matérias-primas processadas pelas agroindústrias

A farinha de trigo é a matéria-prima mais utilizada nas agroindústrias avaliadas (25,0%), seguida das frutas (20,3%) e do leite (16,8%). Somadas ao café, carnes e mandioca, essas matérias-primas totalizam 81,1% das matérias-primas utilizadas nas agroindústrias entrevistadas (Figura 36).

**Figura 36** - Matérias-primas utilizadas nas agroindústrias familiares.

8.2.2 Origem das matérias-primas

A maioria das agroindústrias (77,9%) produz ao menos parte da matéria-prima utilizada na fabricação dos produtos, e 30,8% dos entrevistados informaram produzir toda a matéria-prima processada nos seus

estabelecimentos. A região Sul apresentou maior percentual de produtores que adquirem de terceiros toda a matéria-prima utilizada (27,4%), enquanto na região Norte, 88,5% das agroindústrias utilizam total ou parcialmente matéria-prima de produção própria.

Dos produtores que adquirem matéria-prima, a maior parte (60,7%) compra de produtores vizinhos e/ou do comércio local ou regional. A aquisição de matéria-prima via vendedores e representantes comerciais é comum nas quatro regiões, equivalendo a 15,1% dos meios de aquisição da matéria-prima, sendo mais frequente nas regiões Central e Norte. O percentual de produtores que compram matéria-prima de outros estados é baixo, variando entre 1,4% na região Metropolitana a 4,1% na região Central.

8.3 INSUMOS E EMBALAGENS

Os insumos (ingredientes, aditivos alimentares, entre outros) são adquiridos principalmente no comércio local (39,4%). Vendedores e representantes comerciais representam a segunda principal forma de aquisição dos insumos. Um pequeno percentual adquire os insumos em outro estado (7,3%) ou produz seus próprios insumos (6,2%).

O principal tipo de embalagem utilizada é o saco plástico, empregado em 79,6% dos estabelecimentos, seguido pelo filme plástico e as bandejas de isopor (Figura 37). O uso de potes plásticos ocorre em 23,2% dos estabelecimentos. Cabe ressaltar que o somatório dos percentuais excede 100%, visto que uma agroindústria pode utilizar mais de um tipo de embalagem.

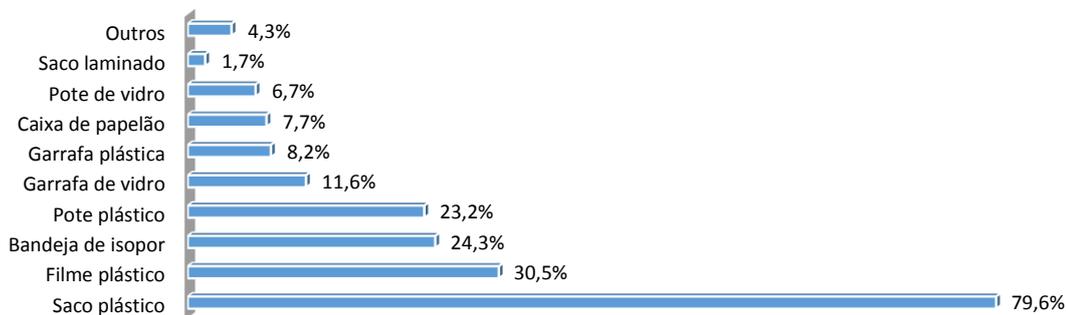


Figura 37 - Tipos de embalagens utilizadas pelas agroindústrias familiares.

Observa-se que o plástico é o principal material utilizado nas embalagens, seguido de isopor, vidro e papel/papelão. Um pequeno percentual é constituído de uma mistura de materiais, como, por exemplo, as sacolas laminadas utilizadas para embalar o café torrado e moído.

Assim como a matéria-prima e os insumos, a maior parte das embalagens é adquirida no comércio local do município ou da região onde a agroindústria encontra-se instalada. Vendedores e representantes comerciais são responsáveis por 29,7% das embalagens comercializadas. Constatou-se que 14,6% das embalagens são adquiridas de outros estados. O reaproveitamento de embalagens ocorre em 6,0% dos estabelecimentos, especialmente na fabricação de cachaças. A fabricação própria de embalagens ocorre de forma incipiente, apenas em 0,6% das agroindústrias, sem nenhum registro nas regiões Metropolitanas e Sul.

8.4 BOAS PRÁTICAS DE FABRICAÇÃO (BPF)

Identificou-se que a maioria dos produtores (83,7%) já ouviu falar em Boas Práticas de Fabricação (BPF) (Figura 38). No entanto, um menor percentual (67,5%) informou ter participado de curso específico sobre o tema. Quanto à implementação, menos da metade dos produtores (45,2%) possui Manual de BPF. Procedimentos operacionais padrão (POPs) e/ou procedimentos padrão de higiene operacional (PPHO) só foram identificados em 26,5% dos estabelecimentos, sendo que apenas 16,3% realizam os registros para controle e monitoramento desses procedimentos. A implantação das BPF, por meio do Manual de BPF, dos POPs e PPHO, e de seus registros, foi constatada principalmente em estabelecimentos da região Metropolitana e foi menos frequente na região Norte.

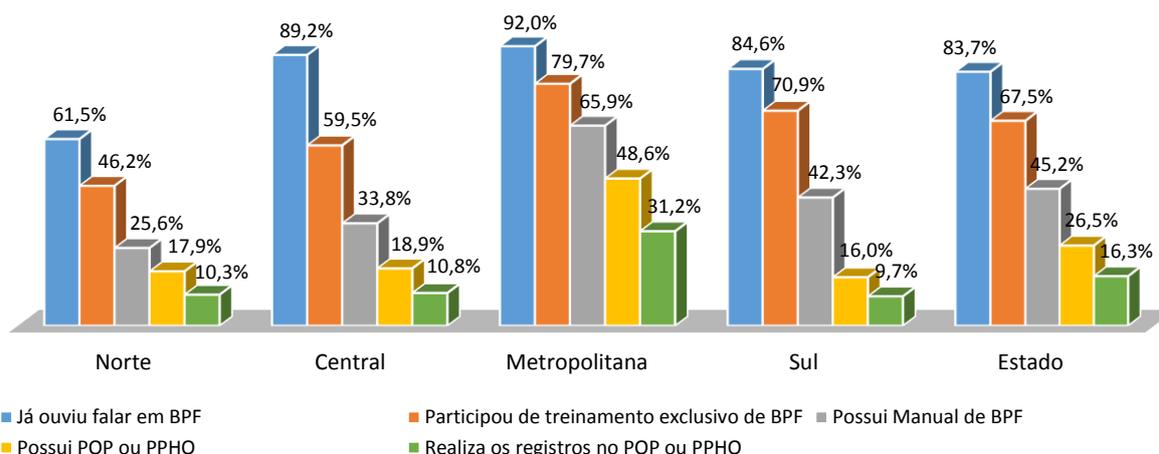


Figura 38 - Implementação das BPF nas agroindústrias, por região.

8.5 ASSISTÊNCIA TÉCNICA

A maior parte dos entrevistados (84,1%) informou receber alguma assistência técnica para implantação ou melhoria das unidades de produção. A região com maior percentual de empreendimentos assistidos foi a região Central (91,9%), seguida das regiões Sul (86,9%) e Metropolitana (84,8%). A região onde a assistência se fez menos presente foi a Norte, com 69,2% de estabelecimentos assistidos.

O Incaper foi a principal instituição a prestar assistência técnica, segundo os produtores, com 60,4% do total das citações, seguida das instituições que compõem do "Sistema S" (45,4%) e das prefeituras (35,7%). Em todas as regiões o Incaper foi a principal instituição a prestar assistência técnica às agroindústrias (Figura 39), variando entre 53,8% (Norte) e 67,6% (Central).

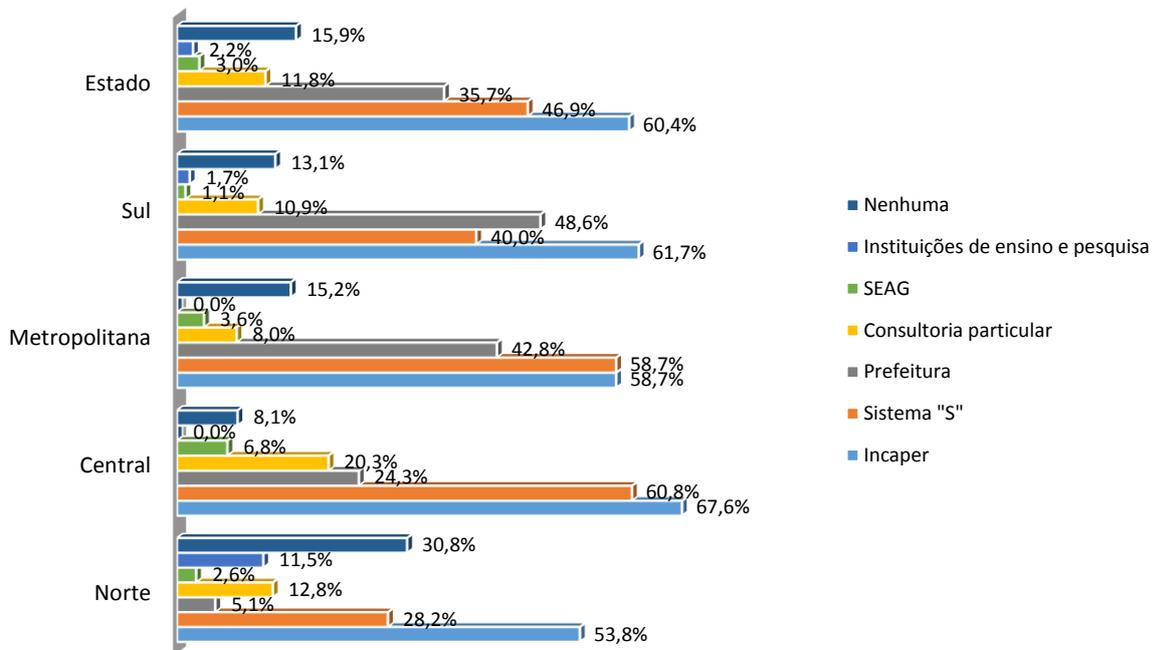


Figura 39 - Instituições que prestaram de assistência técnica para as agroindústrias.

8.6 GESTÃO DA PRODUÇÃO

Constatou-se que apenas 37,9% dos gestores sempre registram os custos de produção e 44,6% registram todo valor o faturado com as vendas. A quantidade produzida é registrada em 43,5% dos empreendimentos e o volume de matéria-prima processada, em 43,1%. O planejamento da produção depende desses registros, que são necessários para identificar a ocorrência de perdas e estimar o rendimento da produção. A região Norte foi a que apresentou melhor índice de estabelecimentos que registram tais informações.

9 PRODUTOS FABRICADOS PELOS EMPREENDIMENTOS

9.1 VARIEDADE E QUALIDADE DOS PRODUTOS OFERTADOS

Cada estabelecimento oferta, em média, cinco produtos diferentes, sendo que 61,1% fabricam até três produtos distintos, e um pequeno percentual (5,2%) produz mais de 15 itens. Os empreendimentos da região Central destacaram-se na oferta de maior mix de produtos (Figura 40).

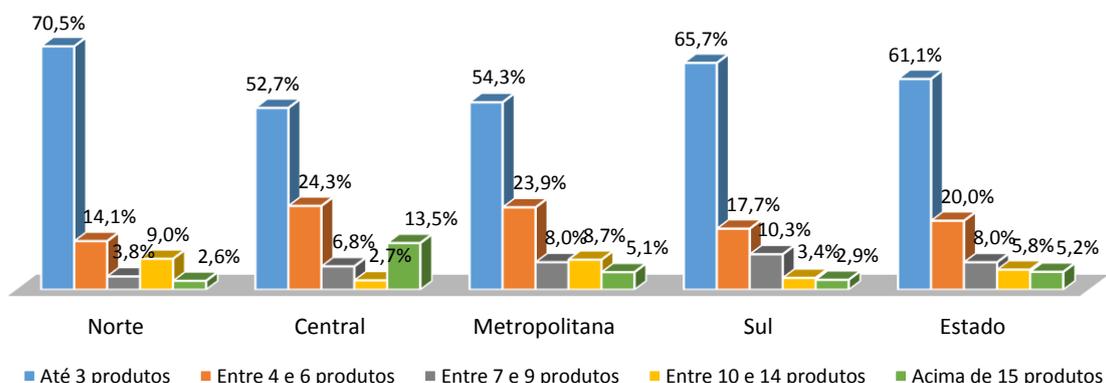


Figura 40 - Variedade de produtos (*mix*) fabricados pelas agroindústrias.

Grande parte dos produtores (70,5%) não fabrica produtos diferentes dos habituais. Embora prevaleçam estabelecimentos conservadores quanto à variedade dos produtos ofertados, 55,9% dos produtores pretendem fabricar novos produtos e 77,8% pretendem aumentar o volume de produção. Segundo os entrevistados, no período entre 2015 e 2018, o aumento da produção ocorreu em 62,3% dos estabelecimentos, permaneceu constante em 23,9% e diminuiu em 13,8% das agroindústrias. Segundo a percepção dos produtores, a qualidade dos produtos melhorou (79,7%) ou manteve-se inalterada (20,3%) nesse período.

9.1.1 Principais grupos de produtos fabricados

Constatou-se que os derivados de trigo, seguidos pelos derivados de leite, derivados de frutas (exceto polpas e bebidas em geral), carnes e derivados e derivados de café, equivalem aos cinco principais grupos de alimentos produzidos nas agroindústrias pesquisadas (Tabela 10). A fabricação de derivados de trigo e de leite é predominante em todas as regiões do estado, ocupando primeira e segunda posições nessas regiões, respectivamente. A partir da terceira colocação, a frequência da fabricação de cada grupo de produto difere da média estadual conforme a região. As regiões Metropolitana e Central seguem a média do estado com os derivados de frutas na sequência dos principais alimentos produzidos. Já na região Norte, destaca-se a fabricação de derivados de mandioca (12,2%) na terceira posição, e, na região Sul, as carnes e seus derivados surgem em terceiro lugar entre os principais produtos fabricados. Já a produção de derivados de café, que representa o quinto grupo de alimentos mais produzidos segundo a média estadual, é mais significativa nas regiões Sul e Metropolitana, e pouco presente na região Norte, com apenas 1,2%.

Tabela 10 - Frequência de fabricação dos grupos de produtos por região

| Grupos de produtos | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|------------------------------|-------|---------|---------------|-------|--------|
| Derivados de trigo | 36,0% | 39,1% | 37,2% | 31,2% | 35,2% |
| Leite e derivados | 15,9% | 21,1% | 15,1% | 16,3% | 16,7% |
| Derivados de frutas | 6,7% | 9,9% | 12,8% | 9,3% | 10,1% |
| Carne e derivados | 2,4% | 6,2% | 4,6% | 12,0% | 7,1% |
| Derivados de café | 1,2% | 3,1% | 5,3% | 6,1% | 4,5% |
| Mel e derivados | 6,1% | 3,1% | 3,0% | 2,9% | 3,5% |
| Derivados de mandioca | 12,2% | 0,0% | 1,0% | 2,9% | 3,4% |
| Polpas de frutas | 6,1% | 3,7% | 1,6% | 2,0% | 2,9% |
| Derivados de vegetais | 1,2% | 2,5% | 2,3% | 3,2% | 2,5% |
| Doces diversos | 1,8% | 1,9% | 3,0% | 2,3% | 2,4% |
| Derivados de cana | 1,2% | 3,1% | 1,3% | 3,2% | 2,3% |
| Derivados de milho | 1,2% | 0,0% | 2,0% | 3,5% | 2,1% |
| Cachaça e/ou aguardente | 1,8% | 1,9% | 1,3% | 1,5% | 1,5% |
| Licores diversos | 1,2% | 0,0% | 3,3% | 0,6% | 1,4% |
| Vinhos (Uva) | 0,0% | 0,0% | 2,3% | 0,9% | 1,0% |
| Pescado e derivados | 1,2% | 1,9% | 0,7% | 0,6% | 0,9% |
| Fermentados alcoólicos | 0,6% | 0,0% | 1,3% | 0,3% | 0,6% |
| Ovos e derivados | 1,2% | 0,6% | 0,7% | 0,0% | 0,5% |
| Suco/ néctar de uva | 0,0% | 0,0% | 1,0% | 0,6% | 0,5% |
| Temperos e condimentos | 1,2% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,3% |
| Água de coco | 0,6% | 1,2% | 0,0% | 0,0% | 0,3% |
| Gelados comestíveis | 0,0% | 0,6% | 0,0% | 0,3% | 0,2% |
| Suco/ néctar (outras frutas) | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 0,1% |

9.2 CATEGORIAS DE PRODUTOS PROCESSADOS NAS AGROINDÚSTRIAS

Os produtos fabricados nas agroindústrias avaliadas foram divididos em três categorias, de acordo com a atuação dos órgãos de fiscalização sanitária: "Produtos de Origem Animal" (POA), "Produtos de Origem Vegetal" (POV) e "Bebidas". Ressalva-se que, embora destacadas como uma das categorias, as bebidas são originadas, em sua grande maioria, de matérias-primas de origem vegetal, principalmente das frutas e da cana-de-açúcar. Constatou-se que a maior parte dos produtos fabricados são de origem vegetal, seguidos pelos produtos de origem animal e pelas bebidas (Figura 41).

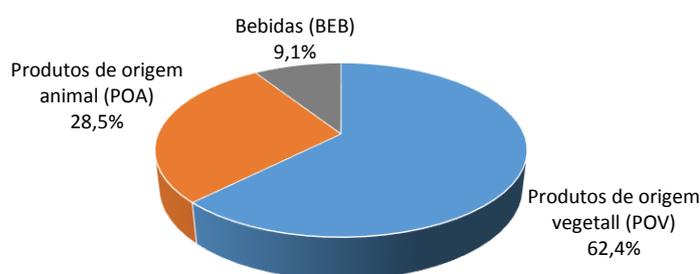


Figura 41 - Categorias de produtos fabricados nas agroindústrias.

A maioria das agroindústrias (90,4%) processa apenas uma categoria de produtos (POV, POA ou BEB). A maior parte das agroindústrias fabrica somente produtos de origem vegetal, seguidas por aquelas que processam só alimentos de origem animal e das que só produzem bebidas. Um pequeno percentual (9,0%) processa alimentos pertencentes a duas categorias diferentes, e apenas 0,6% fabricam produtos pertencentes às três categorias (Figura 42).

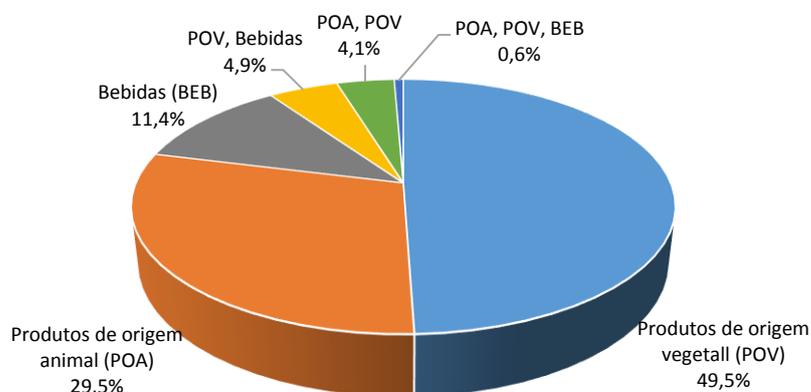


Figura 42 - Percentual de agroindústrias de acordo com as categorias de produtos processados.

9.2.1 Produtos de origem vegetal (POV)

Observou-se que das 465 agroindústrias entrevistadas, 275 fabricam produtos de origem vegetal, sendo que 230 produzem exclusivamente essa categoria de produto. Entre esses estabelecimentos, 70,2% elaboram produtos que possuem como principal matéria-prima a farinha de trigo (panificação, massas e salgados). As agroindústrias que processam frutas para fabricação de seus produtos (doces de fruta, geleias, conservas e frutas desidratadas) equivalem a 32,4% das agroindústrias que processam POV. O café torrado, em pó ou em grãos, é produzido em 16,4% dos empreendimentos, ocupando a terceira posição entre as principais matérias-primas utilizadas pelas agroindústrias de POV (Figura 43).

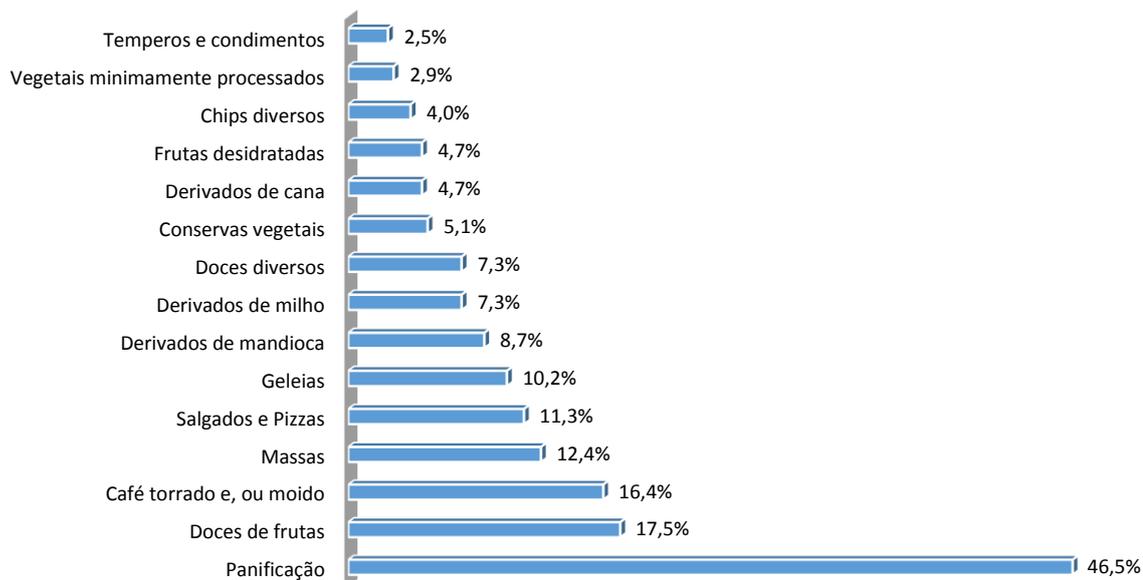


Figura 43 - Percentual de agroindústrias que fabricam POV, por tipo de produto.

Constatou-se que as agroindústrias produtoras de panificados e de derivados de frutas predominam em todo o estado (Tabela 11). A maior concentração de estabelecimentos produtores de derivados de mandioca está na região Norte, da mesma forma que se observa predomínio de agroindústrias que processam cana-de-açúcar na região Central. A produção de café torrado e/ou moído é expressiva em todo o estado, com exceção da região Norte. Unidade de fabricação de derivados de milho são mais comuns nas regiões Sul e Metropolitana. O processamento mínimo de vegetais já ocorre em todas as regiões, reforçada pela tendência de mercado, com o objetivo de ofertar maior praticidade aos consumidores.

Tabela 11 - Percentual de agroindústrias que fabricam POV, por tipo de produto e região

| Produtos fabricados | Norte | Central | Metropolitana | Sul |
|-------------------------------------|-------|---------|---------------|-------|
| Biscoitos | 50,0% | 52,5% | 33,7% | 29,9% |
| Pães | 38,1% | 45,0% | 37,2% | 28,0% |
| Bolos | 35,7% | 27,5% | 27,9% | 24,3% |
| Doces de frutas | 14,3% | 20,0% | 16,3% | 18,7% |
| Café torrado e/ou moído | 4,8% | 12,5% | 18,6% | 19,6% |
| Massas | 4,8% | 20,0% | 17,4% | 8,4% |
| Salgados e pizzas | 11,9% | 12,5% | 10,5% | 8,4% |
| Geleias | 7,1% | 12,5% | 11,6% | 7,5% |
| Doces diversos | 7,1% | 7,5% | 8,1% | 6,5% |
| Fubá | 0,0% | 0,0% | 7,0% | 8,4% |
| Frutas desidratadas | 2,4% | 0,0% | 11,6% | 1,9% |
| Conservas vegetais (exceto palmito) | 2,4% | 5,0% | 5,8% | 4,7% |
| Beiju | 16,7% | 0,0% | 2,3% | 1,9% |
| Rapadura | 2,4% | 7,5% | 2,3% | 4,7% |
| Chips diversos | 2,4% | 7,5% | 4,7% | 1,9% |
| Farinha de mandioca | 16,7% | 0,0% | 1,2% | 1,9% |
| Goma de tapioca/ polvilho | 11,9% | 0,0% | 0,0% | 3,7% |
| Melado | 2,4% | 2,5% | 1,2% | 3,7% |
| Vegetais minimamente processados | 2,4% | 2,5% | 2,3% | 2,8% |

| Produtos fabricados | Norte | Central | Metropolitana | Sul |
|-------------------------------|-------|---------|---------------|------|
| Brot | 2,4% | 5,0% | 3,5% | 0,0% |
| Rosca | 0,0% | 0,0% | 4,7% | 0,9% |
| Açúcar mascavo | 0,0% | 2,5% | 1,2% | 1,9% |
| Papa e pamonha | 4,8% | 0,0% | 0,0% | 0,9% |
| Feijão | 0,0% | 0,0% | 2,3% | 0,9% |
| Vegetais ou frutas congelados | 0,0% | 2,5% | 0,0% | 1,9% |
| Tapioca | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 1,9% |
| Sorvete e picolé | 0,0% | 2,5% | 0,0% | 0,9% |
| Colorau | 4,8% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| Farinha de banana | 0,0% | 0,0% | 1,2% | 0,0% |
| Canjiquinha | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,9% |
| Milho de pipoca | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,9% |
| Puba | 2,4% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| Palmito em conserva | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,9% |
| Tempero | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,9% |

Do total de produtos de origem vegetal processados, os panificados (biscoitos, pães e bolos) apresentaram maior frequência de produção (43,8%), seguidos dos doces de frutas (7,9%) e café torrado e/ou moído (7,2%) (Tabela 12). A soma desses produtos representa mais da metade (59,0%) dos alimentos de origem vegetal e 36,9% do total dos produtos fabricados pelas agroindústrias entrevistadas.

Tabela 12 – Frequência por tipos de produtos fabricados na categoria POV

| PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL (POV) | | | | |
|-------------------------------------|-------------------|----------------------------------|--|---|
| Produtos fabricados | Nº de ocorrências | Frequência sobre os tipos de POV | Frequência acumulada sobre os tipos de POV | Frequência sobre o total de produtos (todas categorias) |
| Biscoitos | 98 | 16,4% | 16,4% | 10,26% |
| Pães | 91 | 15,2% | 31,7% | 9,53% |
| Bolos | 73 | 12,2% | 43,9% | 7,64% |
| Doces de frutas | 47 | 7,9% | 51,8% | 4,92% |
| Café torrado e/ou moído | 43 | 7,2% | 59,0% | 4,50% |
| Massas | 33 | 5,5% | 64,5% | 3,46% |
| Salgados e pizzas | 29 | 4,9% | 69,3% | 3,04% |
| Geleias | 27 | 4,5% | 73,9% | 2,83% |
| Doces diversos | 18 | 3,0% | 76,9% | 1,88% |
| Fubá | 15 | 2,5% | 79,4% | 1,57% |
| Frutas desidratadas | 12 | 2,0% | 81,4% | 1,26% |
| Conservas vegetais (exceto palmito) | 12 | 2,0% | 83,4% | 1,26% |
| Rapadura | 11 | 1,8% | 85,3% | 1,15% |
| Beiju | 11 | 1,8% | 87,1% | 1,15% |
| Chips diversos | 10 | 1,7% | 88,8% | 1,05% |
| Farinha de mandioca | 10 | 1,7% | 90,5% | 1,05% |
| Goma de tapioca/ polvilho | 9 | 1,5% | 92,0% | 0,94% |
| Melado | 7 | 1,2% | 93,1% | 0,73% |
| Vegetais minimamente processados | 6 | 1,0% | 94,1% | 0,63% |
| Açúcar mascavo | 5 | 0,8% | 95,0% | 0,52% |
| Rosca | 5 | 0,8% | 95,8% | 0,52% |

| PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL (POV) | | | | |
|----------------------------------|-------------------|----------------------------------|--|---|
| Produtos fabricados | Nº de ocorrências | Frequência sobre os tipos de POV | Frequência acumulada sobre os tipos de POV | Frequência sobre o total de produtos (todas categorias) |
| Brot | 5 | 0,8% | 96,6% | 0,52% |
| Papa e pamonha | 3 | 0,5% | 97,2% | 0,31% |
| Feijão | 3 | 0,5% | 97,7% | 0,31% |
| Vegetais ou frutas congelados | 3 | 0,5% | 98,2% | 0,31% |
| Tapioca | 2 | 0,3% | 98,5% | 0,21% |
| Sorvete e picolé | 2 | 0,3% | 98,8% | 0,21% |
| Farinha de banana | 1 | 0,2% | 99,0% | 0,10% |
| Puba | 1 | 0,2% | 99,2% | 0,10% |
| Canjiquinha | 1 | 0,2% | 99,3% | 0,10% |
| Milho de pipoca | 1 | 0,2% | 99,5% | 0,10% |
| Palmito em conserva | 1 | 0,2% | 99,7% | 0,10% |
| Colorau | 1 | 0,2% | 99,8% | 0,10% |
| Tempero | 1 | 0,2% | 100,0% | 0,10% |
| Total | 597 | 100,0% | - | 62,51% |

9.2.2 Produtos de origem animal (POA)

Do total de agroindústrias avaliadas, 159 são responsáveis pelo processamento de alimentos de origem animal, sendo que 86,2% delas (137) processam exclusivamente esta categoria de produtos. A maioria desses estabelecimentos produz queijos, derivados de carne suína ou outros derivados de leite (Figura 44).

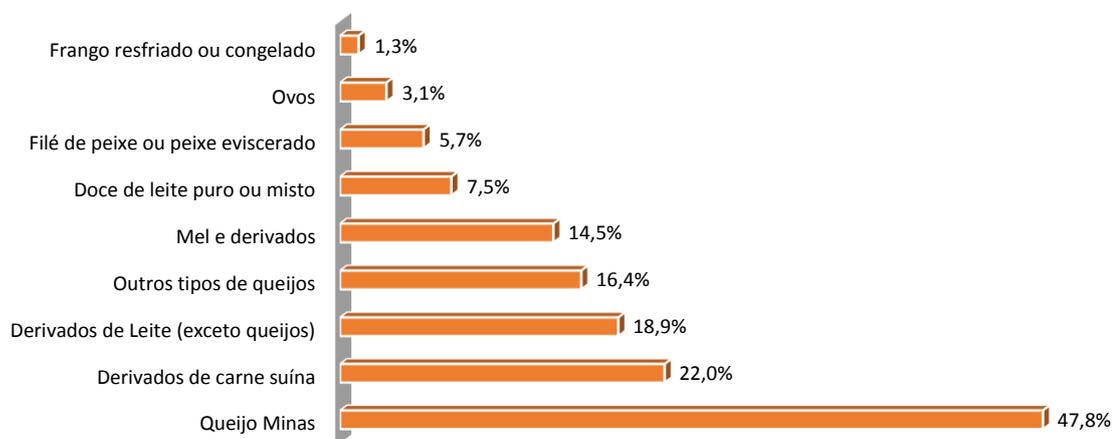


Figura 44 - Percentual de agroindústrias que fabricam POA, por tipo de produto.

As agroindústrias produtoras de queijo minas estão distribuídas em todo o estado, mas apresentaram maior percentual de ocorrência na região Metropolitana (Tabela 13). Estabelecimentos produtores de embutidos e defumados apresentam-se em menor quantidade na região Norte, onde foi observado maior percentual de estabelecimentos produtores de queijo muçarela. A região sul destaca-se por apresentar maior percentual de estabelecimentos produtores de torresmo. Agroindústrias produtoras de socol concentram-se nas regiões Sul e Metropolitana.

Tabela 13 - Percentual de agroindústrias que fabricam POA, por tipo de produto e região

| Produtos fabricados | Norte | Central | Metropolitana | Sul |
|-----------------------------------|--------------|----------------|----------------------|------------|
| Queijo Minas | 25,9% | 38,7% | 47,5% | 36,1% |
| Linguiça | 3,7% | 12,9% | 10,0% | 26,2% |
| Mel | 29,6% | 12,9% | 12,5% | 9,8% |
| Defumados | 3,7% | 6,5% | 12,5% | 11,5% |
| Queijo Muçarela | 22,2% | 9,7% | 5,0% | 4,9% |
| Doce de leite puro ou misto | 3,7% | 6,5% | 7,5% | 9,8% |
| Ricota/ Puína | 7,4% | 3,2% | 12,5% | 6,6% |
| Manteiga | 0,0% | 12,9% | 15,0% | 3,3% |
| Queijo Minas Frescal | 11,1% | 0,0% | 5,0% | 9,8% |
| Torresmo | 0,0% | 3,2% | 2,5% | 13,1% |
| Iogurte | 0,0% | 6,5% | 7,5% | 8,2% |
| Requeijão | 11,1% | 9,7% | 5,0% | 3,3% |
| Própolis | 3,7% | 3,2% | 7,5% | 6,6% |
| Filé de peixe ou peixe eviscerado | 7,4% | 9,7% | 5,0% | 3,3% |
| Banha | 0,0% | 6,5% | 2,5% | 8,2% |
| Queijo Provolone | 3,7% | 9,7% | 2,5% | 1,6% |
| Socol | 0,0% | 0,0% | 5,0% | 4,9% |
| Ovos | 7,4% | 3,2% | 5,0% | 0,0% |
| Queijo Minas Temperado | 0,0% | 0,0% | 2,5% | 4,9% |
| Frango resfriado ou congelado | 7,4% | 0,0% | 0,0% | 1,6% |
| Queijo Minas Padrão | 3,7% | 3,2% | 0,0% | 1,6% |
| Queijo Coalho | 0,0% | 6,5% | 0,0% | 1,6% |
| Chouriço | 0,0% | 3,2% | 0,0% | 1,6% |
| Leite pasteurizado | 0,0% | 3,2% | 2,5% | 0,0% |
| Queijo Parmesão | 3,7% | 0,0% | 2,5% | 0,0% |
| Pólen | 3,7% | 0,0% | 2,5% | 0,0% |
| Salaminho | 0,0% | 0,0% | 2,5% | 0,0% |
| Queijo cozido | 3,7% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |

Os produtos de origem animal fabricados com mais frequência são queijos tipo minas (22,7%), linguiça (9,5%), mel (6,6%), defumados (5,5%) e muçarela (5,1%), representando quase a metade (49,5%) dos tipos de produtos de origem animal fabricados nas agroindústrias pesquisadas (Tabela 14).

Tabela 14 - Frequência por tipos de produtos fabricados na categoria POA

| PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL (POA) | | | | |
|--|--------------------------|---|---|--|
| Produtos fabricados | Nº de ocorrências | Frequência sobre os tipos de POA | Frequência acumulada sobre os tipos de POA | Frequência sobre o total de produtos (todas categorias) |
| Queijo Minas | 62 | 22,7% | 22,7% | 6,48% |
| Linguiça | 26 | 9,5% | 32,2% | 2,72% |
| Mel | 18 | 6,6% | 38,8% | 1,88% |
| Defumados | 15 | 5,5% | 44,3% | 1,57% |
| Queijo Muçarela | 14 | 5,1% | 49,5% | 1,46% |
| Ricota/ Puína | 12 | 4,4% | 53,8% | 1,25% |
| Queijo Minas Frescal | 12 | 4,4% | 58,2% | 1,25% |

| PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL (POA) | | | | |
|-----------------------------------|-------------------|----------------------------------|--|---|
| Produtos fabricados | Nº de ocorrências | Frequência sobre os tipos de POA | Frequência acumulada sobre os tipos de POA | Frequência sobre o total de produtos (todas categorias) |
| Doce de leite puro ou misto | 11 | 4,0% | 62,3% | 1,15% |
| Manteiga | 11 | 4,0% | 66,3% | 1,15% |
| Torresmo | 9 | 3,3% | 69,6% | 0,94% |
| Iogurte | 9 | 3,3% | 72,9% | 0,94% |
| Requeijão | 9 | 3,3% | 76,2% | 0,94% |
| Própolis | 8 | 2,9% | 79,1% | 0,84% |
| Filé de peixe ou peixe eviscerado | 8 | 2,9% | 82,1% | 0,84% |
| Banha | 7 | 2,6% | 84,6% | 0,73% |
| Queijo Provolone | 6 | 2,2% | 86,8% | 0,63% |
| Socol | 5 | 1,8% | 88,6% | 0,52% |
| Queijo Minas temperado | 5 | 1,8% | 90,5% | 0,52% |
| Ovos | 5 | 1,8% | 92,3% | 0,52% |
| Queijo Minas Padrão | 4 | 1,5% | 93,8% | 0,42% |
| Queijo Coalho | 4 | 1,5% | 95,2% | 0,42% |
| Frango resfriado ou congelado | 3 | 1,1% | 96,3% | 0,31% |
| Chouriço | 2 | 0,7% | 97,1% | 0,21% |
| Leite pasteurizado | 2 | 0,7% | 97,8% | 0,21% |
| Queijo Parmesão | 2 | 0,7% | 98,5% | 0,21% |
| Pólen | 2 | 0,7% | 99,3% | 0,21% |
| Salaminho | 1 | 0,4% | 99,6% | 0,10% |
| Queijo cozido | 1 | 0,4% | 100,0% | 0,10% |
| Total | 273 | 100,0% | - | 28,53% |

9.2.3 Bebidas (BEB)

Do total de agroindústrias computadas na pesquisa, 79 produzem bebidas, sendo que 67,1% delas (53) produzem exclusivamente esta categoria de produto. A polpa de frutas é o principal produto dessa categoria, sendo produzida em 35,4% dos estabelecimentos produtores de bebidas (Figura 45). Em seguida, os principais produtos da categoria são cachaça e aguardente, licores, vinhos e suco de uva. De forma menos expressiva são produzidos fermentados alcoólicos, como o de jabuticaba, popularmente conhecido como “vinho de jabuticaba”; água de coco e sucos e néctares, exceto de uva.

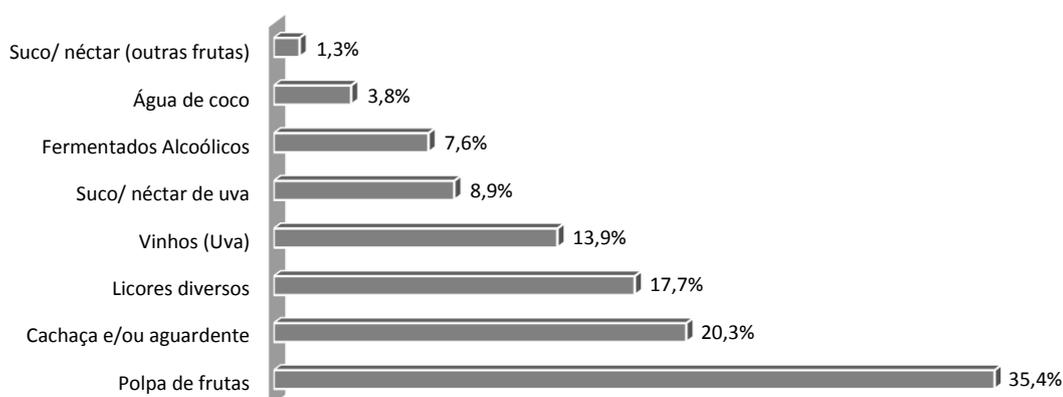


Figura 45 - Percentual de agroindústrias que fabricam bebidas, por tipo de produto.

Agroindústrias produtoras de polpa de frutas encontram-se difundidas em todo o estado, mas apresentam maior ocorrência na região Norte (66,7%) (Tabela 15). A fabricação de cachaça e aguardente também encontra-se pulverizada nas regiões, com maior concentração na região Central. Estabelecimentos envolvidos na fabricação de licores predominaram na região Metropolitana, assim como as unidades de fabricação de vinho, suco de uva e fermentados alcoólicos. Estabelecimentos produtores de água de coco predominam na região Central.

Tabela 15 - Percentual de agroindústrias que fabricam bebidas, por tipo de produto e região

| Produtos fabricados | Norte | Central | Metropolitana | Sul |
|------------------------------|--------------|----------------|----------------------|------------|
| Polpa de frutas | 66,7% | 50,0% | 16,1% | 33,3% |
| Cachaça e/ou aguardente | 20,0% | 25,0% | 12,9% | 23,8% |
| Licores diversos | 13,3% | 0,0% | 32,3% | 9,5% |
| Vinhos | 0,0% | 0,0% | 22,6% | 14,3% |
| Fermentados alcoólicos | 6,7% | 0,0% | 12,9% | 4,8% |
| Suco/ néctar de uva | 0,0% | 0,0% | 9,7% | 9,5% |
| Água de coco | 6,7% | 16,7% | 0,0% | 0,0% |
| Suco/ néctar (outras frutas) | 0,0% | 0,0% | 3,2% | 0,0% |

A polpa de frutas apresentou maior frequência de produção (33,3%), seguidas pelas cachaças e aguardentes (17,2%), pelos licores e vinhos (ambos com 13,8%), que, somados, correspondem a 78,2% das bebidas fabricadas (Tabela 16). Bebidas alcoólicas e não alcoólicas são produzidas em 52,9% e 47,1% dos empreendimentos, respectivamente.

Tabela 16 - Frequência por tipo de produtos fabricados na categoria BEB

| BEBIDAS (BEB) | | | | |
|------------------------------|--------------------------|---|---|---|
| Produtos fabricados | Nº de ocorrências | Frequência sobre os tipos de BEB | Frequência acumulada sobre os tipos de BEB | Frequência sobre o total de produtos (todas as categorias) |
| Polpa de frutas | 29 | 33,3% | 33,3% | 3,03% |
| Cachaça e/ou aguardente | 15 | 17,2% | 50,6% | 1,57% |
| Licores diversos | 12 | 13,8% | 64,4% | 1,26% |
| Vinhos | 12 | 13,8% | 78,2% | 1,26% |
| Suco/ néctar de uva | 7 | 8,0% | 86,2% | 0,73% |
| Fermentados alcoólicos | 6 | 6,9% | 93,1% | 0,63% |
| Água de coco | 3 | 3,4% | 96,6% | 0,31% |
| Espumante | 1 | 1,1% | 100,0% | 0,10% |
| Suco/ néctar (outras frutas) | 1 | 1,1% | 98,9% | 0,10% |
| Outras | 1 | 1,1% | 97,7% | 0,10% |
| Total | 87 | 100,0% | - | 9,10% |

9.3 ROTULAGEM DOS PRODUTOS FABRICADOS

A maior parte dos produtos (74,8%) possui rótulo (Figura 46). A confecção dos rótulos é, na maioria das vezes, realizada por empresas terceiradas (63,2%), como as gráficas, sendo poucos os produtores que confeccionam seu próprio rótulo (11,6%). A região Norte diferencia-se das demais pelo predomínio de

produtos comercializados sem rótulo (56,4%), divergindo da realidade constatada no estado. A região Metropolitana apresentou maior percentual de agroindústrias que comercializa produtos rotulados.

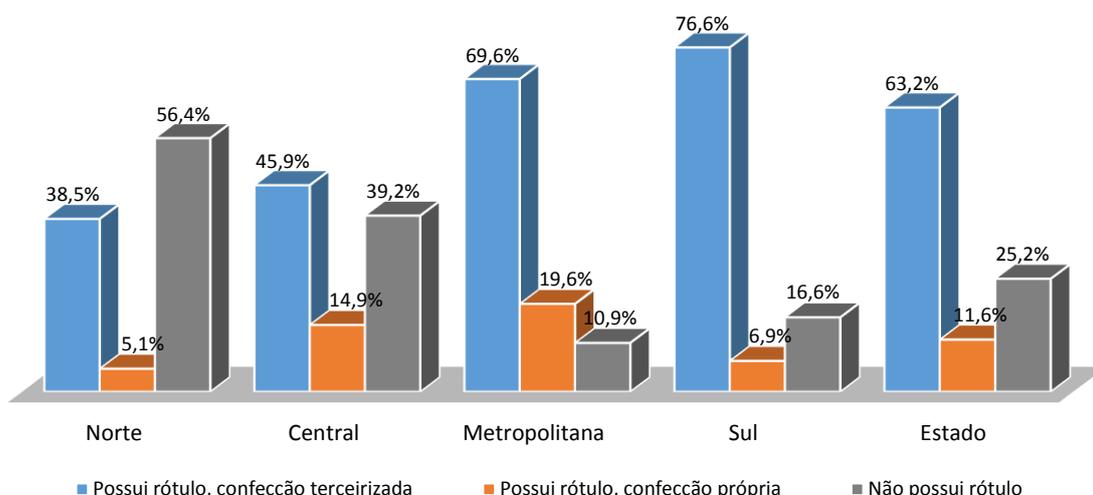


Figura 46 - Percentual de estabelecimentos que comercializam produtos com rótulo.

Constatou-se que 96,8% dos entrevistados consideram importante a presença de rótulo no produto. Segundo os entrevistados, a principal importância do rótulo é a identificação do produto (Figura 47), seguida pela apresentação do produto (11,2%) e divulgação de marca e produto (10,1%). Menor percentual de produtores alegam a necessidade de atender às exigências do mercado (1,7%), contribuir para segurança alimentar (1,3%) e possibilitar a rastreabilidade (1,1%).

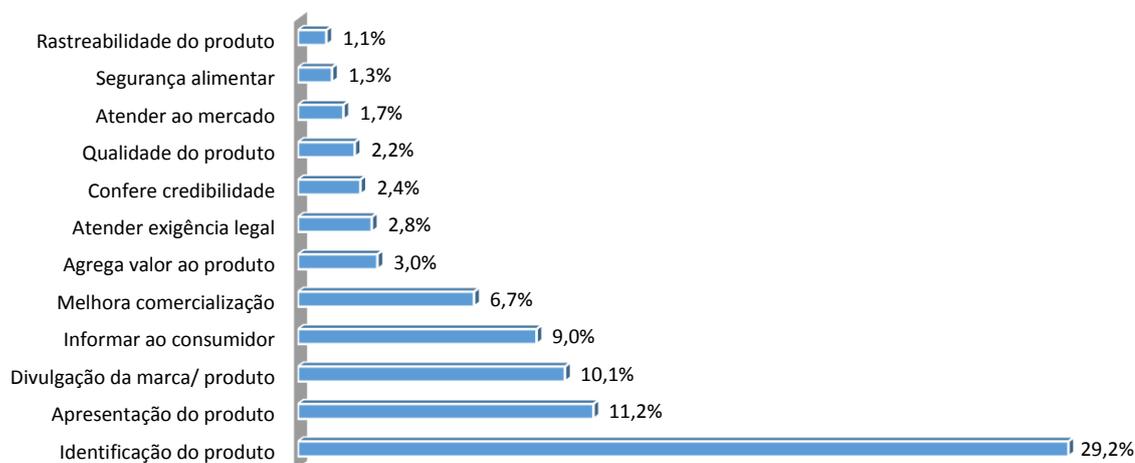


Figura 47 - Importância da rotulagem segundo os produtores.

Considerando apenas os agricultores familiares, 405 entrevistados, constatou-se que a maioria (89,1%) não utiliza o "Selo da Agricultura Familiar"¹ em seus produtos. A região central apresentou maior percentual

¹Os sinais distintivos de origem são importantes instrumentos de valorização dos produtos da agricultura familiar. São exemplos o Selo Nacional da Agricultura Familiar (Senaf), o Selo Indígenas do Brasil e o Selo Quilombos do Brasil.

de estabelecimentos que comercializam produtos com a identificação oficial da agricultura familiar (14,1%), seguidas pelas regiões Norte (12,5%), Metropolitana (10,4%) e Sul (8,6%).

10 FORMALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

10.1 FORMALIZAÇÃO JURÍDICA

Constatou-se o predomínio de empreendimentos que não possuem inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) (76,8%) (Figura 48). Maior percentual de estabelecimentos com CNPJ foi observado nas regiões Central (28,4%) e Norte (26,9%), seguidas pelas regiões Sul (22,9%) e metropolitana (18,8%). Ao considerar somente os 413 empreendimentos individuais, constatou-se que apenas 18,6% possuem CNPJ. Já entre os empreendimentos coletivos (52), constatou-se maior percentual, visto que 59,6% dos empreendimentos são formalizados juridicamente.

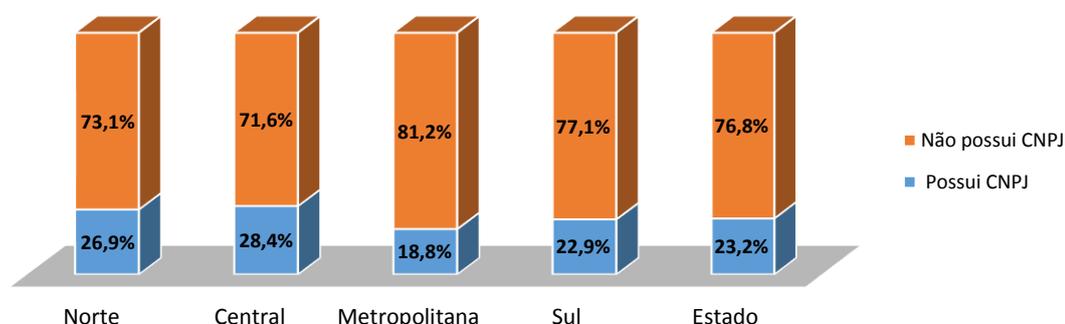


Figura 48 - Constituição jurídica das agroindústrias.

Ao avaliar apenas os empreendimentos individuais, verificou-se que a maioria (72,4%) é gerenciada por produtores que possuem inscrição de produtor rural (Figura 49). Na região Norte, observou-se o maior percentual de estabelecimentos cujos responsáveis não possuem nem CNPJ, nem inscrição de produtor rural. A Região Sul (94,4%) destacou-se pelo maior percentual de estabelecimentos com CNPJ, inscrição de produtor rural ou ambos.

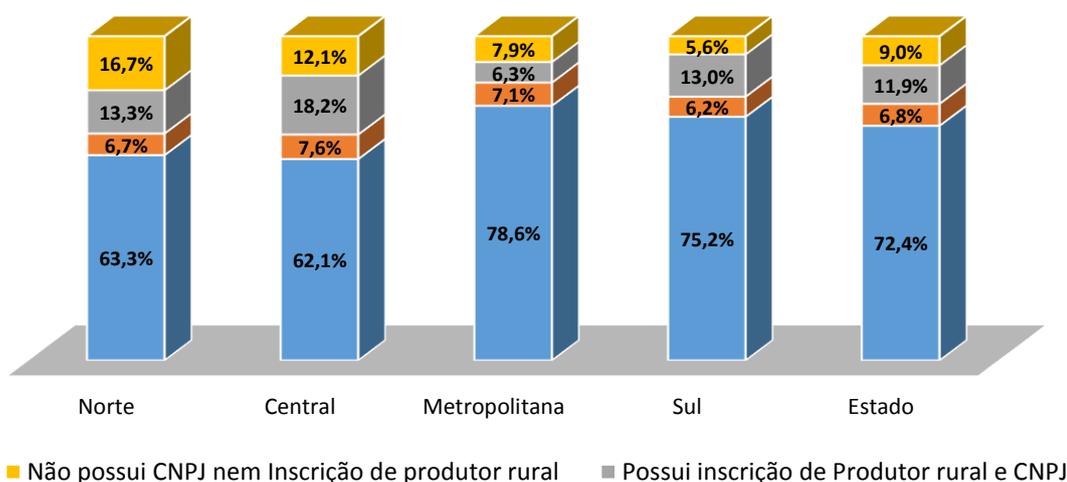


Figura 49 – Produtores que possuem inscrição de produtor rural

[Voltar ao sumário](#)

10.2 REGISTRO SANITÁRIO DO ESTABELECIMENTO E DOS PRODUTOS

A maior parte das agroindústrias (62,4%) possui registro sanitário (Figura 50). No entanto, o percentual de agroindústrias não inspecionadas ainda é elevado (37,6%). A região Sul apresentou maior percentual de agroindústrias regularizadas, seguida pela região Metropolitana. A região Norte destacou-se pelo predomínio de estabelecimentos não inspecionados, divergindo dos valores observados nas demais regiões. Já a região Central apresentou equilíbrio entre os percentuais de estabelecimentos com e sem registro sanitário.

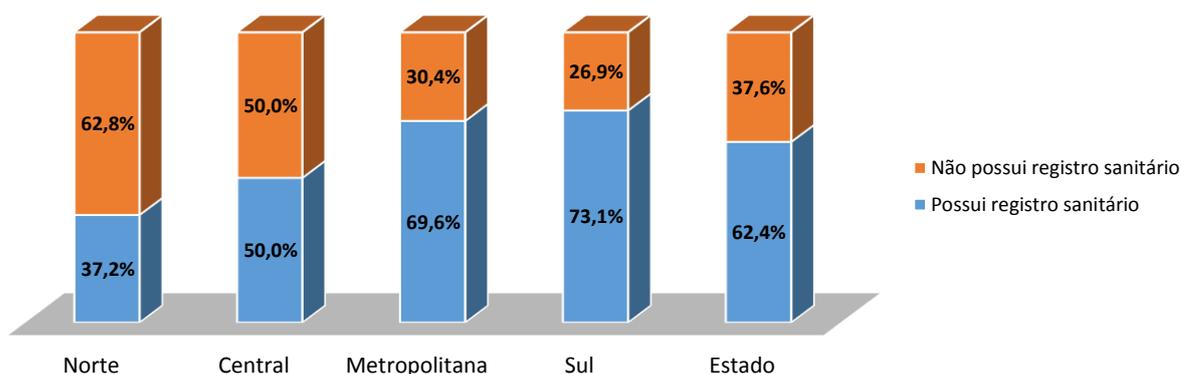


Figura 50 - Registro sanitário por região.

Constatou-se que a maior parte das agroindústrias apresenta registro nos órgãos de inspeção sanitária em nível municipal, sendo 33,5% registrados na Vigilância Sanitária e 21,5% no serviço de inspeção sanitária do município (SIM) (Figura 51). Uma menor parcela das agroindústrias (5,2%) encontra-se registrada no Serviço de Inspeção Vegetal do Ministério da Agricultura (SIV/Mapa), instância responsável pelo registro das bebidas. Os registros de estabelecimentos que fabricam produtos de origem animal em órgão estadual de fiscalização representados pelo SUSAF-ES e SIE somam 2,2%.

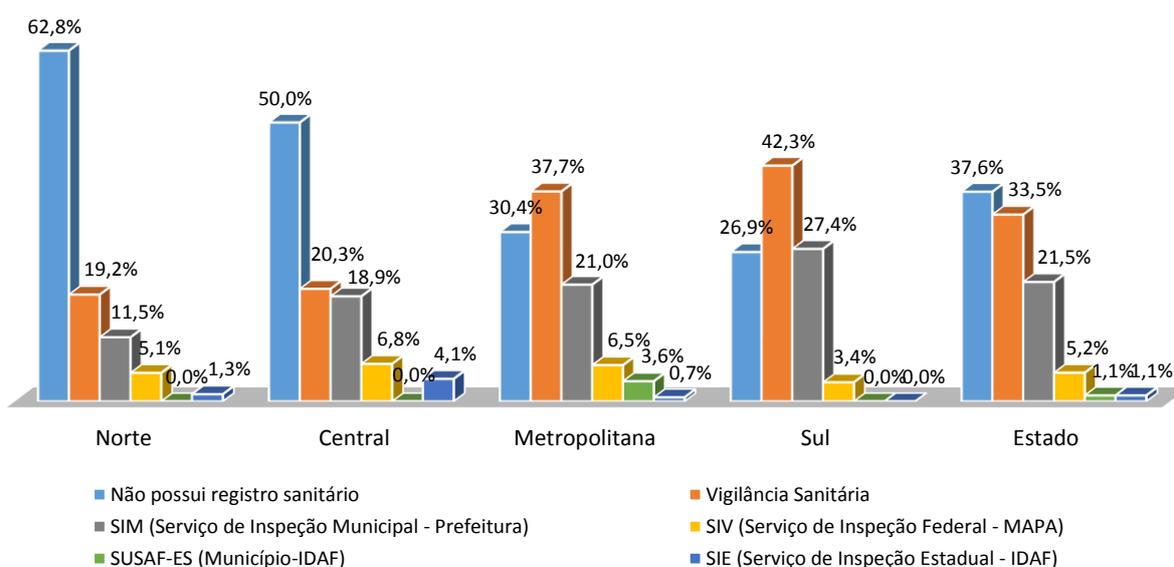


Figura 51 - Agroindústrias registradas e órgão fiscalizador.

Quando avaliada a presença de registro sanitário por tipo de produto (Figura 52), observou-se maior percentual de adequação entre os estabelecimentos que fabricam produtos de origem vegetal, seguido pelos que processam matéria-prima animal (POA) e bebidas (BEB).

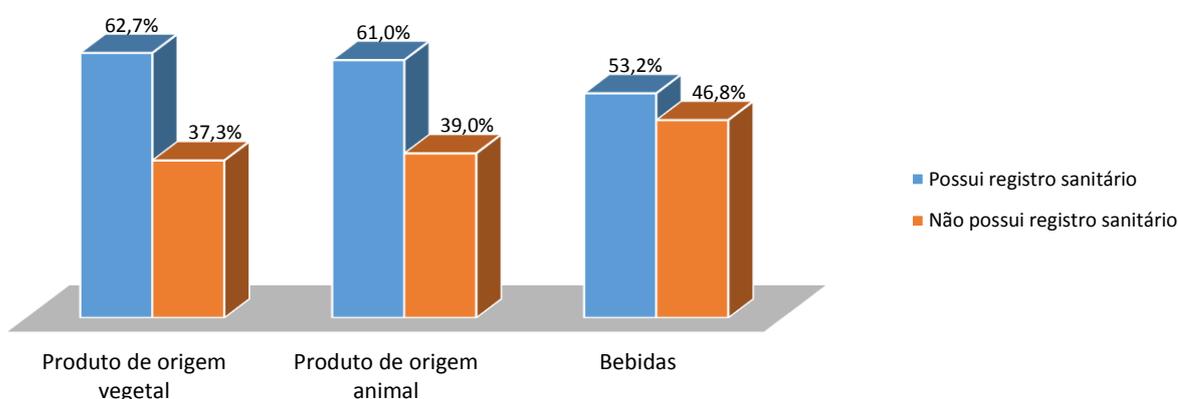


Figura 52 - Registro sanitário por tipo de produto.

A maioria dos agricultores (95,3%) considera importante que o estabelecimento tenha registro sanitário (Figura 53); no entanto, 24,7% não souberam informar o porquê dessa importância. A regularização sanitária foi considerada importante, principalmente para atender às exigências legais (22,6%), para comercializar o produto ou ampliar o mercado (19,8%) e para dar segurança ao produto (14,4%).

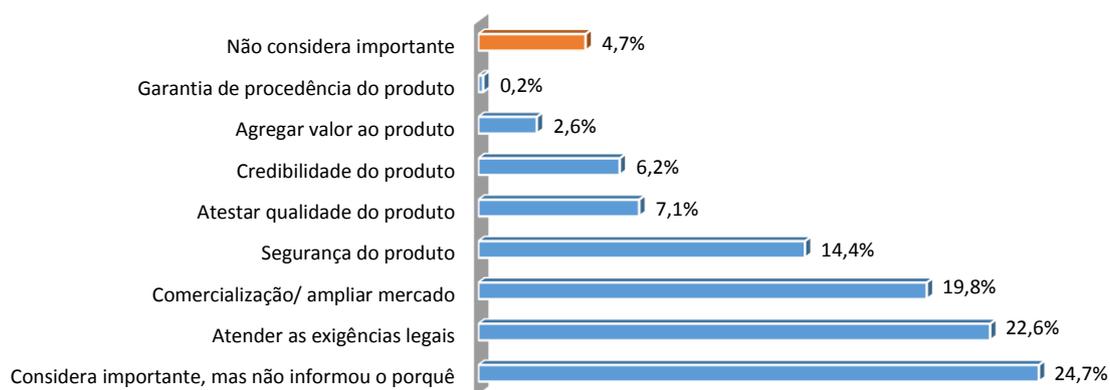


Figura 53 - Percepção do agricultor sobre a importância do registro sanitário.

10.3 LICENCIAMENTO AMBIENTAL

A maior parte das agroindústrias do estado (63,4%) não apresenta regularização ambiental, ou seja, não possui licença ambiental ou a dispensa de licenciamento, e 3,2% não forneceram informação a respeito (Figura 54). Observou-se que a região Metropolitana apresentou maior percentual de agroindústrias com situação ambiental regular, enquanto a região Norte apontou apenas 20,5% das agroindústrias licenciadas ou dispensadas de licença. Entre as agroindústrias regularizadas, a maior parte declara ser dispensada de registro ambiental (13,3%), seguida pelas licenciadas pela Secretaria de Meio Ambiente dos municípios (11,4%), pelo Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf) (4,7%) e pelo Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema) (3,9%).

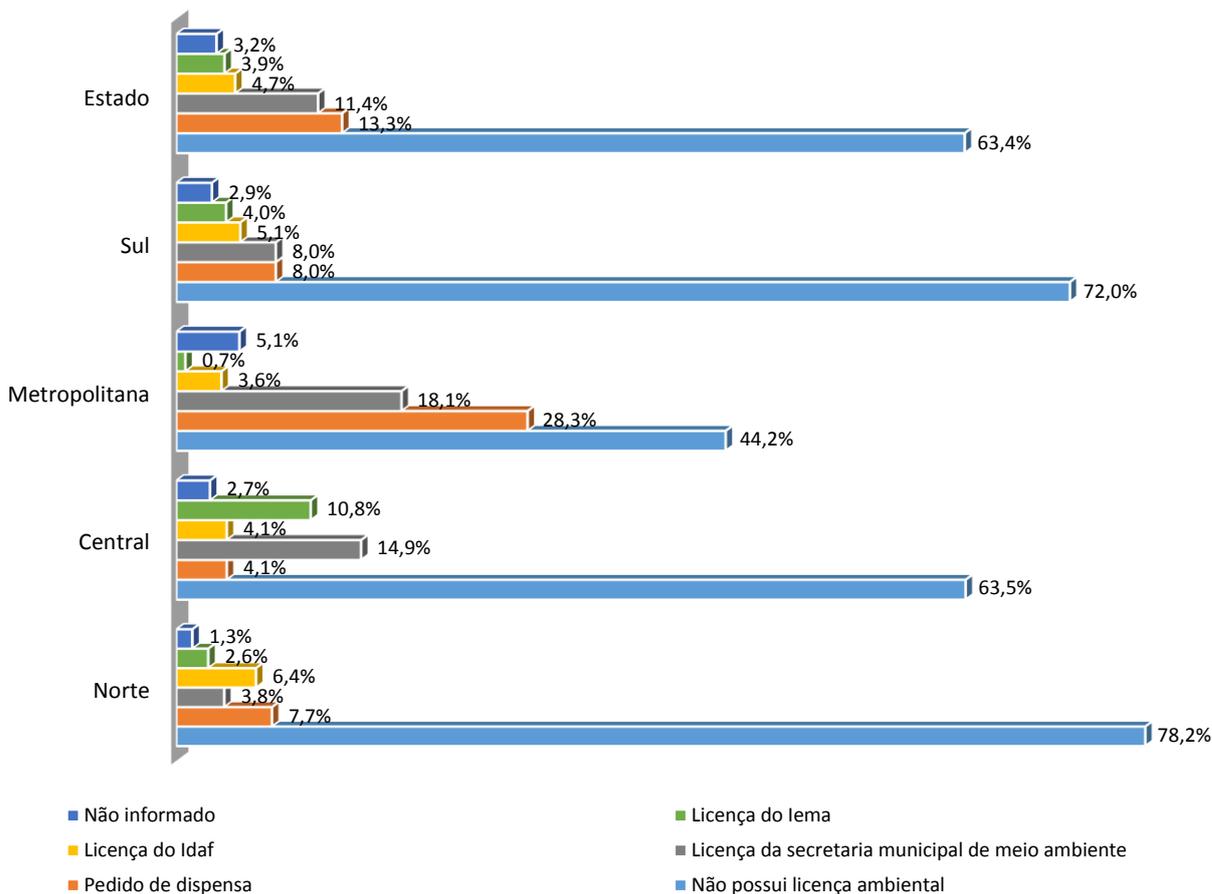


Figura 54 - Licenciamento ambiental por região.

Quanto à percepção dos agricultores a respeito da regularização ambiental (Figura 55), 17,4% não a consideram importante, e 1,5% acredita que a agroindústria não gera impacto ambiental. Um pequeno percentual dos entrevistados (0,4%) alegou que desconhecia a necessidade de regularização. A maioria dos entrevistados considera a licença importante; no entanto, 30,1% não soube informar o porquê. Segundo os entrevistados, a regularização ambiental é importante para atender às exigências legais (33,3%), preservação ambiental (8,2%), comercialização do produto (3,0%) e para obtenção do registro sanitário (3,0%).

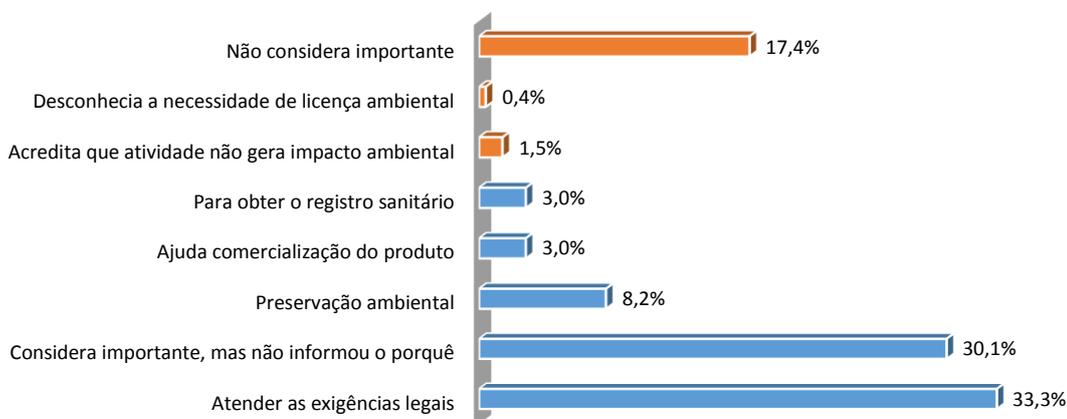


Figura 55 - Percepção do agricultor sobre a importância do licenciamento ambiental.

10.4 ALVARÁ DE FUNCIONAMENTO DA PREFEITURA

A maioria dos estabelecimentos (58,1%) possui alvará de funcionamento expedido pela prefeitura (Figura 56). Um pequeno percentual dos entrevistados (0,9%) não soube informar se possui o alvará. A região Metropolitana destaca-se pelo maior percentual (71,0%) de estabelecimentos que possuem alvará de funcionamento e a região Norte, o menor (38,5%).

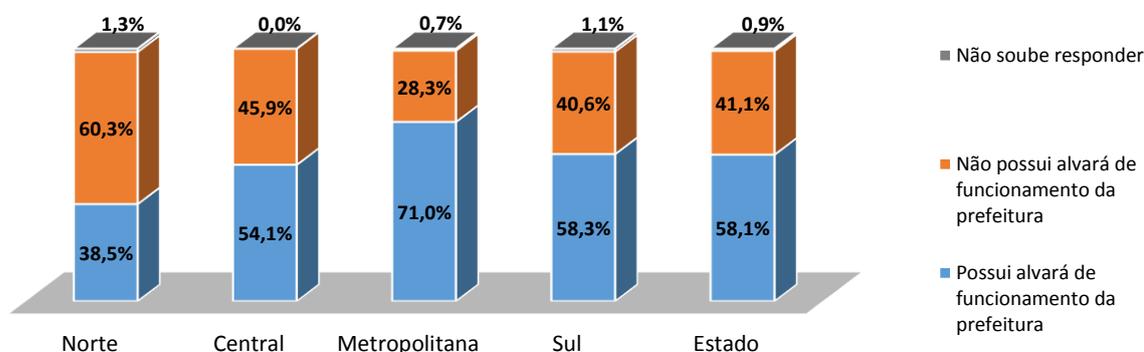


Figura 56 - Presença de alvará de funcionamento emitido pela prefeitura.

10.5 RELACIONAMENTO COM OS ÓRGÃOS DE FISCALIZAÇÃO

O relacionamento dos produtores com os órgãos de fiscalização é considerado bom ou muito bom, visto que 84,6% deles atribuíram notas superiores a 7 pontos para este relacionamento. Na região Sul, observou-se maior percentual de produtores que alegaram ter um relacionamento muito bom com os órgãos de fiscalização. Agricultores que alegaram estabelecer ruim ou péssimo relacionamento com órgãos fiscalizadores ocorreram com maior frequência na região Central (9,7%).

11 COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

11.1 CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO

O principal canal de comercialização utilizado pelos empreendedores é a venda direta ao consumidor na residência do produtor (51,8%), nas feiras livres (44,7%) e no próprio estabelecimento (37,0%). A comercialização em supermercados e mercearias ocorre como o quarto e o quinto principais canais de comercialização dos produtos. A venda vinculada ao agroturismo, desenvolvido na propriedade ou na região, foi observada em 23,2% dos estabelecimentos. Programas de compras governamentais correspondem a 25,2% dos canais de comercialização dos produtos da agroindústria familiar, destacando-se entre eles o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), com 16,6% (Tabela 17).

Constatou-se que o principal canal de comercialização das regiões Norte e Metropolitana é a feira livre, enquanto nas regiões Central e Sul é a venda direta ao consumidor na casa do produtor (Tabela 17). A comercialização em supermercados e mercearias ocorre com maior frequência nas regiões Metropolitana e Sul e configuram os principais canais de comercialização indireta dos produtos. A comercialização

concomitante ao agroturismo ocorre com maior frequência na região Metropolitana (44,2%), seguida das regiões Sul (19,4%) e Central (14,9%); no entanto, é praticamente inexistente na região Norte (2,6%).

Tabela 17 - Principais locais de venda dos produtos, por região.

| Locais de venda | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|------------------------------|-------|---------|---------------|-------|--------|
| Direto ao consumidor em casa | 46,2% | 63,5% | 50,0% | 51,4% | 52,0% |
| Feiras livres | 47,4% | 48,6% | 50,7% | 37,1% | 44,7% |
| No estabelecimento | 25,6% | 41,9% | 44,2% | 26,3% | 37,0% |
| Supermercados | 21,8% | 25,7% | 28,3% | 38,9% | 30,8% |
| Mercearias | 17,9% | 17,6% | 35,5% | 34,3% | 29,2% |
| Agroturismo (próprio/região) | 2,6% | 14,9% | 44,2% | 19,4% | 23,2% |
| Padarias/ lanchonetes | 21,8% | 21,6% | 13,0% | 27,4% | 21,3% |
| Eventos (regional/estadual) | 17,9% | 17,6% | 22,5% | 16,6% | 18,7% |
| PNAE | 16,7% | 12,2% | 21,0% | 14,9% | 16,6% |
| Associação | 19,2% | 14,9% | 21,7% | 10,3% | 15,9% |
| Restaurantes | 10,3% | 16,2% | 13,8% | 16,6% | 14,6% |
| Lojas especializadas | 12,8% | 17,6% | 15,2% | 8,6% | 12,7% |
| PAA | 9,0% | 5,4% | 8,0% | 7,4% | 7,5% |
| Ponto em estrada | 7,7% | 4,1% | 2,2% | 4,6% | 4,3% |
| Atravessador/ distribuidor | 5,1% | 2,7% | 2,2% | 2,3% | 2,8% |
| Bares | 1,3% | 1,4% | 0,0% | 3,4% | 1,7% |
| CDA | 3,8% | 0,0% | 0,0% | 1,1% | 1,1% |
| Outros | 6,4% | 6,8% | 0,7% | 5,7% | 4,5% |

A participação dos produtores em programas governamentais de comercialização, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), é baixa. A comercialização via PNAE ocorre com maior frequência na região Metropolitana (21,0%), seguida pela região Norte (16,7%), Sul (14,9%) e é menos frequente na região Central (12,2%). Já as vendas via PAA ocorrem com maior frequência na região Norte (9,0%), seguida por Metropolitana (8,0%) e Sul (7,4%), e com menor frequência na região Central. A comercialização via CDA foi constatada apenas nas regiões Norte e Sul. Embora a participação dos empreendedores nesses programas ainda seja pequena, o estabelecimento dessas políticas públicas para a agricultura familiar contribui para o desenvolvimento e surgimento de novas agroindústrias com o objetivo específico de fornecer alimentos para a merenda escolar via PNAE, por exemplo, e tem nesse mercado o principal ou o único canal de venda de produtos.

A comercialização com outras organizações (associações, cooperativas ou grupos informais) ocorre em 28,6% dos estabelecimentos localizados no estado. As regiões Sul (33,7%) e Metropolitana (31,9%) apresentaram percentual acima da média estadual, e as regiões Norte (23,1%) e Central (16,2%) apresentaram percentuais inferiores ao observado no estado.

11.2 COMERCIALIZAÇÃO EM OUTROS MUNICÍPIOS

Constatou-se que 50,3% das agroindústrias localizadas no estado comercializam seus produtos somente no município onde estão instaladas (Figura 57). Dos produtores que comercializam em outros municípios,

15,9% o fazem de forma irregular, ou seja, comercializam seus produtos sem o devido registro sanitário. Esse percentual é ainda maior nas regiões Central (25,7%) e Norte (25,6%) e menor nas regiões Sul (12,6%) e metropolitana (9,4%).

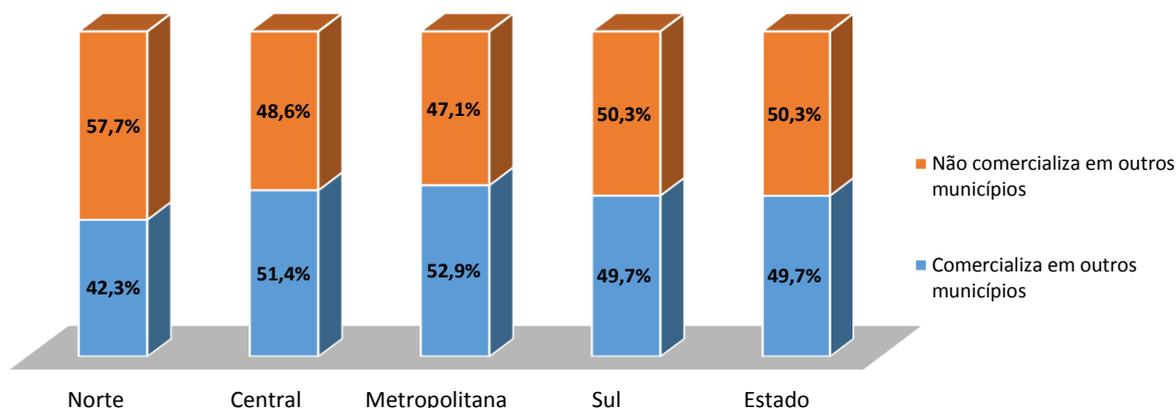


Figura 57 - Comercialização dos produtos em outros municípios.

Considerando apenas estabelecimentos que não comercializam em outros municípios (234), constatou-se que a maior parte deles não acessa esses mercados por não possuir registro sanitário (45,3%) e/ou pela produção em pequena escala (44,9%) (Figura 58). Um menor percentual de produtores não demonstrou interesse em comercializar os produtos fora do município (13,7%) ou tem dificuldade de transportar os produtos até outros municípios (11,5%).

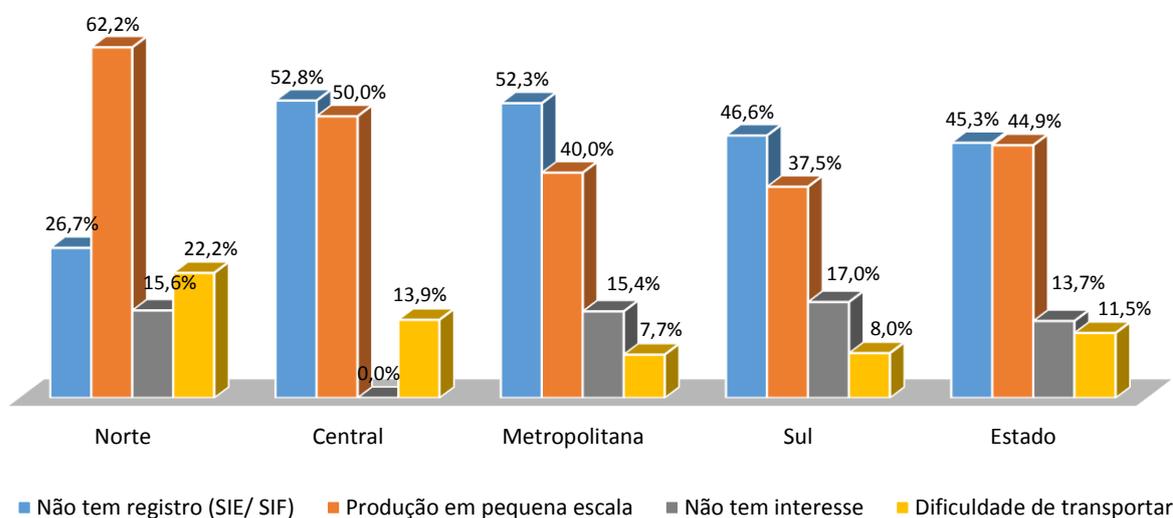


Figura 58 - Dificuldades na comercialização dos produtos em outros municípios.

11.3 FORMALIZAÇÃO DAS VENDAS

A maioria dos empreendedores (57,4%) comercializa seus produtos com nota do produtor rural (Figura 59). A comercialização de produtos sem nota fiscal ocorre em 53,8% dos estabelecimentos. A nota fiscal da empresa é utilizada por 11,0% dos empreendimentos. Uma pequena parcela de produtores comercializa com nota fiscal avulsa (1,9%), nota fiscal da cooperativa (1,5%) ou nota de venda da organização (0,4%).

Nas regiões Norte, Central e Sul prevalece a comercialização de produtos sem comprovação de venda, ou seja, sem nota fiscal, sendo o percentual mais expressivo dessa forma de comercialização identificado na região Norte (62,8%). Já na região Metropolitana, constatou-se o predomínio do comércio formal, principalmente por meio de emissão de nota do produtor. Cabe ressaltar que o somatório dos percentuais excede 100%, visto que alguns estabelecimentos comercializam os produtos de mais de uma forma, podendo, por exemplo, comercializar parte da produção com nota do produtor e outra parte sem nota. A comercialização dos produtos sem nota é comum em canais de venda direta, como a feira-livre e a venda em domicílio. Já nos canais formais, como supermercados, mercearias e compras governamentais, a emissão da nota fiscal é uma exigência para efetuar a venda.

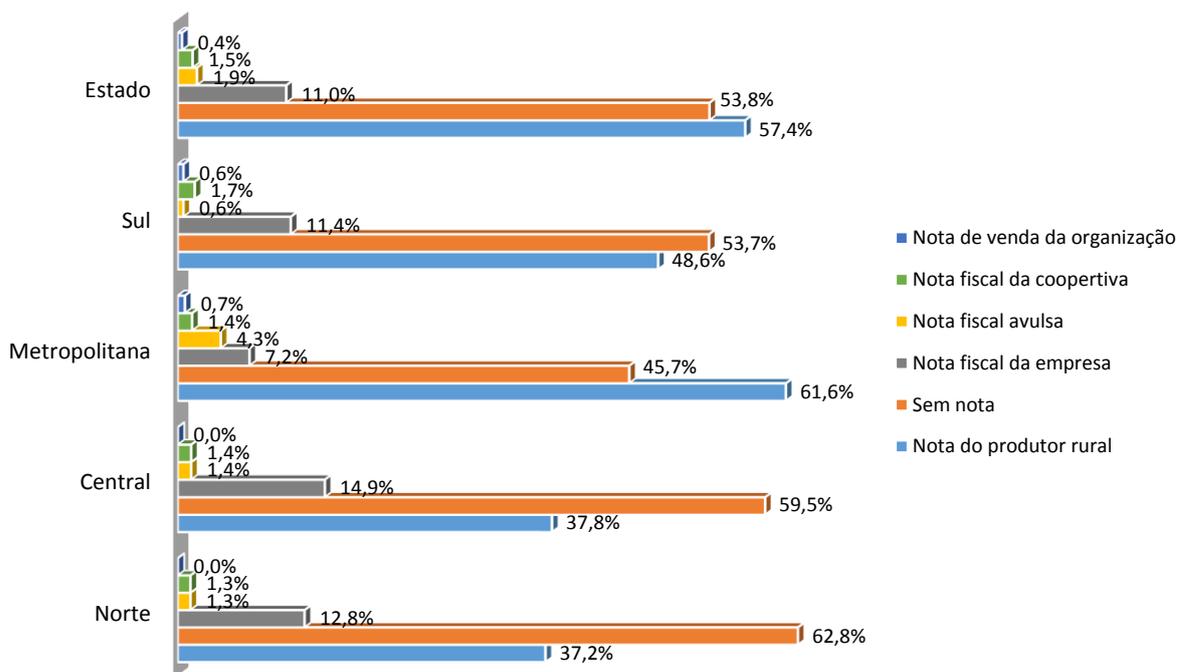


Figura 59 - Forma de venda do produto por região.

11.4 PREÇO DE VENDA DOS PRODUTOS

A maioria dos produtores (54,2%) estabelece o preço dos produtos com base no custo de produção, embora apenas 37,9% realizem o registro regular desses custos. O cálculo do preço também é baseado no valor ou custo da matéria-prima (29,2%) e no valor cobrado pelo concorrente (20,0%). O preço do produto é estabelecido de forma intuitiva por 12,0% dos entrevistados. Produtores que comercializam os produtos via programas governamentais, como o PNAE, têm o preço estabelecido por chamada pública (3,9%). Apenas 3,4% dos produtores praticam preço diferenciado conforme o volume de vendas. É importante ressaltar que 26,2% dos produtores calculam o preço com base em mais de um critério; portanto, o somatório dos percentuais excede 100%.

11.5 DIVULGAÇÃO DOS PRODUTOS

Apenas 32,2% dos produtores realizam algum tipo de propaganda dos seus produtos (Figura 60). Na região Metropolitana observou-se o maior percentual de divulgação, ainda que menos de 40% dos

estabelecimentos realize algum tipo de propaganda. A divulgação é menor ainda na região Norte, pois apenas 17,9% realizam algum tipo de propaganda dos produtos.

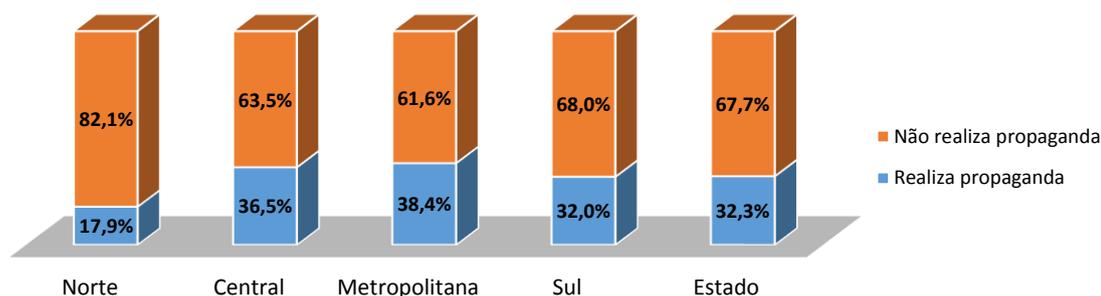


Figura 60 - Divulgação dos produtos ou da agroindústria.

Considerando apenas os produtores que realizam algum tipo de propaganda (150), constatou-se que o principal meio de divulgação dos produtos são as redes sociais (52,0%), seguido da propaganda boca a boca e do uso de materiais publicitários, como cartazes e panfletos (Figura 61).

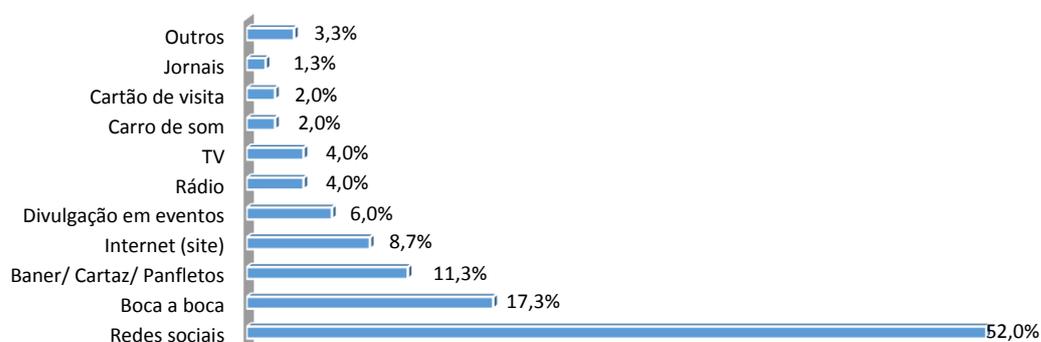


Figura 61 - Formas de divulgar os produtos ou da agroindústria.

A maioria dos produtos (76,1%) possui marca individual ou coletiva (Figura 62). Estabelecimentos com marcas individuais predominam nas regiões Metropolitanas, Sul e Central. A região Norte apresentou maior percentual de estabelecimentos com marcas coletivas (12,8%), e a região Central apresentou o menor percentual (2,7%). A região Norte destaca-se também pelo predomínio de empreendimentos que não possuem marca (48,7%).

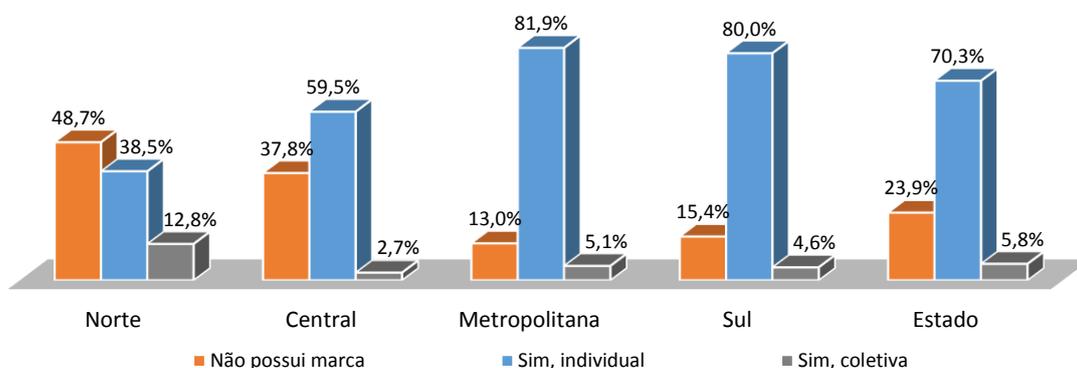


Figura 62 - Marca dos produtos ou da agroindústria.

11.6 DIFICULDADES NA COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

A principal dificuldade de comercialização relatada pelos produtores foi o aumento da concorrência (32,5%), sendo que a concorrência com produtos informais preocupou 2,8% dos produtores (Tabela 16). A dificuldade de acessar pontos de venda (20,9%) e a ausência de registro sanitário (20,2%) foram citados como entraves relevantes para comercialização dos produtos. Questões que interferem na operacionalização da entrega do produto, como dificuldades na logística de entrega (17,8%), falta de veículo adequado (12,7%) e condições ruins das via de acesso (4,7%), foram apontadas como entraves à comercialização dos produtos. Com relação ao produto, o preço praticado (8,0%), a falta de padronização (4,7%) e a baixa procura pelo produto (4,1%) também constituem entraves à comercialização. Alguns produtores (16,3%) relataram não ter problema algum com a venda dos produtos.

Na região Norte, a principal dificuldade de comercialização dos produtos é a ausência de registro sanitário (33,3%), seguida do aumento da concorrência (Tabela 18). O aumento da concorrência foi o maior entrave relatado por produtores das regiões Central, Metropolitana e Sul. A dificuldade em acessar os pontos de venda é uma queixa frequente dos produtores das regiões Metropolitana e Central. A ausência de registro sanitário é o segundo maior obstáculo na região Sul do estado. A concorrência com produtos informais é mais frequente nas regiões Sul e Norte; no entanto, também afeta produtores das regiões Central e Metropolitana. A região Metropolitana destaca-se pelo maior percentual de produtores que alegaram não ter problemas relacionados à comercialização do produto, seguida das regiões Norte e Sul.

Tabela 18 - Dificuldades encontradas na comercialização dos produtos por região

| Principais dificuldades na comercialização | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|---|-------|---------|---------------|-------|--------|
| Aumento da concorrência | 21,8% | 37,8% | 35,5% | 32,6% | 32,5% |
| Acessar pontos de venda | 14,1% | 23,0% | 30,4% | 15,4% | 20,9% |
| Ausência de registro sanitário | 33,3% | 21,6% | 17,4% | 16,0% | 20,2% |
| Logística de entrega | 17,9% | 16,2% | 19,6% | 17,1% | 17,8% |
| Falta de veículo adequado | 20,5% | 17,6% | 11,6% | 8,0% | 12,7% |
| Ausência de código de barras | 17,9% | 17,6% | 6,5% | 7,4% | 10,5% |
| Incerteza do recebimento (calote) | 11,5% | 4,1% | 9,4% | 10,9% | 9,5% |
| Preço do produto | 5,1% | 12,2% | 6,5% | 8,6% | 8,0% |
| Condições ruins das vias de acesso | 3,8% | 4,1% | 5,8% | 4,6% | 4,7% |
| Falta de padronização | 7,7% | 8,1% | 3,6% | 1,1% | 4,1% |
| Baixa procura pelo produto | 3,8% | 5,4% | 7,2% | 2,9% | 4,7% |
| Concorrência desleal com produtos informais | 3,8% | 1,4% | 1,4% | 4,0% | 2,8% |
| Outras | 0,0% | 2,7% | 1,4% | 6,9% | 3,4% |
| Nenhuma | 17,9% | 9,5% | 23,2% | 13,1% | 16,3% |

11.7 FREQUÊNCIA DE OFERTA DOS PRODUTOS NO MERCADO

A frequência de comercialização dos produtos é bastante variável. A maior parte dos estabelecimentos (43,9%) coloca o produto no mercado uma vez por semana (Figura 63). Há produtores que comercializam via encomenda (19,0%) sem uma frequência estabelecida; outros colocam produto no mercado todos os dias (18,2%). Uma pequena parcela dos produtores (7,1%) entrega os produtos à venda de duas a três vezes por semana, a cada quinze dias (6,3%) ou apenas uma vez ao mês (1,7%). Outros só comercializam

o produto quando conseguem atingir um volume adequado de produção (3,0%), ou seja, não há uma frequência estabelecida para oferta. Há ainda os produtos sazonais (0,6%), que só são disponibilizados em épocas específicas do ano. A venda semanal predomina em todas as regiões do estado e a venda por encomenda ocorre com maior frequência na região Metropolitana (29,2). A região Central apresentou maior percentual de produtores que disponibilizam os produtos diariamente (30,6%) ou de duas a três vezes por semana (8,3%).

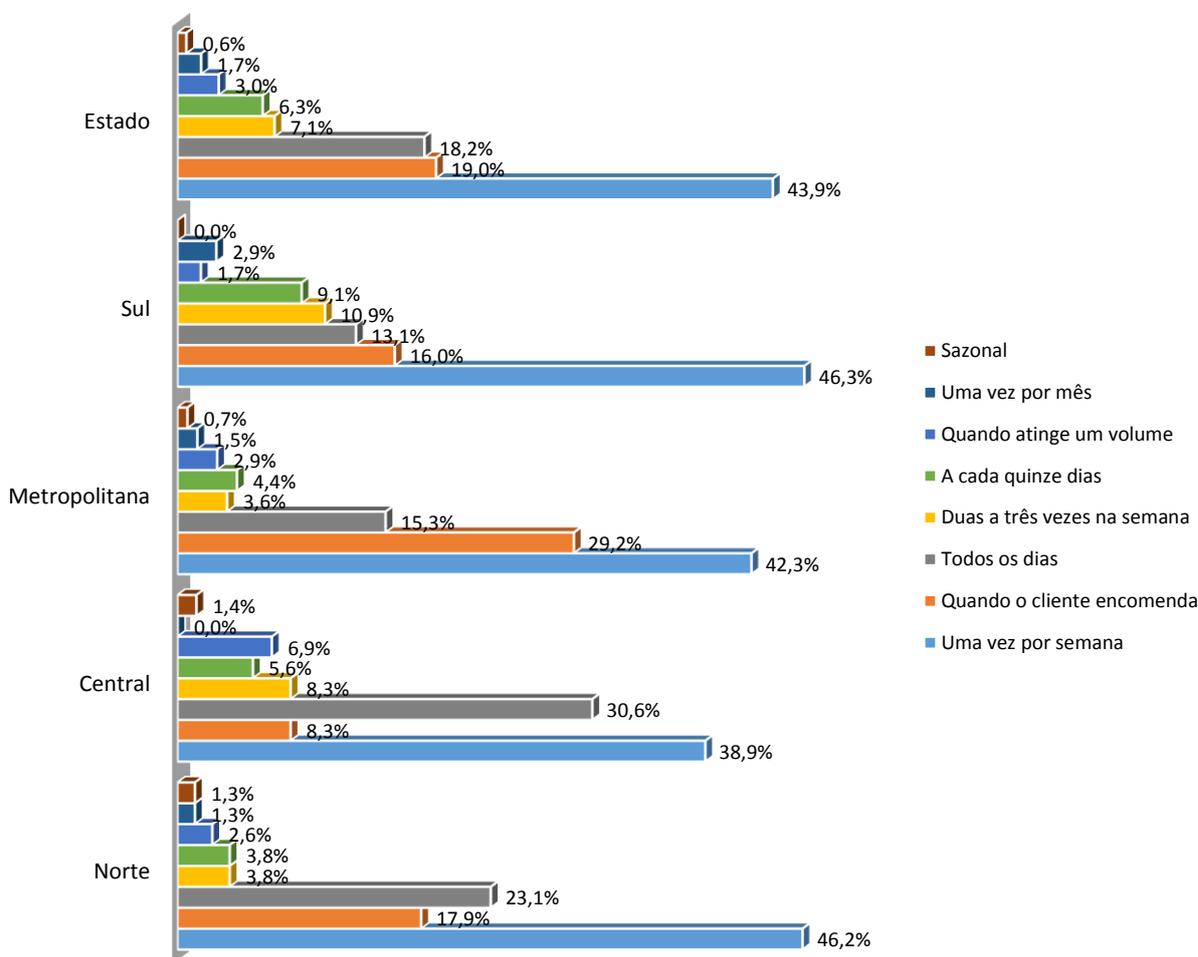


Figura 63 - Frequência com a qual os produtos são colocados no mercado.

12 DESAFIOS APRESENTADOS NO EXERCÍCIO DA ATIVIDADE

A maior dificuldade, apontada por 26,2% dos entrevistados, foi a adequação das instalações para cumprimento às legislações (Tabela 17). Em seguida, a comercialização dos produtos, o cumprimento da legislação sanitária, o custo da matéria-prima e embalagem, a logística, o acesso ao crédito e a aquisição dos equipamentos foram as principais dificuldades relatadas. Um pequeno percentual (3,7%) relatou não enfrentar problemas com a atividade.

Ao avaliar os entraves para o desenvolvimento da agroindústria em cada região, observou-se que a adequação das instalações é a principal dificuldade nas regiões Central (31,1%) e Metropolitana (30,4%) e uma dificuldade relevante nas demais regiões (Tabela 19). Na região Norte, a maior dificuldade é o acesso

ao crédito (29,5%), seguida da dificuldade de adequar as instalações (28,2%). Na região Sul, os maiores entraves são a comercialização do produto (26,9%) e os custos com matéria-prima e embalagens (26,9%).

Tabela 19 - Dificuldades encontradas no desenvolvimento da atividade por região

| Principais dificuldades enfrentadas | Norte | Central | Metropolitana | Sul | Estado |
|-------------------------------------|-------|---------|---------------|-------|--------|
| Adequação das instalações | 28,2% | 31,1% | 30,4% | 20,0% | 26,2% |
| Comercialização do produto | 17,9% | 27,0% | 23,2% | 26,9% | 24,3% |
| Legislação sanitária | 25,6% | 23,0% | 23,9% | 21,1% | 23,0% |
| Custo da matéria-prima/ embalagem | 25,6% | 16,2% | 17,4% | 26,9% | 22,2% |
| Logística | 24,4% | 24,3% | 25,4% | 14,3% | 20,9% |
| Capital de giro insuficiente | 14,1% | 21,6% | 21,7% | 24,0% | 21,3% |
| Acesso ao crédito | 29,5% | 24,3% | 13,0% | 14,3% | 18,1% |
| Aquisição de equipamento | 17,9% | 17,6% | 15,9% | 19,4% | 17,8% |
| Divulgação dos produtos | 15,4% | 16,2% | 16,7% | 11,4% | 14,4% |
| Mão de obra insuficiente | 6,4% | 10,8% | 13,8% | 12,0% | 11,4% |
| Assistência técnica insuficiente | 15,4% | 9,5% | 11,6% | 10,3% | 11,4% |
| Legislação tributária/ impostos | 12,8% | 9,5% | 15,2% | 6,9% | 10,8% |
| Legislação ambiental | 19,2% | 6,8% | 12,3% | 6,9% | 10,5% |
| Infraestrutura (água, luz, estrada) | 11,5% | 8,1% | 10,1% | 12,6% | 11,0% |
| Sazonalidade da matéria-prima | 6,4% | 8,1% | 8,7% | 12,0% | 9,5% |
| Descontinuidade da produção | 14,1% | 9,5% | 10,1% | 4,6% | 8,6% |
| Elaboração de rótulos | 5,1% | 13,5% | 7,2% | 7,4% | 8,0% |
| Baixo volume de produção | 5,1% | 6,8% | 15,2% | 5,1% | 8,4% |
| Formação de preço | 1,3% | 14,9% | 3,6% | 6,3% | 6,0% |
| Gestão da agroindústria | 10,3% | 5,4% | 2,2% | 6,9% | 5,8% |
| Acesso à informação | 3,8% | 8,1% | 6,5% | 6,3% | 6,2% |
| Manutenção de equipamento | 9,0% | 13,5% | 3,6% | 4,0% | 6,2% |
| Seleção de fornecedores | 5,1% | 0,0% | 3,6% | 5,1% | 3,9% |
| Meios de comunicação | 2,6% | 0,0% | 3,6% | 1,7% | 2,2% |
| Nenhuma | 5,1% | 0,0% | 5,1% | 3,4% | 3,7% |

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste levantamento evidenciam a importância social e econômica da atividade, desenvolvida principalmente pela agricultura familiar capixaba, e indicaram que ela se encontra em franca expansão. As informações obtidas revelaram necessidades e demandas dos empreendedores familiares rurais capazes de direcionar políticas públicas e ações estratégicas interinstitucionais com o intuito de apoiar e promover o desenvolvimento das agroindústrias familiares em todo o estado. Constatou-se diferenças entre as macrorregiões do estado, que devem ser consideradas nas ações a serem tomadas de modo a torná-las mais assertivas.

Por fim, ressalta-se a necessidade de realização periódica de pesquisas dessa natureza ou mais aprofundadas, a fim de manter essas informações atualizadas e mensurar a efetividade das ações implementadas para melhoria e qualificação das agroindústrias familiares do estado do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

DIAS, R. Q.; VINHA, M. B. **Agroindustrialização dos produtos da agricultura familiar no Espírito Santo**: Relatório da pesquisa 2013/2014. Atividades Rurais não Agrícolas. Vitória, ES: Incaper, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.incaper.es.gov.br/digital/bitstream/item/1133/1/BRT-agroindustrializacaodosprodu tosagriculturafamiliar-Incaper.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2019.

EPAGRI. **Diagnóstico das agroindústrias, dos empreendimentos de turismo e artesanato e das redes de cooperação da agricultura familiar da pesca artesanal e da maricultura de Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola da Epagri (Cepa/Epagri), 2017. Disponível em: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/agroindustria-familiar/>. Acesso em: 02 maio 2019.

GEOBASES. **Macrorregiões do Estado do Espírito Santo**. Vitória, ES: Sistema Integrado de Bases Geoespaciais do Estado do Espírito Santo, 2017. Disponível em: https://www2.geobases.es.gov.br/ftppublico/mapas_municipios/Macrorregi%C3%B5es.pdf. Acesso em: 30 nov. 2017.



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Estado da Agricultura,
Abastecimento, Aquicultura e Pesca



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

